

ANTONIO CLEITON RAMOS NEGREIRO

**A LINGUAGEM ESPORTIVA JORNALÍSTICA
ESCRITA: UM CONFRONTO LINGÜÍSTICO
ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O
PORTUGUÊS EUROPEU.**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Língua Portuguesa, sob a orientação do
Prof. Dr. Dino Fioravante Preti.**

**PUC/SP
SÃO PAULO
2003**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Manoel Ramos Negreiro (Nelo), em memória a cada dia mais presente, e Maria Viellas Negreiro (Lia), por me inculcaram na alma os princípios de vida, a retidão de espírito e o gosto pelo saber.

À minha esposa, Dalma Pecsí Ramos Negreiro, companheira inseparável de todas as horas, pela paciência, renúncia e incentivo.

Às minhas filhas, Camila Pecsí Ramos Negreiro e Viviénne Pecsí Negreiro de Ávilla, pelo estímulo e carinho. Fica aqui o meu desejo de que esta minha ação sirva a elas de exemplo de vida para a construção de uma sociedade melhor.

Aos meus colegas de curso, Denise Maria Bassi, Edson Correa de Oliveira, Elaine Ferreira dos Santos, Gil Roberto Costa Negreiros, Jahilda Lourenço de Almeida, Janayna Bertollo Cozer Casotti, Lea Poiano Stella, Viviane Maria Rodrigues Álvares Valim, Wilma Terezinha Liberato Gerab e tantos outros, pelo convívio alegre e pela amizade sincera e despretenciosa.

Aos meus mestres, Dra. Anna Maria Marques Cintra, Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Dra. Dieli Vesaro Palma, por me acrescentarem conhecimentos novos e inestimáveis.

Aos meus mestres, em especial, Dra. Ana Rosa Ferreira Dias e Dr. Dino Fioravante Preti, meu prezado orientador, os meus mais sinceros agradecimentos, pela paciência com que me ensinaram, pela dedicação que deram à minha causa, pela correção dos meus trabalhos, pela precisão de suas interveniências, pelas mãos amigas que jamais esquecerei...

A Deus, por me conceder a graça da vida e por me permitir o convívio com essas pessoas tão especiais.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é fazer um estudo comparativo entre a linguagem jornalística esportiva escrita praticada pela imprensa especializada portuguesa e brasileira. Embora as imprensas esportivas desses dois países, Portugal e Brasil, se utilizem de um sistema lingüístico comum, e elaborem seus textos a partir de um mesmo gênero textual jornalístico, as estratégias de comunicação com os seus respectivos públicos-leitores tendem a variar nas suas formas de expressão, em todos os seus aspectos, principalmente, nas questões que se referem às variações lexicais. O *corpus* do presente trabalho foi inteiramente levantado a partir dos principais jornais esportivos existentes nos dois países, a saber, *A Bola*, representando a imprensa esportiva de Portugal, e os jornais *A Gazeta Esportiva* e *Lance!*, representando a imprensa congênere brasileira. O trabalho centralizou, ainda, os seus esforços na linguagem jornalística esportiva praticada no futebol, por ser este o mais popular e comum dos esportes existentes nos dois países. Assim, sempre que possível, o trabalho se propõe a apresentar, num processo acreativo, um confronto entre as diversas formas de expressão das imprensas especializadas dos dois países. O trabalho constata, ainda, a partir das marcas de oralidade presentes na elaboração dos textos jornalísticos dos dois países, o *formalismo* lingüístico registrado pela imprensa esportiva escrita portuguesa em contra-partida com a presente *informalidade* expressa pela imprensa congênere brasileira. Finalmente, foram levantados, ainda, algumas peculiaridades sintáticas, convergentes ou não, encontradas nas construções das frases dos jornais esportivos desses dois países.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem jornalística esportiva - Variações lingüísticas - Português brasileiro/Português europeu - Gênero textual.

ABSTRACT

The aim of this work is to make a comparative study between portuguese and brazilian usage of journalistic sporting language practised by the press of both countries. Although the sporting press of these countries, Portugal and Brazil, make a common linguistic usage system and prepare their texts from the same journalistic textual type, the communication strategies with their readers has a tendency in to vary their expression way in all aspects, specially regarding to lexical variation. The *corpus* of the work was completely obtained from the main newspapers of the two countries, as follows: *A Bola*, representing the sporting press of Portugal, *A Gazeta Esportiva* and *Lance!*, representing the brazilian similar press. All efforts of this work are aimed on jornalistic sporting language of the football because this kind of sport is the most popular and common for both countries. Therefore, the work aims to present a face to face confront process among the several expression forms of the specialized press of both countries. This work still verifies, starting from the oral signes present in the journalistic texts of both countries, the linguistic *formalism* registered by the portuguese sporting press and the *informal* way of communication of the similar brazilian press. Concluding, were take out some syntactic peculiarities, convergent or not, which were find out in the sporting construction sentences of both countries newspapers.

KEY-WORDS: Journalistic sporting language – linguistic variations – brazilian Portuguese/european Portuguese – textual type.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	
A seleção do material lingüístico	
1. Apresentação	3
2. A Bola: um breve histórico	8
3. A Gazeta Esportiva: uma tradição na imprensa jornalística escrita brasileira	9
4. Lance!: a expressão da juventude	10
CAPÍTULO 2	
Variações lingüísticas	
1. Considerações iniciais	13
2. A formação do léxico	16
CAPÍTULO 3	
A linguagem esportiva jornalística escrita como gênero textual	
1. As linguagens especiais	22
2. Os limites da linguagem esportiva jornalística escrita	25
3. O público-alvo da mídia jornalística	26
4. A linguagem jornalística esportiva escrita como gênero textual	28
CAPÍTULO 4	
O léxico: a variação lexical na imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa e brasileira	
1. Considerações iniciais	32
2. Análise dos exemplos	35

CAPÍTULO 5

O formalismo da linguagem esportiva jornalística escrita portuguesa

1. Considerações iniciais	135
2. A linguagem oral e a linguagem escrita	135
3. O uso de termos e expressões raras – cultismo	143
4. O uso de parágrafos longos e complexos	144
5. O uso de perífrases verbais na forma infinitiva	148
6. O uso da inversão na ordem das frases	149
7. O uso de mesóclises	150
8. O uso do pretérito-mais-que-perfeito	151
9. O uso dos advérbios de lugar	152

CAPÍTULO 6

A informalidade da linguagem esportiva jornalística escrita brasileira

1. Considerações iniciais	157
2. O uso de termos e expressões informais	157
3. O uso de parágrafos curtos e simples	158
4. O uso de perífrases verbais na forma nominal de gerúndio	159
5. O uso da ordem direta na construção das frases	160
6. O uso da próclise	161
7. O uso dos advérbios de lugar	161
8. O uso da gíria	162
9. As gírias: um breve referencial teórico	163
10. Análise dos exemplos	169
11. Uma linguagem de <i>ethos</i> jocoso	171
12. A linguagem dos cruzamentos semânticos	172
13. Uma linguagem conotativa	172
14. A linguagem das metáforas	173
15. Uma linguagem de estruturas repetidas	173
16. Uma linguagem de expressões reduzidas	174
17. Uma linguagem de estruturas onomatopáicas	174
18. A linguagem das invencionices	175
19. A linguagem dos nomes próprios alterados	175

CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
-----------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
-----------------------------------	------------

Introdução

O nosso objetivo ao realizar o presente trabalho é este: fazer um estudo comparativo da linguagem jornalística esportiva, enquanto *gênero textual* escrito, utilizada pelos jornais especializados no ramo esportivo de Portugal e do Brasil.

Embora se utilizem do mesmo sistema lingüístico, as imprensas esportivas desses dois países se comunicam de maneira diferente com o seu público-leitor.

Assim, por se tratar de um estudo sobre linguagem esportiva escrita (e não falada), serão avaliadas neste trabalho questões relacionadas ao léxico esportivo utilizado pelos dois países, bem como outras relacionadas com as peculiaridades sintáticas encontradas nas construções das frases dos jornais esportivos desses dois países.

O confronto sugerido pela proposta do nosso trabalho outro objetivo não tem que o de demonstrar o funcionamento imparcial de cada uma dessas linguagens esportivas, enquanto gêneros textuais escritos.

A idéia de confronto sugere, ainda, levantar e avaliar, sempre que possível, num processo acareativo, as variações funcionais de uso nos seus aspectos lexicais, principalmente, e sintáticos, convergentes ou não, verificadas pelas imprensas esportivas escritas desses dois países.

Cumprindo, ainda, ressaltar que, embora o tema esteja aberto à linguagem esportiva de modo geral, por uma questão de delimitação de enfoque, procuramos centralizar os nossos esforços na linguagem esportiva futebolística, embora parte do nosso exemplário se refira também a outras modalidades esportivas.

A nossa escolha por esta modalidade esportiva se justifica por ser o futebol o mais popular dos esportes praticados nos dois países e, quiçá, o que mais desperta atenção da opinião pública em geral no mundo inteiro.

A fundamentação teórica do nosso trabalho buscará guarida basicamente nos estudos sociolingüísticos relacionados com as variações lingüísticas da língua portuguesa e a análise dos resultados terão uma avaliação qualitativa.

Na execução do nosso trabalho propriamente dito, faremos, no primeiro capítulo, uma apresentação do *corpus*, colhido dos mais representativos jornais esportivos de cada um desses dois países.

A seguir, no segundo capítulo, como já nos antecipamos acima, daremos uma introdução teórica das variações lingüísticas à luz dos mais recentes estudos sociolingüísticos.

No terceiro capítulo deste trabalho, faremos algumas reflexões teóricas sobre a linguagem jornalística esportiva escrita enquanto gênero textual de comunicação.

No quarto, tomando por base o *corpus* do nosso trabalho, faremos um levantamento das variações léxicais encontradas nas imprensas jornalísticas esportivas dos dois países.

No quinto, procuraremos demonstrar o formalismo da linguagem esportiva jornalística escrita de Portugal e o seu relacionamento com a norma culta da língua.

No sexto e último capítulo, ao contrário, procuraremos avaliar a informalidade da linguagem jornalística esportiva escrita do nosso país.

O confronto desses dois últimos capítulos nos permitirá avaliar as estratégias estilísticas utilizadas pelos jornais esportivos desses dois países na veiculação desse importante gênero textual de comunicação.

Capítulo 1

A seleção do material lingüístico

Apresentação

As reflexões do nosso trabalho sobre a linguagem esportiva jornalística tiveram como ponto de partida as reportagens esportivas veiculadas nos principais jornais de esporte dos dois países: Brasil e Portugal. Assim, para coletar os dados referentes à linguagem esportiva jornalística brasileira e constituir o nosso *corpus* de pesquisa, decidimos por selecionar os jornais *A Gazeta Esportiva* e *Lance!*

A nossa escolha por esses dois periódicos, no entanto, não foi casual. Na verdade, a nossa preferência recaiu, por um lado, sobre *A Gazeta Esportiva*, por ser ela o mais antigo jornal esportivo brasileiro que representa o gênero. A sua primeira edição data de 24 de dezembro de 1928 e, a partir de aí, ininterruptamente, ela vem sendo publicada com regularidade, o que comprova a plena aceitação pelo seu público leitor.

O outro jornal de nossa escolha, o tablóide *Lance!*, é uma iniciativa empresarial mais recente. A sua primeira publicação data, apenas, de 1997; porém, a sua aceitação entre os entusiastas brasileiros do gênero esportivo tem sido bastante significativa.

Para avaliar a linguagem esportiva jornalística portuguesa, a nossa escolha recaiu sobre o jornal europeu *A Bola*, simplesmente por ele representar o mais difundido tablóide esportivo lido pelo público lusitano.

Levamos em consideração, também, na escolha desse material lingüístico, dois outros fatores que julgamos relevantes: a periodicidade (diária) dos jornais e a abrangência territorial de suas publicações. Esses dois fatores, no nosso entender, garantem o maior alcance possível de um público quiçá diversificado.

A Gazeta Esportiva, por exemplo, foi distribuída praticamente em todo território nacional brasileiro, pelo menos até meados de 2002, quando já tínhamos levantado todo o

corpus do nosso trabalho. A partir de aí, como veremos mais adiante, a sua publicação ficou restrita aos meios digitais da *internet*. Como jornal circulante, no entanto, os seus exemplares foram distribuídos regularmente nos estados de São Paulo (Capital e Interior), Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, Brasília, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Alagoas, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Tocantins, Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia e Roraima.

O tablóide *Lance!*, por sua vez, tem uma área de distribuição um pouco menor; porém, há que se levar em consideração o seu ingresso relativamente recente no mercado jornalístico brasileiro e o fato de completar apenas o seu quarto ano de existência. Ainda assim, a sua distribuição incluiu pelo menos os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás, Minas Gerais e o Distrito Federal.

A *Bola* tem uma tiragem média de 159 860¹ exemplares e é distribuído em todo território nacional português, incluindo, ainda, aí, algumas ex-colônias lusitanas em que se fala o português. Ademais, fora do território português, onde o periódico não é distribuído com regularidade, é significativo o número de assinaturas em núcleos de imigrantes portugueses em todas as regiões do mundo, “em particular na Europa e nas Américas”:

Mais de 50 anos depois da fundação A BOLA destina-se, como sempre, ao público interessado no fenômeno desportivo. Beneficia de grande expansão, que cobre todo o território nacional, e de importante implantação nos núcleos de emigrantes, em particular na Europa e nas Américas, mas, por assinatura, chega a muitos outros lugares do Mundo. As vendas na emigração atingem números significativos e representam êxito único na imprensa portuguesa.

Nos últimos anos tem-se assistido a um crescimento constante de vendas em África e nos países de expressão oficial portuguesa. [...].

(Cf. www.a_abola_pt - Quem Somos_arquivos).

No Brasil, dada a importância do jornal *A Bola*, ele pode ser encontrado, ainda, em algumas bancas de jornal nas principais capitais dos estados brasileiros a fim de atender à

¹ Segundo informação do próprio jornal, “a tiragem média de ‘A BOLA’ no passado mês de Julho foi de 159 860 exemplares.” (V. edição de 1 de Setembro de 2001, p.48).

grande colônia de imigrantes portugueses que, como se sabe, se esparrama pelos quatro cantos do nosso país.

Isso tudo sem contar que todos esses periódicos contam com páginas de consulta na *internet* que garantem a nova ordem mundial de jornalismo: a globalização das suas reportagens.

Cumpramos, ainda, que, para a constituição do nosso *corpus* de trabalho, inicialmente pretendíamos aproveitar tão somente um vasto material lingüístico escrito do jornal europeu *A Bola* que já dispunhamos, datados de dezembro de 1994 a junho de 1995, perfazendo um ou dois exemplares de cada um dos meses consecutivos e intermediários desse período, para confrontar com edições atualizadas dos jornais brasileiros *A Gazeta Esportiva* e *Lance!*

Pensamos, assim, a seguir, em agrupar aleatoriamente três meses seguidos de cada um desses outros dois jornais brasileiros. Assim foi feito. Aleatoriamente, selecionamos os meses de abril, maio e junho de 2001 para colecionar os exemplares dos dois outros periódicos que serviriam como amostragem de confronto lingüístico ao material português já existente em nosso poder. Estávamos, até então, certos de que seis ou sete anos de diferença entre essas publicações escolhidas não nos fariam diferença alguma em termos de sincronização da linguagem entre os dois países, fator fundamental num estudo como este em que nos propusemos a fazer.

A idéia de que poderíamos estar errados com relação a este fato, no entanto, começou a nos incomodar. Afinal, num mundo globalizado como o nosso, onde as informações são recicladas a cada minuto e onde as mais influentes redes de televisão do mundo inteiro exercem sobre as comunidades de sua abrangência importantes influências culturais, seis ou sete anos, ponderamos, poderiam estar representando muitas e significativas alterações lingüísticas nas comunidades dos dois países.

Como consequência direta, essas alterações afetariam, também, e principalmente, no nosso entender, a linguagem jornalística escrita. Aliás, a linguagem televisiva só aparentemente é oral. Na maioria das vezes, trata-se, na verdade, de linguagem escrita lida. Assim ocorre nos noticiários telejornalísticos, nas novelas, nos programas humorísticos, nos filmes documentários etc. Portanto, ao impacto da globalização midiática da imprensa,

a linguagem jornalística escrita seria a primeira a ser afetada, senão de estrutura, pelo menos, de estilo.

Ponderamos, ainda, que, com o processo de globalização em franca implementação em todo o globo terrestre, o público brasileiro tem hoje oportunidade de assistir, por transmissões via cabo, a programas portugueses de toda sorte, sejam eles, culturais, esportivos, humorísticos, etc, transmitidos por importantes redes internacionais de emissoras de televisão, como a RTP, por exemplo. Por outro lado, a recente ampliação do mercado de TV a cabo possibilitou o intercâmbio de programas televisivos entre as duas nações. Como resultado desse processo, o Brasil, também, por exemplo, tem exportado com bastante regularidade as suas novelas para Portugal, levando ao povo daquele país a oportunidade de estar entrando em contacto com a linguagem peculiar da nossa cultura carioca.

Devemos considerar, ainda, nesse processo de transmutação, além disso tudo, a ação dos correspondentes esportivos existentes nos dois países, dos correspondentes responsáveis pelos noticiários econômicos, políticos e das reportagens em geral, dos programas humorísticos e de outros incontáveis intercâmbios culturais. Estes fatores poderiam, sem dúvida, estar refletindo fortes influências culturais e lingüísticas de um modo geral, nem sempre perceptíveis, numa velocidade muito maior do que poderíamos supor e, sobretudo, no que nos diz mais de perto, na linguagem jornalística esportiva escrita praticada nessas duas nações.

Pelo sim, pelo não, a dúvida nos impeliu a selecionar, também, periódicos mais recentes, que nos dessem a segurança de estar trabalhando com material lingüístico mais seguramente sincronizado. Assim, selecionamos, também, exemplares do jornal *A Bola* dos meses de setembro e outubro de 2001. Feito isso, agora, sim, podíamos ter a certeza de que estávamos trabalhando à luz de uma perfeita sincronia de tempo entre as duas modalidades de linguagem: a portuguesa e a brasileira.

Quanto ao material lingüístico propriamente dito, cumpre um esclarecimento: na nossa exemplificação de *corpus* evitamos nos valer das crônicas esportivas assinadas, onde a linguagem parece favorecer a um estilo individual mais intenso e que mais se aproxima da linguagem literária. Em outras palavras, um pouco mais técnicas, a linguagem das crônicas mais se aproxima daquilo que poderíamos caracterizar como linguagem *poética* ou

expressiva enquanto as reportagens se utilizam de uma linguagem mais tendente a uma comunicação *referencial*.

É claro que nenhum dos três jornais selecionados trabalha apenas com uma dessas linguagens funcionais a que nos referimos, seja ela reportagem ou crônica, assinada ou não. Na verdade, as diferentes linguagens funcionais se agrupam e se misturam, ora prevalecendo um tipo, ora privilegiando o outro.

Pretendíamos, ainda, evitar a utilização das reportagens assinadas pelos mesmos motivos alegados às crônicas. Mas, por alguma organização interna dos próprios jornais, principalmente o europeu, as reportagens também são assinadas (talvez por questões trabalhistas daquele país, pelas leis de imprensa ou, ainda, por outros motivos que desconhecemos).

Embora as duas modalidades jornalísticas sejam assinadas por razões diferentes, entre as crônicas e as reportagens, no entanto, existem diferenças fundamentais: enquanto numa a assinatura identifica o autor do estilo, como é o caso das crônicas, na outra, a assinatura identifica, além daquele que vai ser remunerado pelo feito da reportagem, aquele que vai responder pela veracidade das informações. Assim, nos decidimos por optar pelas reportagens desses jornais, assinadas ou não, por apresentarem, no nosso entender, uma linguagem um pouco mais próxima da linguagem usual e referencial e não pelas crônicas.

O jornalismo europeu, como se sabe, tem, antes de mais nada, um grande compromisso social com a informação, ou seja, “a teoria da responsabilidade social encontra-se na idéia de uma imprensa livre cujos atos são socialmente responsáveis. A liberdade de imprensa sempre depende de certas obrigações para com a sociedade.” (Cf. Kunczik, 2001:76).

Ao contrário, a imprensa brasileira segue o mesmo modelo liberal também adotado em outros países liberais do novo mundo, como os Estados Unidos, por exemplo:

À medida que cresceram as liberdades políticas, religiosas e econômicas, com o advento do Iluminismo, também aumentaram as exigências de uma nova autopropetuação da imprensa. Nasceu a teoria liberal, que chegou ao auge durante o século XIX. As pessoas eram consideradas seres racionais, capazes de distinguir entre a verdade e a mentira. A imprensa deveria ser, digamos assim, um sócio na busca da verdade, e não um instrumento do governo. A exigência de que a imprensa controlasse o governo surgiu com essa teoria. Tornou-se comum referir-se à imprensa como o “Quarto Poder”. (Kunckzi, 2001: 74-5).

O que importa observar aqui em relação às observações anteriores que fizemos é que ambas as modalidades de imprensa, ou seja, a de *compromisso social*, como é o caso do modelo português e a *liberal*, como é o caso do modelo brasileiro, são justificadas pelo comportamento lingüístico que os jornais adotam em suas reportagens. Em outras palavras, é a escolha da linguagem funcional adotada pelos jornais que vai determinar o modelo de imprensa que o jornal representa. Só estas diferenças já justificariam, em parte, uma linguagem mais *formal* e *compromissada* do modelo *socialmente comprometido* da imprensa portuguesa e a linguagem mais *informal* e *descompromissada* do modelo *liberal* sustentado pela imprensa brasileira.

A Bola: um breve histórico

A *Bola* é um tablóide português dedicado ao mundo esportivo, em particular, ao futebol. A sua tiragem média é de aproximadamente 159.860 exemplares por dia e a sua distribuição abrange todo o território português. Onde a sua distribuição não tem alcance, é grande o número de assinantes entre os núcleos de imigrantes portugueses espalhados por todo o mundo. Incluem-se, aí, as colônias portuguesas da África e das Américas.

A idéia embrionária do jornal surgiu da conversa entre dois amigos portugueses à mesa de um café lisboeta chamado Restauração. Eram eles os jornalistas Candido de Olivera e Ribeiro dos Reis. Inicialmente, os dois pretendiam concentrar esforços numa atividade profissional única direcionada aos esportes.

A idéia inicial foi bem aceita pelos dois amigos, mas faltava-lhe um importante requisito: o dinheiro. Juntaram-se, assim, a um terceiro sócio, Vicente de Melo, que, entusiasta do futebol, apresentava um amplo currículo dedicado às atividades administrativas ligadas ao mundo esportivo. Entre os três sócios, ele era o que mais se destacava como empresário e empreendedor e, como entusiasta esportivo, financiou o empreendimento.

Um quarto sócio, Artur Rebelo, agrega-se ao grupo e funda a *Riviarco*, sociedade civil que carrega as iniciais dos nomes dos seus sócios integrantes: RIbeiro, VIcente, ARtur

e Cândido. Problemas financeiros, entretanto, obrigam Artur a se afastar da sociedade que passa então a se chamar *Vicra*.

Na década de 1950, no entanto, o jornal ganha um novo chefe de redação: Vitor Santos. Vitor foi o grande responsável pelo impulso editorial do jornal. Nesse período, o jornal registrou um grande crescimento nas suas vendas e a qualidade editorial atingia sua mais significativa *performance*.

O jornal teve seis diretores: Álvaro de Andrade (1945-1972), Ribeiro dos reis (1951-1961), Vicente de Melo (1961-1972), Silva Rezende (1972-1975), Carlos Miranda (1975-1992) e Vitor Serpa (a partir de 1992).

Segundo o próprio jornal, *A Bola* “renovou-se, acompanhou a evolução dos tempos, mantém-se como jornal de referência e o seu prestígio é reconhecido em todo o Mundo.

A Gazeta Esportiva: uma tradição na imprensa jornalística escrita brasileira

A Gazeta Esportiva é o mais antigo jornal esportivo brasileiro que representa o gênero. A sua primeira edição data de 24 de dezembro de 1928. Pelo menos essa é a data de fundação que vem estampada como oficial na primeira página do jornal.

A data de sua criação, no entanto, é bastante controversa em função da maneira pela qual o jornal surgiu, isto é, inicialmente, como um dos vários suplementos e encartes do jornal paulista *A Gazeta* que começaram a circular a partir de 1918.

O jornal *A Gazeta*, por sua vez, foi criado em 16 de maio de 1906 pelo advogado, jornalista e poeta simbolista Adolfo Araújo, “com a intenção de fazer oposição política à publicação de *A Platéia*.”

A sua aceitação do jornal *A Gazeta* pelo público paulista era grande. Com a morte do seu fundador, no entanto, em 1915, o jornal foi vendido a Antonio Corvello que não conseguiu pôr fim a uma profunda crise financeira da empresa.

Em 1918, Cásper Líbero assumiu a presidência do jornal e a empresa passou por uma profunda modificação administrativa: a tiragem diária foi drasticamente reduzida, o sistema de distribuição foi totalmente remodelado e a publicação passou a contar com a criação de novos suplementos e encartes de duração incerta, porém, com bastante sucesso entre o público paulista.

Surgiram, assim, nesse período, vários suplementos e encartes jornalísticos como, por exemplo, a *Gazeta Magazine*, a *Gazeta em Rotogravura*, a *Gazeta Infantil*, entre outros. “Mas, o suplemento que mais se destacou foi, sem dúvida nenhuma, *A Gazeta Esportiva*, tanto que, alguns anos depois de sua criação, acabou transformando-se num jornal independente.” (Cf. www.fcl.com.br/história/tegazeta.htm).

A partir de 1930, *A Gazeta Esportiva* firmou-se como um suplemento especializado em esportes do jornal *A Gazeta* e circulava em todas as segundas-feiras na cidade de São Paulo. Em 1947, “o suplemento ganhou autonomia e deixou de ser encartado, transformando-se num jornal independente com circulação diária. Muitos consideram que este ano é a verdadeira data do nascimento do jornal.” (Cf. www.fcl.com.br/historia/tehisesp.htm).

Como encarte, suplemento ou jornal independente, o fato é que *A Gazeta Esportiva*, desde a sua criação, vem funcionando ininterruptamente até o ano de 2002. A partir desse ano, no entanto, a Fundação Cásper Líbero suspendeu a publicação gráfica desse importante jornal, mantendo-o disponível aos seus leitores somente via *internet*, o que já acontecia desde meados de 1999.

Lance!: a expressão da juventude

Lance! é um jornal brasileiro dedicado aos esportes de um modo geral, cuja aparência e distribuição das matérias lembram os formatos dos tablóides europeus.

Fundado em 1997 por Walter de Mattos Junior, o jornal é distribuído nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal.

O público leitor de *Lance!* é predominantemente jovem, do sexo masculino, cuja faixa etária se situa entre os 15 e 29 anos de idade.

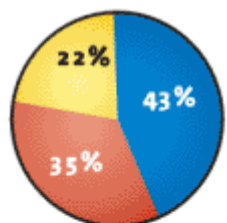
Notem-se os seguintes gráficos:



Fonte: www.lancenet.com.br

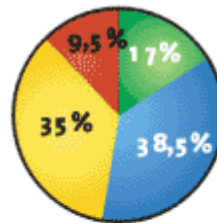
Segundo informações, ainda, do próprio jornal, 35% do seu público leitor tem só o ensino primário completo como grau de instrução. A grande maioria dos seus leitores (65%) ou concluiu o ensino médio ou, pelo menos, nele esteve matriculado (43%); 22% concluiu ou, pelo menos, esteve matriculado em algum curso superior. Majoritariamente, o jornal atinge as classes B e C economicamente ativas do país (73,5%). Notem-se os seguintes gráficos:

Grau de instrução



■ Até 1º grau completo
■ 2º grau completo e incompleto
■ Superior completo e incompleto

Classe social



■ A
■ B
■ C
■ D/E

Fonte: www.lancenet.com.br

Capítulo 2

Variações lingüísticas

Considerações iniciais

Entre tantos aspectos interessantes, provavelmente aquele que mais se destaque entre os estudiosos da linguagem seja justamente essa capacidade que a linguagem tem de variar as suas formas de expressão, isto é, a capacidade que ela tem e pode nos oferecer de dizer a mesma coisa de muitas outras formas diferentes.

É bom que se esclareça, no entanto, que essas variações lingüísticas geralmente se devem quase que exclusivamente a fatores fonéticos e à constituição lexical do idioma. Assim, de uma região para outra, por exemplo, vamos encontrar, com bastante freqüência, acentuadas variações de pronúncia, entonação de voz, timbre etc, e uma extensa variedade lexical.

Diversidade lingüística, no entanto, não significa *comprometimento* da unidade do sistema lingüístico como um todo. Assim, por exemplo, não podemos afirmar que, por ser diferente na sua forma de expressão, a imprensa jornalística escrita portuguesa esteja se afastando do mesmo sistema lingüístico que a imprensa escrita brasileira se utiliza ao realizar a sua diferente forma de expressão. O único objetivo de ambas é, em última instância, assegurar a realização da comunicação do jornal com o seu público-alvo.

Marçalo (1994: 91), por exemplo, é categórico em afirmar que as línguas mudam porque funcionam. Para esse autor, ainda, como qualquer sistema que se mantém em movimento, “o seu funcionamento, em oposição ao que durante alguns séculos se pensou, não é conflitual com a mudança, antes pelo contrário implica-a.” Para este autor, portanto, “não há contradição entre sistema e mudança.” Na verdade, segundo as convicções deste mesmo autor, o sistema lingüístico só pode ser entendido enquanto houver a compreensão desse movimento. Para ele, ainda, segundo suas próprias palavras, a língua é “algo vivo e como tal transforma-se sem cessar, não deixando jamais de desempenhar a sua função principal, a de ser um instrumento de comunicação.” Desta feita, Marçalo conclui que

as línguas não são nem estáticas nem homogêneas. As mudanças são explicadas dentro do funcionamento da língua. A própria estrutura de uma língua é um aspecto do seu funcionamento. Sendo qualquer mudança estrutural marca evidente da alteração efectiva. As relações das unidades e as suas modificações no interior de um sistema são determinadas por factores funcionais.¹

(Cf. Marçalo, 1994: 91).

Leite e Callou (2002: 8) também compartilham desta mesma forma de pensar e afirmam, por exemplo, que “é de se esperar [...] que na extensão do território brasileiro haja uma unidade lingüística, a língua portuguesa, mas também diversidade, os falares brasileiros.” Segundo essas autoras, “ao advogarem a ‘lusitanidade’ da cultura brasileira, os estudiosos teriam, necessariamente, de admitir que havia uma identidade lingüística e uma homogeneidade dentro de um conjunto heterogêneo, mais recentemente chamado de ‘português brasileiro’.” Para essas autoras, ainda, à homogeneidade do sistema em relação à diversidade lingüística vale a máxima “unidade na diversidade e diversidade na unidade (Cf. Leite e Callou: 2002: 12).”

Para Mello (1999: 23), “uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidades significativas dispostas em uma cadeia morfossintática.” Para ela, a língua “é muito mais do que um instrumento de comunicação.” Segundo esta mesma autora, ainda, a língua é “um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e a história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores, as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares.” Assim, segundo as suas conclusões, “não há sequer dois grupos sociais idênticos em todos os seus aspectos, inclusive o lingüístico (Cf. Mello, 1999: 23).”

Podemos concluir disto tudo que não são os limites geográficos que limitam os campos de atuação lingüísticas de uma nação. Para Mello (1999: 24), “ainda que consideremos a relação uma nação-uma língua ou uma língua-várias nações, iremos encontrar variações na fala de seus habitantes que não nos permitem afirmar se tratar apenas de uma comunidade lingüística.”

¹ Manteve-se aqui a grafia portuguesa, conforme edição original da obra.

Matoso Camara admite que a grande variedade de usos da linguagem sempre foi um dos fatores que mais dificultaram a tentativa de sistematização das gramáticas descritivas, “desde a Antiguidade Clássica”. Segundo este mesmo autor, as opiniões entre os teóricos da linguagem greco-romanos a partir deste assunto eram antagônicas: uma dessas correntes, a dos ‘anomalistas’, negava “a possibilidade de estabelecer regras gerais no uso lingüístico.” Os ‘analogistas’, por sua vez, segundo, ainda, este mesmo autor, “defendiam a possibilidade e a necessidade dessas regras, partindo do pressuposto de que o princípio filosófico da ‘analogia’ domina em geral o uso lingüístico, só dando margem a um número pequeno de ‘exceções’.” Esta questão polêmica só foi parcialmente resolvida “pela técnica descritiva dos métodos estruturalistas” propostos pelos modernos teóricos da linguagem (Cf. Camara Jr., 1970: 17).

Retomando um pouco o início desta introdução, podemos dizer que as variações lingüísticas podem ocorrer em vários níveis (fonético, morfológico, sintático, semântico, lexical) mas, certamente, o léxico é o grande responsável pela maior parte delas, por representar a parte do sistema que mais sofre influência das mudanças *geográficas* (variações *diatópicas*) ou *culturais e sociais* das comunidades de fala (variações *diastráticas*) ou, ainda, *estilísticas*, dependendo da situação mais ou menos formal do contexto de utilização da linguagem (variações *diafásicas*).

A linguagem jornalística esportiva portuguesa escrita se utiliza de uma norma lingüística diferente da congênere brasileira. A norma culta de Portugal, por exemplo, segue as variedades lingüísticas das "camadas cultas das regiões de Lisboa e de Coimbra", enquanto, a do Brasil segue "as variedades faladas no Rio de Janeiro e São Paulo". (Cf. Ferreira et alli, 1996, p. 484). Não há, no entanto, nenhuma primazia desta norma sobre aquela. Ambas representam apenas uma opção de uso pelas comunidades lingüísticas de cada um desses países.

Em qualquer um desses tipos de variações que nos referimos um pouco acima a questão da norma é secundária por estar relacionada a fatores exclusivamente extralingüísticos. A norma, como se sabe, é resultado de uma escala valorativa que, por alguma razão, privilegiou um tipo de variedade *diafásica* (ou de registro) dando a ela um prestígio de cunho social. O que nos importa saber sobre as variações lingüísticas, no entanto, é que o maior índice de diversidade ocorre no léxico. O léxico é, assim, a parte da

língua mais sujeita a variações. A sua importância está, ainda, na sua capacidade de transformar-se rapidamente, atualizando o contexto da enunciação.

Dada a importância do léxico no estudo das variações lingüísticas, falaremos a seguir um pouco sobre a sua formação na língua portuguesa.

A formação do léxico

Para Fiorin, “o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração”. Para ele, ainda, o léxico de uma língua “permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque nos mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém.” Concluindo, Fiorin afirma categoricamente que o léxico “é reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.” (Cf. Fiorin, 2000: 226).

O léxico é a parte fundamental das variações lingüísticas. É por meio da criação de novos vocábulos, das substituições de velhos termos, da agregação de novos conceitos em antigos vocábulos etc., que a linguagem se mobiliza estruturalmente para atender às novas expectativas dos seus falantes. Para Preti (1989: 157), “o léxico reflete a condição dinâmica da língua. Na sua contínua renovação para representar a diversidade material e ideológica do mundo, é o léxico, mais do que qualquer outro campo da língua, que exprime melhor a mobilidade das estruturas sociais.”

Como se sabe, a formação básica do nosso léxico teve a sua origem no latim. Mas “não é o latim a fonte única do nosso léxico, e concebe-se facilmente porquê.” (Cf. Sousa da Silveira, 1972: 21). Segundo este mesmo autor, ainda:

[...] Um povo não vive isolado, segregado de todos os outros povos do mundo: tem contacto com alguns deles, e relações, de vária espécie, com quase todos. E a sua língua pode receber tal ou qual influência das línguas desses outros povos. Foi o que sucedeu ao latim no tempo antigo, e depois continuou a suceder quando, já diferenciado em português, arrancou vôo da ‘ocidental praia lusitana’ e foi pousar e expandir-se em África, Ásia, América e Oceania. (Id. *Ibidem*)

Ao contrário do que se possa imaginar, a formação lexical atual da moderna língua portuguesa ainda tem, como sempre teve, o empréstimo dos vocábulos das línguas estrangeiras como uma das principais fontes de construção do léxico.

Evidentemente, na construção lexical do nosso idioma, o nosso léxico permanentemente sofreu ou sofre fortes influências daqueles outros que mais interagiram ou interagem com a nossa cultura. No caso brasileiro, indubitavelmente, a nossa atual interação cultural está estreitamente interligada, por exemplo, com a comunidade norte-americana.

Uma rápida busca, e perceberemos que a ampliação do nosso léxico está presente em todos os ramos de atividades que unem os povos desses dois países: os laços econômicos, os eventos esportivos, os costumes alimentares, os vestuários, os avanços tecnológicos etc.

A história nos confirma que o léxico do moderno português ampliou-se consideravelmente a partir do século XVI, quando Portugal representava, ainda, um dos mais importantes povos navegantes do mundo. Nesse período, as navegações marítimas portuguesas pelo mundo em fora fizeram com que muitas palavras estrangeiras, das mais variadas regiões do mundo quinhentista se incorporassem ao vocabulário lusitano.² Muito pouco antes disso, ainda, o idioma português era “pobre e rude, servindo apenas para a expressão das necessidades da vida doméstica, pastoril, agrícola ou guerreira, em cujos setores se desenrolavam então as atividades do povo lusitano.” (Coutinho, 1969: 164).

A importância desta fase inicial, no entanto, caracterizou-se pela fixação do substrato da língua portuguesa que garantiu a sua identidade enquanto língua autônoma, de uso geral e coloquial, de domínio público, dona de um vocabulário próprio, ainda que rude, e de uma sintaxe definitivamente estruturada e bem definida:

[...]. O léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de uma lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais, e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. esse fundo

² “Do contacto internacional com os outros idiomas, a partir principalmente do século XVI, incorporaram-se no vocabulário luso muitas palavras estrangeiras.” (Coutinho, 1969: 165).

comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O resto do vocabulário pode modificar-se mais ou menos rapidamente, porque reflete a vida sócio-econômica de um povo.

(Fiorin, 2000: 226).

Horta Nunes nos apresenta quatro momentos/domínios de construção do léxico brasileiro.³

De acordo com os seus estudos, a importância do primeiro momento que “se situa no início da colonização com os relatos das viagens que descreviam as coisas e os habitantes do país” foi a ampliação enciclopédica do nosso léxico, cujas descrições temáticas procuraram retratar as coisas do Novo Mundo, entre elas os nomes das plantas dos animais, pássaros, aldeias indígenas etc.⁴

O segundo grande momento da formação do léxico brasileiro, conforme as suas conclusões, ainda, teve um incremento com as ações catequéticas dos padres jesuítas no período colonial. O contacto dos padres missionários com os indígenas brasileiros forçou, de certa forma, a necessidade veemente de que as barreiras comunicativas dessa interação fossem quebradas. Assim, segundo, ainda, este mesmo autor, “houve no Brasil, na Época Colonial, uma importante produção de dicionários bilíngües português-tupi/tupi-português.” (Idem, 2001: 74).

Num terceiro momento, surge em Lisboa, em 1789, o primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa. Trata-se de o “Dicionário da Língua Portuguesa,

³ [...] O primeiro momento se situa no início da colonização com os relatos das viagens que descreviam as coisas e os habitantes do país. O segundo concerne à elaboração de dicionários bilíngües português-tupi e tupi-português por missionários jesuítas, na Época Colonial. O terceiro é marcado pelo aparecimento do primeiro dicionário monolíngüe do português (1789). O quarto compreende a produção de dicionários brasileiros no século XIX, desenvolvida paralelamente à produção portuguesa. (Nunes, 2001: 72).

⁴ No século XVI, viajantes portugueses, franceses, alemães, entre outros, deixaram escritos, Estes estão na origem de um discurso lexicográfico no Brasil. Eles contêm comentários sobre as coisas e os habitantes do país, inseridos no fio do discurso, seja pontualmente nas narrações e descrições, seja sob a forma de listass temáticas que recortam o rela (plantas, animais, pássaros, aldeias indígenas etc.) Os primeiros esboços de trabalho sobre o léxico provêm deste esforço para enfrentar a realidade do Novo Mundo. As palavras faltam, escapam, deslizam. Ao mesmo tempo, aparece uma língua já em funcionamento para dizer esse mundo: o tupi, utilizado na elaboração dos comentários. Porém, na Época Colonia a questão da língua nacional ainda não se coloca. Os comentários sobre o léxico não pressupõem uma unidade de língua. O que se constrói é antes disso um saber de tipo enciclopédico no qual joga a relação das palavras às coisas. (Nunes, 2001: 72-3).

elaborado pelo brasileiro Antonio de Moraes Silva”. Este dicionário “conheceu oito reedições no século XIX, com revisões e acréscimos.” A grande importância deste dicionário, sempre segundo as observações de Horta Nunes, é que a obra “conjuga tradição brasileira e tradição portuguesa. Ela torna visível as diferenças e semelhanças, as inclusões e exclusões.” O autor destaca a importância desta publicação afirmando que “os efeitos especulares provocados pela inserção desse dicionário na conjuntura brasileira desempenhará um papel decisivo na gramatização do português do Brasil.” (Idem, 20001: 76-7).

O quarto momento apresentado por Horta Nunes diz respeito às gramáticas brasileiras publicadas concomitantemente às gramáticas portuguesas no século XIX. Para o autor, “a língua nacional portuguesa, uma vez consolidada, emerge mais claramente para os brasileiros como uma alteridade que eles incorporam ou distinguem conforme o caso.” Em nota de rodapé, o autor baseia-se em conceitos de *heterogeneidade lingüística* formulados por Eni Orlandi⁵ “para tratar o fato de que no Brasil fala-se a mesma língua que em Portugal, mas de modo diferente.” (Idem, 2001: 79-80). Nesse período, a lexicografia da língua portuguesa foi incrementada com a publicação de dicionários bilíngües português-tupi/tupi-português, editados no Brasil, e com a publicação de dicionários monolíngües elaborados em Portugal. Destacaram-se nesse período, as obras de Costa Rubim, Macedo Soares e Beaurepaire Rohan. (Idem, 2001: 80).

Apesar dos quatro momentos iniciais de formação do léxico brasileiro apresentados por Horta Nunes, podemos constatar que o processo não pára por aí. Ao contrário, a língua está sempre em permanente mudança e isso inclui, principalmente, a renovação e a atualização constante do léxico.

Essas mudanças ocorrem geralmente em função de transformações sociais. Os usuários da língua, enquanto sujeitos-agentes, são os grandes responsáveis por esse processo contínuo de elaboração da língua. (Cf. Biderman, 2001:179). Para essa autora, ainda,

⁵ Nunes refere-se à obra “A língua brasileira”, In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*; (23): 29-36, Jan/Jun, Campinas 1994: 31), de autoria de Eni Orlandi.

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (Idem, ib.)

A sociedade brasileira, por exemplo, foi marcada por uma forte influência francesa no início do século XX. Nesse período foram introduzidos ao léxico da língua portuguesa vocábulos como, por exemplo, *avalanche, banal, buquê, cabaré, debutar, envelope, greve, toaleta, restaurante* etc, isto só para citar algumas. (Cf. Ilari, 2002: 75-6).

A partir da segunda metade do século, no entanto, a influência da língua inglesa foi cada vez mais tomando espaço na formação do léxico da língua portuguesa (e de outras, também) dada a importância da economia norte-americana sobre os destinos da economia mundial.

Assim, como já dissemos um pouco acima, muitas palavras ligadas ao vestuário, ao comércio, ao esporte, ao cinema, a mídia e, sobretudo, mais recentemente, aos avanços tecnológicos, principalmente aos relacionados à informática, foram incorporadas ao léxico brasileiro. São exemplos disso as palavras inglesas tais como: *uísque, clube, futebol, lanche, gangue, xerife, revólver, sanduíche, xerox, recorde, beque, deletar, modem, laser, coquetel, copidescagem, performance, sueter, piquenique, videoclipe* e muitas outras.

Inicialmente o empréstimo dessas palavras estrangeiras se mantém na sua forma original pelas suas acentuadas divergências sonoras e gráficas das duas línguas, considerando-as nas duas modalidades: oral e escrita.

Paulatinamente, à medida que elas vão sendo mais difundidas na comunidade pelos seus usuários, vão, também, sendo assimiladas pelas estruturas vernáculas até chegarem ao ponto que praticamente deixam de ser reconhecidas como estrangeiras. Para o sistema lingüístico, no entanto, esse processo de absorção é um ganho, pois, de maneira nenhuma, altera o sistema lingüístico como um todo.

A mídia é uma das grandes responsáveis pela difusão destas influências culturais e lingüísticas importadas de outros países. Formadoras de opinião pública por natureza, ela tem o poder de disseminar entre os membros da comunidade não só os novos valores culturais mas também os lingüísticos. Interessadas em aumentar o faturamento de suas

vendas, tanto o jornal quanto o rádio e a televisão têm o interesse em veicular uma linguagem mais próxima possível da maneira de se expressar do seu público consumidor.

Em Portugal, por exemplo, a imprensa jornalística esportiva escrita mostra-se mais resistente às invasões estrangeiras que a imprensa brasileira, pelo menos no que se refere às questões lingüísticas. As gírias, por exemplo, continuam estigmatizadas e os neologismos são, de pronto, destacados em itálico.

No Brasil, ao contrário, a linguagem usada pela mídia de um modo geral mostra-se mais receptiva aos neologismos e às gírias. A partir das últimas décadas do século XX, por exemplo, o uso da gíria aumentou bastante e contribuiu sobremaneira para o enriquecimento da variedade lexical “nas mais variadas situações de interação, com os mais variados tipos de falantes (inclusive os cultos)”:

Não estaríamos exagerando, se disséssemos que esse vocabulário se expandiu consideravelmente, na época contemporânea, surgindo inclusive em situações de interação formal e constituindo, hoje, uma marca representativa do léxico popular na linguagem urbana comum.

(Prete, 1999: 25).

Evidentemente que há razões histórico-culturais que diferenciam os dois países e que chegam mesmo a alterar as expectativas lingüísticas dos usuários do sistema mas que não cabe aqui discutir. Apenas para citar um único exemplo, lembramos que Portugal não passou, como o Brasil, pelas mesmas experiências de país colonizado.

Capítulo 3

A linguagem esportiva jornalística escrita como gênero textual

As linguagens especiais

A linguagem esportiva é *especial* por atender aos interesses de comunicação de grupos sociais fechados. Fechados no sentido de que todos os integrantes desses grupos sociais são levados a um mesmo interesse comum, no nosso caso, uma modalidade esportiva qualquer. Assim é que temos, por exemplo, como *linguagens especiais*, a linguagem própria dos amantes do automobilismo, do tênis, do futebol, da natação, do iatismo, dos motociclistas, dos alpinistas etc.

Assim como as gírias, cada uma dessas modalidades esportivas tem os seus vocábulos próprios, geralmente constituídos por um léxico *técnico* ou *especializado*, composto por neologismos que normalmente indicam a origem dos países que as criaram. Inicialmente esses vocábulos técnicos se mantêm inalterados em sua forma original e na medida em que a modalidade esportiva vai ganhando em popularidade e prestígio social, há uma tendência de que os mais expressivos sejam assimilados e lexicalizados pela língua que os recebe.

Neste sentido, percebemos, de início, que a noção de *linguagem especial* se aproxima muito da conceituação de *gíria* e, até certo ponto, elas se confundem, embora existam entre ambas diferenças básicas e bastante significativas.

Começamos por dizer que, enquanto a gíria procura agregar membros de uma *mesma* camada ou grupo social, a linguagem esportiva procura agregar membros de *todas* as camadas ou grupos sociais em torno de um *mesmo* interesse comum. Neste sentido, podemos dizer que, enquanto a gíria tem um caráter *hermético* em seu sentido mais restrito, a linguagem esportiva tem um caráter *aberto e abrangente*.

Se há entre essas duas modalidades de expressão lingüísticas (a *gíria* e as *linguagens especiais*) fatores divergentes, há entre elas, também, pontos que são comuns. As duas formas de comunicação, por exemplo, são *agregativas*, isto é, tanto as *gírias* quanto as *linguagens especiais* procuram unir interesses comuns de um mesmo grupo social. Neste particular, *gíria* e *linguagem especial* se confundem.

Nas *linguagens especiais* de um modo geral, no entanto, como a *linguagem econômica*, a *linguagem científica*, a *linguagem política* ou, ainda, a *linguagem jurídica*, entre tantos outros tipos de *linguagens especiais*, por exemplo, não há, em princípio, uma “intenção declarada de não se fazer entender”. Aliás, para Feijó, esta diferença básica já seria “o suficiente para não se caracterizar esta *linguagem esportiva* como *gíria*, pelo menos em sentido rígido e específico.” (Cf. Feijó, 1994: 29).

A *linguagem especial* dos estudantes, dos advogados, dos médicos, dos marginais etc, são, num sentido lato da palavra, *gírias* propriamente ditas na medida em que cada uma delas representa uma forma especial de comunicação de um *mesmo* grupo social e que consegue manter em cada um desses grupos sociais os *mesmos* interesses comuns de um grupo primário qualquer.¹ Segundo Feijó, ainda, nas *linguagens especiais* “devem-se encontrar fatores psicológicos, sociais e de qualquer outro tipo que reúnem os indivíduos em torno de grupos de equivalentes, como de trabalho, de profissão superior, de credos religiosos, de atividades esportivas etc”. Nesse sentido, conforme já observara Celso Cunha, toda *gíria* constitui uma *linguagem especial*, embora nem toda *linguagem especial* seja *gíria*. (Cf. Feijó, 1994: 29).

Há, assim, nas *linguagens especiais*, uma predominância da função referencial.

¹ “Grupos primários são aqueles nos quais ficamos conhecendo intimamente outras pessoas como personalidades individuais. Isso ocorre através de contatos sociais que são íntimos, pessoais e totais, porque envolvem muitas partes da experiência de vida de uma pessoa. No grupo primário, como a família, ‘panela’ ou conjunto de amigos íntimos, os relacionamentos sociais tendem a ser informais e descontraídos. Os membros estão interessados uns pelos outros como pessoas, confidenciam esperanças e temores, partilham de experiências, conversam agradavelmente e satisfazem à necessidade de companhia humana íntima. No grupo secundário os contatos sociais são impessoais, segmentários e utilitários. Não se tem interesse por outra pessoa como pessoa, mas sim como funcionário que está cumprindo um papel. As qualidades pessoais não são importantes; é importante o desempenho – somente aquela parte ou segmento da personalidade total envolvida no cumprimento de um papel. O grupo secundário poderia ser um sindicato trabalhista, um clube de campo ou uma Associação de Pais e Mestres, ou poderiam ser duas pessoas negociando rapidamente sobre o balcão de uma loja. Em qualquer caso, o grupo existe para um propósito específico limitado, envolvendo apenas um segmento das personalidades de seus membros.” (Horton & Hunt, s.d.).

A linguagem esportiva de um modo geral, no entanto, e em particular a linguagem utilizada no futebol, por exemplo, vai um pouco mais além do que as outras linguagens especiais de que se tem notícia. Na verdade, ela se apresenta como uma nova e interessante forma de interação social.

Nestes casos, o que percebemos, então, é que uma rede de grupos primários menores, de objetivos totalmente diversos, se unem em torno de um único objetivo momentâneo comum, no caso um evento esportivo qualquer, no nosso exemplo, o futebol, para integrar um novo *grupo de encontro* que se apresenta agora com características verdadeiramente *terapêuticas*.² Ou melhor, para nos restringirmos apenas aos caminhos da linguagem, podemos dizer que grupos primários menores, que se utilizam de registros de linguagem diferentes se unem em torno do evento esportivo para formar um novo *grupo de encontro* que se utiliza de uma linguagem especial comum com características verdadeiramente *terapêuticas*. Nessa união, as diferenças de *status* social de cada um dos membros integrantes dos grupos são esquecidas ou afrouxadas. Médicos e engenheiros, funcionários públicos ou de uma repartição particular qualquer, operários de construção civil e serventes de limpeza, por exemplo, podem, perfeitamente, participar de uma torcida futebolística onde os interesses de vitória de um mesmo time sejam comuns entre eles. Esta diferença é bastante significativa porquanto percebemos que a gíria é bastante *restritiva* e *hermética*, enquanto a linguagem esportiva é *abrangente* e *aberta*, embora ambas tenham em comum um caráter *agregativo*.

Por outro lado, enquanto a gíria comum procura garantir um caráter hermético e pictórico entre os componentes de um grupo que compartilha de um mesmo *status* social, cujo objetivo é o de garantir a unidade e a preservação grupal, a linguagem esportiva busca uma adesão da maior parte possível da comunidade lingüística, pouco se importando com o *status* individual de cada um dos seus membros integrantes. Em outras palavras, enquanto a

² Segundo Horton & Hunt, apoiados em idéias de Burton, os *grupos de encontro* são definidos de um modo geral “para incluir ‘todas as experiências de sensibilidade, meditação, expressão corporal, ampliação da consciência e outras.’” Para esses autores, ainda,

“O objetivo de um grupo de encontro pode ser educacional, dirigido principalmente para melhoria em aprendizagens emocionais e de atitudes, ou pode ser terapêutico, visando auxiliar os membros a se entenderem e a interagirem mais confortavelmente com os outros. Embora os grupos terapêuticos mencionados reúnam pessoas que partilham do mesmo problema, um simples grupo de encontros pode abranger pessoas com todos os tipos de problemas.” (idem).

gíria procura distanciar-se do restante da comunidade lingüística em geral como um todo, a linguagem esportiva procura dar um sentido de *cumplicidade* entre as diferentes classes sociais.

Os limites da linguagem jornalística esportiva escrita

A linguagem jornalística esportiva escrita é muito mais comedida que a linguagem jornalística esportiva radiofônica. O jornal limita o texto que, por sua vez, também, tem limites de espaço. Normalmente o jornal narra um fato consumado. Há uma grande distância entre o fato consumado de ontem e a publicação jornalística que o público tem acesso somente no dia seguinte nas bancas de jornais. Por essa razão, a linguagem jornalística esportiva escrita é, de certa forma, uma linguagem elaborada, planejada, que mais se aproxima de uma linguagem culta literária e bem diferente, portanto da locução simultânea que representa a fala na sua mais simples e pura expressão.

Quando falamos em linguagem elaborada, no entanto, não estamos pretendendo dizer com isto que a linguagem oral não seja elaborada e que não tenha as suas próprias regras de planejamento. E menos ainda, não pretendemos com isto afirmar que a linguagem escrita seja, como bem observou Marcuschi (2001: 47), “a passagem do caos para a ordem.” Ao contrário, entendemos que a fala tem as suas próprias regras de elaboração e planejamento.

Se, por um lado, na nossa cultura ocidental a linguagem escrita parece gozar de uma certa primazia sobre a linguagem oral, por outro lado, reconhecemos que não se pode falar em linguagem escrita sem antes falar em oralidade.³ E mais: entendemos ainda que a passagem da linguagem falada para a linguagem escrita é simplesmente “a passagem de uma ordem para outra ordem.” (id. *ibidem*).

Para Kato (1998: 25-6), no entanto, “a linguagem oral é altamente dependente do contexto, enquanto a escrita é contextualizada”. Neste sentido, o narrador quando realiza sua ação lingüística, está totalmente absorvido pela contextualidade do evento esportivo.

³ “A escrita nunca pode prescindir da oralidade.” (Ong, 1998: 16).

Segundo esta mesma autora, ainda, “a coesão, na linguagem oral, é estabelecida através de recursos paralingüísticos e supra-segmentais [...]” (Idem).

Marcuschi, por outro lado, prefere não estabelecer dicotomias estritas entre as duas modalidades de linguagem: a oral e a escrita. Para esse autor, essas duas modalidades da linguagem alternam-se num permanente *continuum* de gêneros textuais.⁴ Assim, segundo suas conclusões, podemos encontrar características de linguagem falada na linguagem escrita da mesma maneira que, na linguagem escrita, podemos encontrar fortes sinais de oralidade:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlacionam os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais – discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

(Marcuschi: 2001, 42).

O jornal não conta o evento esportivo que acontece *agora*, como é o caso da narração radiofônica, mas o evento que aconteceu *antes*. Ainda assim, encontramos na linguagem esportiva jornalística escrita fortes marcas de oralidade que procuram reavivar na memória do leitor aqueles momentos emocionantes do evento esportivo.

O público-alvo da mídia jornalística

Quando se pensa em criar uma publicação jornalística qualquer, pensa-se, segundo Paillet (1986: 106), em três elementos básicos: “os meios que podem ser colocados à disposição do empreendimento; o ‘alvo’, ou seja, o público procurado e, eventualmente, o conteúdo da mensagem global que se quer transmitir.”

⁴ “[...] tanto a fala como a escrita apresenta um *continuum de variações*, ou seja, a *fala varia* e a *escrita varia*. Assim, a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas.” (Marcuschi: 2001: 42).

A primeira fase do processo de criação de uma publicação jornalística, segundo ainda as observações de Paillet (1986: 107), vai procurar determinar “as dimensões do empreendimento”, definir que tipo de estrutura ela terá, isto é, se será uma empresa capitalista, cooperativa, etc.

Quanto à determinação do público-alvo para a criação de uma publicação especializada, Paillet observa que o fato se trata de “uma escolha, que leva em consideração elementos complexos.” Normalmente, a escolha se dá por uma subordinação a uma posição assumida de ordem política ou cultural, por exemplo, ou, como ocorre na maioria das vezes, segundo, ainda, as suas conclusões “ela é fixada pela audiência de grupos sociais determinados”. (Idem, 1986: 107).

As publicações especializadas apóiam-se em muitos fatores. As diferenças de *sexo*, por exemplo, segundo Paillet, representam “a imponente edificação da imprensa feminina [...]”. “Na sua esteira surgiram”, ainda, sempre conforme as observações de Paillet, “uma imprensa familiar [...] um setor erótico florescente, inclusive de publicações para casais e para ‘desviantes’ sexuais de todos os tipos”. (Idem)

Outro fator, também, é apontado por Paillet como uma das importantes características que contribuem para a criação de publicações especializadas: a *idade*. Segundo este mesmo autor, ainda, este fator responde pelas publicações diversificadas em prol da criança, pelas publicações semanárias e mensais dedicadas aos adolescentes, bem como pelas publicações reservadas aos representantes da terceira idade.

Finalmente, Paillet (1986: 107) aponta “a infinita diversidade de especializações, de profissões, de lazer, de *hobbies*, de técnicas, de conhecimentos de ciências que provocam o surgimento de revistas, boletins, *media* de publicação mais ou menos regular, de níveis extremamente diversificados” como importantes fatores que suscitam a criação de publicações especializadas.

Evidentemente, cada um desses muitos tipos de publicações, por serem especiais e por terem públicos leitores muito bem definidos e específicos, têm uma grande preocupação, é claro, com a linguagem utilizada para interagir com os seus leitores.

Cada uma dessas publicações responde por um tipo de registro diferente de linguagem para atender as expectativas lingüísticas dos seus leitores.

O grau de sofisticação especializada pode, assim, alcançar um *continuum* lingüístico que vai desde um simples registro coloquial informal até um alto grau de especialização formal ou técnica.

Segundo Paillet (1986: 109), “uma publicação muito especializada pode, evidentemente, adotar um nível de elaboração elevado, uma linguagem no limite do exotérico, cheia de signos e de cumplicidade.”

Um pouco mais adiante, ainda, referindo-se ao *L'Equipe*, o jornal esportivo diário francês de maior circulação, este mesmo autor recomenda que o registro lingüístico de uma publicação, por mais especializada que seja, não deve “desencorajar por dificuldades semânticas nenhum leitor, mas, por outro lado, fornecer ainda assim uma impressão de tecnicidade, de cumplicidade.” (Idem, 1986: 109).

A linguagem jornalística esportiva escrita como gênero textual

A linguagem jornalística esportiva é hoje concebida como um *gênero textual*. Dada a multiplicidade de gêneros existentes, no entanto, não nos é possível identificar um conjunto de propriedades únicas que diferencie de maneira cabal o gênero jornalístico, por exemplo, de outro qualquer.

Sobre este mesmo assunto, Marcuschi (2002: 29) afirma que “os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas.” Mais adiante, ainda, Marcuschi nos dá a garantia de que “um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero.” (Idem, 2002: 30).

O que se pode dizer seguramente sobre os gêneros é a capacidade que eles têm de funcionar como facilitador da comunicação entre interlocutores que vivenciam um mesmo contexto situacional.

Durante muito tempo, pelo menos no entendimento ocidental, a conceituação de *gênero textual* sempre esteve ligada aos resultados das publicações literárias. Esta concepção tornou-se hoje obsoleta e passa por constantes revistas conceituais.

Se assim era entendida no passado, a noção de gênero ampliou-se hoje de maneira surpreendente, principalmente a partir dos primeiros estudos sobre a oralidade que se deu na segunda metade do século passado.

Os órgãos de imprensa falada e escrita, de um modo geral, contribuem hoje sobremaneira, por exemplo, para o surgimento crescente de novos *gêneros textuais* “tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.” (Cf. Marcuschi, 2002: 20).

Em função desses novos meios tecnológicos de comunicação, cada vez mais diminui a polaridade entre as modalidades oral e escrita da linguagem. Os noticiários, as novelas, os filmes, os documentários, os programas cômicos, os comerciais, por exemplo, que podem parecer à primeira vista frutos da oralidade são, na verdade, resultados da linguagem escrita. Por outro lado, as cartas eletrônicas, os bate-papos virtuais, os telegramas, que se utilizam da escrita como meio de comunicação comportam-se, no entanto, mais próximas da oralidade.

Com essas novas orientações epistemológicas, os estudos sobre os *gêneros textuais* mudaram radicalmente de foco, ou seja, os aspectos *formais* abriram espaço para as investigações sobre os aspectos *funcionais* da linguagem.

O que nos interessa agora, de fato, é saber que é impossível a comunicação verbal “a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*.” (Marcuschi, 2002: 22).

Metaforicamente, podemos dizer, ainda, que os gêneros funcionam como trilhos para os caminhos textuais e que, sem os quais, não nos é possível estabelecer comunicação com os nossos interlocutores.

Entendida hoje a linguagem “como uma forma de ação social e histórica”, os gêneros textuais “se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.” (Id. *Ibidem*).

Convém, aqui, fazermos uma rápida distinção entre *tipo textual* e *gênero textual*.

Segundo Marcuschi (2002: 22), o tipo textual se caracteriza por “uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).”

Para Marcuschi (2002: 22), ainda, o *tipos textuais* abrangem não mais do que “cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.*”

Os *gêneros textuais*, por sua vez, representam uma “noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” E mais: os *gêneros textuais* são incontáveis. (Cf. Marcuschi, 2002: 22-3).

Podemos entender como *gêneros textuais* as seguintes ações sociais que se realizam por meio da linguagem:

telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

(Cf. Marcuschi, 2002: 23).

Um mesmo *gênero textual* pode abrigar vários *tipos textuais*. No gênero jornalístico, por exemplo, podemos encontrar textos *narrativos, argumentativos, expositivos, descritivos* ou, ainda, *injuntivos*.

Marcuschi (2002: 23-4) nos chama a atenção, ainda, para a vaguidade conceitual de mais uma expressão amplamente discutida pelos estudiosos das questões textuais e ligada a esse mesmo campo semântico: o *domínio discursivo*.

Segundo as suas observações sobre este assunto,

usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios,

falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

(Marcuschi, 2002: 23-4).

A linguagem esportiva jornalística veiculada pela imprensa escrita portuguesa não se comporta da mesma maneira que a congênere brasileira.

Embora o *gênero textual* de ambas pertença ao mesmo *domínio discursivo*, a primeira comporta-se de maneira bem mais formal que a segunda, e se utiliza de uma linguagem funcional bem mais próxima da modalidade escrita, concorrendo, muitas vezes, com o estilo literário.

A imprensa brasileira, por sua vez, se utiliza de uma linguagem mais comum, mais próxima da oralidade, oferecendo ao seu leitor uma linguagem bem mais informal e que mais se aproxima de uma conversa face-a-face entre amigos.

O uso funcional desta ou daquela linguagem na elaboração dos textos jornalísticos, no entanto, certamente respondem às expectativas de comunicação do público leitor deste ou daquele país.

Quanto à dicotomia existente entre o formalismo português e o informalismo brasileiro, Marcuschi (2002: 33) nos dá a resposta, ao afirmar que

[...] seria bom ter em mente a questão da relação oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois, como sabemos, os gêneros distribuem-se pelas duas modalidades num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana.

Capítulo 4

O léxico: a variação lexical na imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa e brasileira

Considerações iniciais

A linguagem jornalística esportiva escrita nos jornais portugueses não é exatamente a mesma que aparece nos correspondentes gêneros de tablóides jornalísticos brasileiros. Há entre elas uma diferença de *registro* bastante variada e significativa.

Embora representem o mesmo *gênero textual*, como vimos no capítulo anterior, a imprensa esportiva escrita de Portugal se utiliza de uma estrutura diferente da imprensa esportiva brasileira para se comunicar com os seus leitores.

Essas diferenças estruturais se devem, principalmente, à escolha dos vocábulos em cada uma delas. É importante, assim, ter-se em conta que as duas ou mais formas de expressão pertencem ao mesmo sistema lingüístico e contribuem igualmente na formação do léxico da língua portuguesa. Assim, o processo seletivo de um vocábulo ou outro se dá de acordo com as concepções de mundo e de realidade comuns a cada uma das comunidades de fala que se utilizam dessas formas estruturais, no caso, Portugal e Brasil.

Apesar de todas as variações que a língua pode nos oferecer, um outro aspecto importante se torna relevante. Trata-se da *invariabilidade* da língua enquanto sistema, isto é, a capacidade que ela tem de se manter inalterada nos seus aspectos mais profundos.

Assim, quando falamos em *variedades lingüísticas*, estamos querendo dizer que apenas parte da estrutura lingüística pode sofrer alterações, se consideradas as possibilidades de variações de usos dos seus falantes. Essas variações lingüísticas estão estreitamente relacionadas às possíveis variações nas estruturas sociais da comunidade que interferem diretamente no *modus vivendi* dos seus usuários e dos vários papéis sociais que cada um desses indivíduos representa nos diversos grupos de que participa. A outra parte do sistema lingüístico, a maior delas, no entanto, mantém-se inalterada por representar a

estrutura profunda da língua, o substrato lingüístico. Em outras palavras, podemos dizer que a variação ocorrida na estrutura social da comunidade pode interferir e alterar a estrutura lingüística dos diversos grupos de uma comunidade. No entanto, esta alteração só ocorre apenas em parte da estrutura lingüística.

Para Aleong (2001: 150), se outros setores da língua não são tão susceptíveis de mudanças mais rápidas do que se pode esperar, é porque “nem todos os elementos têm o mesmo valor funcional nem a mesma 'saliência' na interpretação social que se fará do fato lingüístico”. Nesse sentido, a sua conclusão nos parece óbvia: “num dado estágio do desenvolvimento de uma língua, algumas partes admitem mais variações que outras.” Sem dúvida, o léxico é a principal delas.

Convém lembrar, no entanto, como vimos no capítulo anterior, que a língua possui um *fundo comum* que não é passível de mudanças e garante, portanto, a integridade do sistema lingüístico.

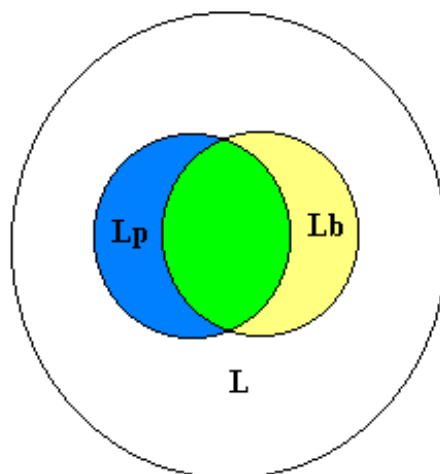
Assim, se, por um lado, um grande grupo de palavras é praticamente invariável por pertencer ao *fundo comum* da língua, por outro, a maioria delas é altamente susceptível de variação pois “designam objetos e idéias que estão sujeitos mais frequentemente a contatos interpovos e, portanto, interlingüísticos.” São as chamadas palavras *culturais*. Segundo Elia (1987: 71), esse grupo de palavras diz respeito “ao progresso científico e tecnológico, à criatividade artística, à moda, ao intercâmbio comercial, à variedade da flora e da fauna.” Não é difícil deduzir que a este grupo pertencem as palavras *gírias*, utilizadas pelos *grupos solidários* da sociedade “ou a sua margem”, como os estudantes, os malfeitores, os presidiários etc, e as *linguagens especiais* utilizadas pelos *grupos profissionais* das diversas áreas, de um modo geral, como dos médicos, dos pescadores, dos militares e dos esportistas, por exemplo (Idem, 1987: 71-2).

Isso posto, a conclusão parece óbvia: as variedades lingüísticas, embora possam ser imensas em suas ocorrências, são superficiais em sua natureza. Em outras palavras, as variedades lingüísticas não chegam a atingir o substrato lingüístico do idioma e menos, ainda, não chegam a comprometer a sua identidade enquanto sistema. Ao contrário: existe uma tendência e um consenso geral entre todas as facções sociais menores que compõem a totalidade da comunidade lingüística para preservar e manter essa identidade da língua como convém a toda instituição social.

Para Jakobson, por exemplo, “o princípio das invariantes nas variações é a chave de toda descrição lingüística. É ele que cria o conceito de ‘padrão’ (ing. pattern), cuja apreensão numa língua dada é o objetivo central da gramática descritiva de tal língua.” (Cf. Jakobson apud Camara Jr., 2000: 17). Em outras palavras, cumpre observar que embora os falantes de regiões diferentes de uma mesma comunidade lingüística apresentem formas variadas de se comunicar, esses diversos grupos sociais conseguem manter uma unidade de interação e uma identidade lingüística nacional.

Cada uma dessas facções sociais e profissionais a que nos referimos um pouco acima tende a construir uma linguagem especial própria, constituída de um léxico comum e peculiar que permite aos seus membros se identificarem mutuamente e se aproximarem socialmente uns dos outros, criando seus próprios símbolos e valores e, ao mesmo tempo, contribuindo para a preservação de sua identificação grupal. As gírias marginais e as linguagens esportivas são bons exemplos desses tipos especiais de linguagens.

Esquemáticamente, podemos chamar de **L** o léxico geral da língua portuguesa, de **Lp** o léxico mais freqüentemente empregado pela imprensa jornalística portuguesa e de **Lb** o léxico mais freqüentemente empregado pela congênera brasileira. **Lp** e **Lb** pertencem ao mesmo **L** geral que constitui o conjunto lexical da língua portuguesa. Como vimos, a seleção dos vocábulos pelas imprensas esportivas dependerá do conceito de mundo de cada uma das comunidades lingüísticas desses dois países. Note-se, então, o seguinte esquema:



A intersecção entre os dois conjuntos lexicais (Lp e Lb) representa o conjunto de similaridade entre ambas e o restante, as variações existentes em cada uma delas.

A seguir, damos algumas dessas variações que podem ser encontradas com regularidade na imprensa jornalística escrita portuguesa e, em contra-posição, os termos correspondentes frequentemente encontrados na imprensa jornalística escrita brasileira.

Os exemplos a seguir foram, assim, extraídos do *corpus* do nosso trabalho:

Adepto e torcedor

Praticamente todos os times de futebol que participam dos campeonatos oficiais têm os seus simpatizantes que os apoiam, assistem aos seus jogos decisivos e manifestam as suas alegrias quando estes fazem o gol da vitória.

Cada um desses simpatizantes é conhecido individualmente pela imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita como *adepto*.

Em Portugal, o *conjunto* desses simpatizantes recebe o nome de *claque* e, no Brasil, de *torcida organizada*, como teremos oportunidade de ver mais adiante deste trabalho.

O vocábulo *adepto* provém do latim *adeptus* e é, desde o século XVIII, utilizado em língua portuguesa com o sentido de "partidário, sectário." (Cf. Cunha, 1982: 14).

Em Portugal, portanto, *adepto* é o nome que se dá aos indivíduos que demonstram ter preferências por algum clube.

No Brasil, esses mesmos indivíduos são chamados de *torcedores* pela imprensa jornalística esportiva escrita.

O vocábulo *torcedor* provém de *torcer*, do latim vulgar *torcere* que originalmente significa "dobrar, vergar, entortar" e, por uma de suas acepções extensivas, "simpatizar, incentivar." (Cf. Cunha, 1982: 776).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Fazendo apelo ao sentimento patriota, **adeptos** vindos das mais diversas proveniências, desde o Minho ao Algarve, emprestaram o seu apoio aos jogadores lusos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 5).

“Enquanto os **adeptos** esperavam pelos jogadores da saída dos balneários, o grupo de atletas que se encontra na condição de dispensado, passou pela porta principal do estádio.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 21).

“Finalmente o goleador brasileiro apareceu ao seu estilo, como os **adeptos** leoninos sempre desejaram, anotando também o seu terceiro golo pela equipa leonina em três jogos.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 3).

“Logo depois começou a festa dos poucos **adeptos** lusos, só interrompida pelo minuto de silêncio guardado em memória das vítimas dos atentados nos EUA...” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 3).

“Os **adeptos** do Boavista aguardaram e, quando o F. C. Porto-Belenenses chegou ao fim, na casa boavisteira soltaram-se as palmas e as gargantas, registava-se então a primeira ovação da noite.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 4).

“Nem a chuva nem o frio foram argumentos suficientes para demover os **adeptos** do Sp. Braga da sua intenção de acompanhar a equipe na viagem à Invicta.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 7).

Brasil

“O **torcedor** que comprou antecipadamente o ingresso para a partida de hoje pode pedir o dinheiro de volta em virtude da mudança de horário do jogo.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 4).

“Os **torcedores** corintianos esgotaram em dois dias os oito mil ingressos para a final do Paulistão, que foram colocados à venda no Parque São Jorge.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 5).

“Insatisfeitos com a equipe, os **torcedores** começam a pedir a entrada de Tuta.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 15).

“O motivo foi o incidente envolvendo **torcedores** do clube, que lançaram uma motocicleta da arquibancada superior do Estádio San Siro, quando o setor inferior já estava vazio.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 21).

“Naresi coloca em campo a força máxima, esperando apoio dos **torcedores** do clube.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 12).

“Juliano fez o quarto do Sapão levando ao delírio os **torcedores** locais.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

Apuramento e classificação

Em Portugal, a imprensa jornalística esportiva escrita se refere ao andamento da fase seletiva entre as equipes envolvidas em um campeonato de futebol qualquer como fase de *apuramento*.

Em outras palavras, é nesta fase de *apuramento* que ocorre a consolidação das posições contextuais das equipes durante a realização de um campeonato qualquer e que indicará, no final do processo, o time considerado campeão pelo seu melhor desempenho.

O termo *apuramento* provém de *puro*, originário do adjetivo latino *purus* cujo significado se relaciona com substância isenta de qualquer mistura e que não tenha sofrido qualquer tipo de alteração.

O processo seletivo do campeonato tem justamente esta intenção: depurar as equipes a fim de que, no final, fique apenas a melhor equipe, a vencedora, a campeã.

No Brasil, esta fase processual de seleção entre as equipes é tratada pela imprensa jornalística esportiva escrita como fase de *classificação*.

O termo *classificação* tem origem no *classification* francês que, por sua vez, também derivou do francês *classifier* que literalmente significa *distribuir em classes*.

Ora, a *classificação* dos times durante a realização de campeonatos de futebol nada mais faz do que distribuir as equipes em *primeiros colocados*, *segundos colocados* e assim por diante.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“A Seleção portuguesa de Sub-21 está apenas a um ponto de garantir o primeiro lugar do seu grupo na fase de **apuramento** para o Campeonato da Europa da categoria.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 5).

“A excelente campanha rubricada pela selecção portuguesa de Sub-21 nesta fase de **apuramento** para o Campeonato da Europa, onde soma cinco vitórias e um empate, permite-lhe estar, nesta altura, a apenas um ponto de garantir o primeiro lugar do seu agrupamento, numa altura em que lhe faltam disputar dois jogos.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 5).

“Mas, caso cheguem ao final da fase de **apuramento** na situação em que se encontram, não haverá problema na fase final do Campeonato do Mundo, uma vez que todos os cartões, passe a expressão, serão limpos. Mesmo os daqueles jogadores que sejam expulsos por acumulação.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 4).

“Decorria ainda o **apuramento** para o campeonato da Europa do ano passado.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 7).

“Realce para o facto de Constantinou ser, com apenas 21 anos, o segundo goleador de sempre da selecção do Chipre, com nove golos, cinco dos quais apontados nesta fase de **apuramento** para o Mundial.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 7).

“A começar pelos resultados do colectivo e por uma vitória sobre o Liverpool, que garante imediatamente o **apuramento** para a fase seguinte da Liga dos Campeões.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 12).

Brasil

“O Botafogo acumulou 18 dos 26 pontos conquistados na fase de **classificação**, com quatro vitórias e três empates, ganhando o ponto extra nos pênaltis.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 7).

“A etapa de **classificação** do torneio não poderia ter terminado melhor para a equipe de Campinas, que ficou na primeira posição 3 entre os 16 times e ainda viu seu arqui-rival, o Guarani, ser rebaixado.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 7).

“O treinador do Santos, Geninho, não tem dúvida. A ascensão da equipe no final da fase de **classificação** do Campeonato Paulista, que culminou com a ida da equipe para as semifinais da competição estadual, é mais confiável do que a que o time viveu no início do mesmo Paulistão.” (*Gazeta Esportiva*, 11.5.2001, p. 4).

“Na fase de **classificação** do Paulistão 2001 havia garantido pontos para sua equipe em decisões de pênalti contra as equipes do Rio Branco e Ponte Preta.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 5).

“Os dois times só garantiram **classificação** para a final na Sexta e última rodada da Segunda fase.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

“O Galo só conseguiu **classificação** por melhor saldo de gols (4 contra) do Villa).” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

Assobio e vaia

Os grandes espetáculos populares sempre foram marcados pela manifestação interativa do público em geral.

Desde a época do império romano, por exemplo, os gladiadores mortalmente feridos em luta pediam, com um gesto do dedo indicador, clemência ao público para continuar vivendo.

Este, por sua vez, com o polegar para cima ou para baixo, manifestava a sua intenção, atendendo ao pedido do gladiador moribundo ou determinando a sua execução definitiva.

O primeiro espetáculo desta natureza que se tem notícia se deu por volta de 264 a.C. e sobreviveu aproximadamente por 700 anos.

Tem-se notícia de que as últimas exhibições deste tipo de espetáculo, que foi considerado o favorito entre os romanos, tenham ocorrido até meados do ano 425 da era cristã.

Modernamente, nos grandes espetáculos populares, o público manifesta o seu contentamento ou desagrado por diversos meios ruidosos que vão desde os aplausos de aprovação aos desqualificantes *assobios*.

Incluem-se, ainda, nestes tipos de manifestações populares, as **vaias**.

O ato de *vaiar* é, assim, uma manifestação coletiva que expressa o desagrado popular durante a realização de um evento qualquer (esportivo, político etc.).

O termo *vaia* provém do italiano *baia* e do espanhol *vaya* que tem o sentido literal de *xingamento, apupo* (Cf. Silva, 2002: 456).

O motivo desta ação pode ser explicado por uma sensação de desafio coletivo diante do adversário ou, ainda, por um sentimento de provocação ou superioridade.

O desagrado popular também pode ser motivado, ainda, por uma quebra de expectativa dos *adeptos* ou *torcedores* diante do seus próprios ídolos ou representantes.

Segundo Penna (1998: 205), em termos futebolísticos, o termo é empregado para designar qualquer “manifestação de repúdio feita em conjunto pela torcida, através de apupos ou motejos.”

No Brasil, o termo *vaiar* é empregado (e praticado) sobejamente nos jogos de futebol. Nelson Rodrigues chegou a afirmar que “o brasileiro vaia até minuto de silêncio no Maracanã” (Rodrigues apud Silva, 2002: 456).

Em Portugal, no entanto, para designar esta mesma ação coletiva de desaprovação, a imprensa jornalística esportiva escrita se utiliza com regularidade do termo *assobiar*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Quando Portugal marcou, a massa popular gritou, com ironia: ‘**Assobiem, assobiem!**’” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 8).

“Provavelmente, ouvirá **assobios**, mas muitos são os adeptos azuis que irão aplaudilo, em sinal de gratidão pela determinação com que defendeu a camisola da cruz de Cristo...” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 22).

“Cabral recebeu, durante a primeira parte, muitos **assobios** vindos da bancada dos sócios do Belenenses neste seu regresso ao Restelo.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 14).

“Apesar de ter recebido alguns **assobios** e apupos por uma parte dos muitos sócios presentes no pavilhão da Luz, Vítor Santos, mais conhecido como *Bibi*, um ex-investidor do clube, não deixou de ser igualmente aplaudido.” (*A Bola*, 29.9.2001, p. 11).

“Pena, um dos homens que mais procurou o golo, até chegou a enviar a bola à trave. Fez, mais tarde, o golo, solitário e insuficiente, mas mesmo assim não evitou os **assobios** da galera das Antas...” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 16).

“‘Arranjem um treinador’, foi uma frase que se ouviu com insistência. Isto, claro, para além dos inúmeros **assobios** e lenços brancos...” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 5).

Brasil

“Com as **vaias** como trilha sonora, Fluminense e Botafogo protagonizaram em filme de terror, com requintes de drama e comédia, que, com certeza, poderia se chamar *Tragédia no Maracanã*.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 18).

“E, aos 43 minutos, surgiram os gritos de ‘olé’ a cada toque de seleção peruana. Ao fim do primeiro tempo, **vaias** para o time de Leão.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 15).

“A partir daí, foram só irritação, **vaias** e xingamentos, que explodiram no fim.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 15).

O gol reacende a esperança, mas o empate enfurece os torcedores, que reagem com **vaias** e xingamentos.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 15).

“No final, o público brasileiro deu uma estrondosa **vaia** na sua Seleção, mostrando descontentamento.” (*Lance*, 27.4.2001, p. 15).

“O time brasileiro foi **vaiado** do início ao fim por sua implacável torcida, que esperava um melhor futebol do selecionado que proclama ser o número um do mundo.” (*Lance*, 27.4.2001, p. 15).

Avançado e atacante

O campo de futebol é um espaço estritamente delimitado “que condiciona a experiência e a visão humana” (Cf. Carvalho, 1996: 79). Neste sentido, a espacialidade circunscrita do campo é uma das grandes responsáveis pela escolha dos lexemas que formam o léxico futebolístico fundamental.

Segundo Carvalho (1996: 79), ainda, que se apóia em idéias de Greimas, a espacialidade é a uma das grandes responsáveis “por um conjunto de semas espaciais que se relacionam em articulações binárias sucessivas.” Assim, por exemplo, é que falamos de eventos que ocorrem *dentro* ou *fora* do campo, de uma bola *alta* ou *baixa*, de um tiro *longo* ou *curto* etc.

A espacialidade do campo de futebol responde ainda pela setorização dos jogadores em campo. As suas posições são ocupadas de acordo com a repartição desse espaço circunscrito. Para Carvalho,

os jogadores que atuam no seu no seu próprio campo, na área ou nas proximidades dela, constituem a *linha defensiva*, defesa ou retaguarda (goleiro, zagueiros ou beques). Os que jogam mais à frente de sua equipe, em contato com os adversários, e buscam o gol, compõem a *linha ofensiva*, avançada ou vanguarda (atacantes, dianteiros, avantes). Entre as duas, ligando-as, dispõe-se a linha média, intermediária ou meio-de-campo (médiros, meio-campistas). Os jogadores pertencentes a cada linha recebem qualificações específicas de natureza espacial, de acordo com a faixa de terreno em que atuam (direita, esquerda, central, lateral). Por exemplo: médio direito, médio central (centromédio, médio esquerdo (o médio central se movimenta na faixa entre o médio direito e o esquerdo, no sentido do meio-campo para a área ou para o ataque). (Carvalho, 1996: 81).

Os *atacantes* são, portanto, os jogadores que atuam na linha de frente do campo em oposição ao time adversário. O termo *atacante* provém de *atacar* que, por sua vez, se originou do italiano *attacare* (Cf. Silva, 2002: 42).

Em Portugal, os jogadores que se posicionam na linha dianteira do campo são chamados de *avançados* pela imprensa esportiva portuguesa. No Brasil, esses mesmos jogadores eram chamados, pelo menos até a Copa de 50, de *avantes* (do inglês *forwards*), *centerfor* ou *centrefor* (por corruptela) pela imprensa jornalística esportiva. Atualmente, em decorrência das incontáveis inovações táticas que ocorreram de lá para cá, cujos “nomes

antigos já não conseguiam expressar as novas funções”, a imprensa jornalística esportiva brasileira passou a se referir a esses mesmos jogadores como *atacantes*. (Cf. Carvalho, 1996: 82-3).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Por vezes os **avançados** estão com veia e fazem golos até com o rabo; noutras, nem de baliza aberta os conseguem.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 7).

“O **avançado**, produto da formação do Bonfim, sente-se satisfeito e está a trabalhar para estar a cem por cento quando o técnico Jorge Jesus o chamar.” (*A Bola*, 1.10.2001, p. 20).

“Vai daí, que já redera um **avançado** por outro, fez depois entrar outro dianteiro (Duda) retirando um defesa (Rui Óscar), para alguns minutos depois trocar Silva por Márcio Santos.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

“Acho que a vitória nos está bem entregue, pois estivemos impecáveis, quer a marcar os **avançados** do F. C. Porto quer a partir para o ataque.” (*A Bola*, 21. 10.2001, p. 15).

“Há mais de 35 anos, naquele jogo inesquecível perante a Coreia do Norte, a contar para o Mundial de 1966, o **avançado** português apontou, igualmente, quatro golos.” (*A Bola*, 21, 10.2001, p. 24).

“Aliás, seria o **avançado** a inaugurar o marcador, com um excelente cabeceamento.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

Brasil

“Após correr em um dos três campos do CCT, o **atacante** deixou o gramado de fininho, sem que ninguém soubesse o seu destino.” (*Lance*, 6.5.2001, p. 12).

“O **atacante** Paulo Nunes foi o único que não treinou com os demais integrantes do elenco.” (*Lance*, 16.5.2001, p. 11).

“O **atacante** Deivid provou não estar sentindo mais a lesão no joelho direito que o incomodou na semifinal e treinou normalmente ontem no CT Rei Pelé, fazendo inclusive fortes treinos físicos.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 10).

“Apesar de ser o goleador da equipe no ano, o **atacante** deixou o gramado do Morumbi como um dos vilões da derrota santista.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 17).

“O **atacante** Washington, convocado por Leão para disputar a Copa das Confederações foi autorizado a se apresentar após o jogo que define a vida da Ponte Preta na competição.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 15).

“Após ficar fora da convocação para a partida contra a Argentina, pelas Eliminatórias, o **atacante** colombiano Victor Bonilla afirmou ontem que nunca mais defenderá seu país.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

Auto-golo e gol contra

Numa partida de futebol, o objetivo principal dos times adversários é fazer com que a bola ultrapasse a linha de meta oposta ao seus respectivos campos.

Em certas situações acidentais, porém, a bola pode ultrapassar a própria linha de meta de um dos times por ter sido impulsionada por um dos seus próprios jogadores.

A imprensa jornalística escrita portuguesa nomeia esta situação de *auto-golo*, enquanto a imprensa jornalística escrita brasileira refere-se à mesma situação como *gol contra*.

Observe-se, no entanto, que na linguagem jornalística escrita portuguesa o termo parece estar, ainda, em estágio de fixação gráfica, isto é, tanto pode-se encontrar a grafia *auto-golo*, como duas palavras distintas, separadas por hífen, quanto *autogolo*, numa única palavra, sem o uso hífen.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Do **autogolo** – estranhíssimo, por sinal – que marcou em Faro, poucas marcas ficaram no jogador.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 30).

“‘Temos de continuar a ganhar e a jogar bom futebol’, começou por dizer o ponta-de-lança, que apenas lamenta não ter marcado mais um golo no jogo com o Farense, para além do **auto-golo** que acabou por ditar a derrota (1-2).” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 30).

“O jogador já esqueceu o **autogolo** que apontou em Faro e torna-se cada vez mais influente na estrutura da equipa.”(Comentário sobre o jogador Quim) (*A Bola*, 21.10.2001, p. 30).

Brasil

“A torcida começou a comemorar no Bessa aos 22 minutos, quando o boliviano Erwin Sánchez, a estrela do elenco, cobrou uma falta para a área e José Soares desviou, fazendo **gol contra**.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

“Os dois [Edu e Silvinho] marcaram **gols contra**, deixando o caminho livre para o Manchester ser campeão.” (*Lance*, 17.4.2001, p. 19).

“O jogador queria saber se podia conseguir uma fotografia na qual ele está comemorando o **gol contra** Camarões para fazer um pôster.” (*Lance*, 2.6.2001, p. 16).

“Aos 41 minutos, o Botafogo descontou através de um **gol contra** de Edvaldo.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 6).

“Os motivos da morte de Escobar ainda são obscuros. Dizem que foi por causa do **gol contra** que fez na Copa do Mundo disputada nos Estados Unidos em 94.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 7).

“Na ocasião, Escobar desviou uma bola chutada pelo adversário e acabou marcando um **gol contra** a seleção de seu país.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 7).

Baliza, gol, meta

A imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita chama de **baliza** o espaço físico onde o **gol** é consumado.

Tecnicamente a **baliza** se constitui dos dois postes verticais interligados pelo travessão onde o goleiro se posiciona sempre em guarda para impedir a passagem da bola.

O termo é uma provável derivação moçárabe do vocábulo latino *palus* que significa *estaca* ou *poste*. Na sua concepção original, **baliza** se resume a qualquer objeto que determine um limite.

No Brasil, o vocábulo **gol** tem duas concepções: de um lado, configura o tento propriamente marcado; de outro, estabelece o local onde esse tento foi feito. Como variante local, o vocábulo **gol** assume, no Brasil, o mesmo sentido que *meta* quando este identifica o lugar onde o tento foi feito.

Em Portugal estas duas concepções do vocábulo **gol** não ocorrem, ou seja, o local é conhecido única e exclusivamente como **baliza** pela imprensa jornalística esportiva escrita.

Aliás, o termo **gol** é inexistente em Portugal, uma vez que ele tenha sido adaptado ao vernáculo local como **golo** e teve, nesse processo, o seu campo semântico restringido, como veremos mais adiante deste mesmo trabalho.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O bota-de-ouro foi encarregado de marcação de um livre, a cerca de 25 metros da **baliza** macedónia, e fez o esférico descrever uma curva sobre o muro adversário, colocando-o no canto superior esquerdo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Aliás, chegou mesmo a meter a bola na **baliza** e viu o cartão amarelo.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

“Num deles a bola arrancou a tinta da base do poste da **baliza**.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 14).

“Normalmente, procuro retardar a minha saída da **baliza**, para então ver para que lado o jogador vai rematar.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 15).

“Quando atingir a **baliza** do Gil Vicente estava perto de ser uma causa perdida, o expresso encarnado número 50 (pertença de Mawete) chegou à hora prevista e acabou com a ansiedade na Luz.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

“Mantorras não foi uma peça decorativa no ataque encarnado, mas também não foi o ponta-de-lança felino de outras ocasiões, perdendo alguns lances junto à **baliza** que em situações normais dariam...golos.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

Brasil

“No momento do jogo principal fiquei atrás do **gol**.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 6).

“Perto do **gol** é muito melhor bater de chapa.” (Comenário do jogador Ricardinho) (*Gazeta Esportiva*, 15.5.2001, p. 3).

“Eu falo para o Muller que aquela cobrança nem um jogador de 2 metros conseguiria tirar do **gol**”, diz André, também com um sorriso maroto no canto da boca.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 3).

“Com um homem a mais, o Rio Preto aumentou sua força ofensiva e passou a levar perigo ao **gol** de Alex.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 9).

“O zagueiro jogou os últimos minutos da partida no **gol**, depois que o goleiro titular, Molina, foi expulso, aos 39 da Segunda etapa.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 11).

“Ele preferiu chutar uma bola para o **gol** quando o Gauchinho estava ao seu lado para marcar”, alfinetou o treinador.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 5).

Balneário e vestiário

O termo **balneário** provém do latim *balnearius* e se refere a *banho*. O local é, assim, utilizado pelos jogadores de futebol antes do jogo, durante o intervalo e logo após o término da contenda como lugar apropriado para o banho.

Esse mesmo lugar, no entanto, é ainda utilizado para que os jogadores procedam a troca e a guarda de suas roupas. Por essa razão, também se conhece o local como **vestiário**, vocábulo originário do latim *vestiarium* que significa *guarda-roupa*.

Pela dupla função atribuída a esse espaço, banho e troca de roupa, a imprensa jornalística portuguesa deu preferência a nomear o local como **balneário**, por entender que este é o lugar onde os jogadores costumam se banhar.

A imprensa jornalística brasileira, por sua vez, preferiu dar ao local o nome de **vestiário**, por entender que este é o lugar onde os jogadores procedem à troca de suas roupas (vestes).

Destaque-se, no entanto, que o lugar é efetivamente ocupado para as duas coisas, tanto no Brasil quanto em Portugal: banho e troca de roupas.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Enquanto os adeptos esperavam pelos jogadores da saída dos **balneários**, o grupo de atletas que se encontra na condição de dispensado, passou pela porta principal do estádio.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 21).

“Um longo abraço a Vítor Baía foi seguido de diversos cumprimentos a outros ex-colegas de equipa, que naquela altura já se encaminhavam para os **balneários**, bem como a alguns compatriotas que actuam na formação galega, tais como Giovanella, Doriva e Catanha.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 13).

“É mais uma edição da famosa visita ao *Ninho da Águia*, que levará todos os interessados a locais tão emblemáticos como os **balneários** dos jogadores, a sala de trabalho do treinador Toni ou a sala de Imprensa, entre tantos locais.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 17).

“Carlos Manuel apercebeu-se que tinha metido o pé na argola e deixou no **balneário** Keita, que deu o lugar ao ponta-de-lança Brandão.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

“Começaram no **balneário** e terminaram em pleno relvado as despedidas de Quevedo, depois de ‘quatro anos cheios de alegrias e vitórias’ ao serviço do Boavista.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 18).

“No final do encontro e à saída dos **balneários**, Sá Pinto ofereceu a sua camisola a Milovac, antigo jogador do Salgueiros (agora residente no Algarve) e ex-companheiro do sportinguista no clube de Paranhos.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 9).

Brasil

“O **vestiário** do São Paulo era um verdadeiro festival de choradeira.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 13).

“O jogador paranaense precisou ficar seis minutos no **vestiário**, onde recebeu dois pontos no queixo.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 4).

“O mistério sobre sua escalação no jogo de amanhã contra o Flamengo, só deverá ser desvendado no **vestiário**, minutos antes do clássico.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 17).

“Apesar da euforia nos **vestiários** da Portuguesa, o técnico Candinho adiantou que pretende impleantar reformulações no elenco para as disputas do segundo semestre.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 11)

“Após a partida, já nos **vestiários**, o volante Vampeta revelou que Leão havia avisado os jogadores sobre o perigo das jogadas aéreas da equipe adversária.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 16).

“Nos **vestiários** da Ponte Preta, um time festivo comemorava a classificação em primeiro lugar.” (*Lance*, 29.4.2001, p. 6).

Bancada e arquibancada

O vocábulo ***bancada*** tem a sua origem em *banki*, palavra germânica que tem o sentido literal de *assento*. Na sua passagem para o latim vulgar, a palavra assumiu o significado de *banco*. Uma reunião de *bancos* ou *assentos* leva hoje o nome de *bancada*. Em latim culto, no entanto, essa mesma reunião de *bancos* ou *assentos* levava o nome de *sedilia*. (Cf. Silva, 2002: 55).

Em termos futebolísticos, a linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa emprega amplamente o termo ***bancada*** para designar o lugar onde o grande público se reúne ao redor do campo para assistir às partidas de futebol.

Essas ***bancadas*** são feitas de madeira ou de concreto e estão sempre dispostas em degraus para facilitar a visão dos que se sentam mais atrás. O grande público em geral dá preferência pelas ***bancadas*** por serem elas bem mais econômicas que os outros lugares, como as *numeradas*¹, por exemplo.

No Brasil, o termo usualmente empregado pela imprensa jornalística esportiva escrita para designar esse mesmo local é ***arquibancada***, derivação sinonímica de ***bancada***.

O ***arquibancada*** termo é formado pela justaposição dos radicais *arqui*, prefixo grego que encerra o sentido de *superioridade* e ***bancada***. Literalmente, ***arquibancada*** encerra o sentido de uma *grande bancada*.

Notem-se os seguintes exemplos:

¹ Cadeiras especiais colocadas à disposição pública para assistir aos jogos de futebol. Essas cadeiras são numeradas e vendidas por um valor diferenciado bem superior ao das arquibancadas.

Portugal

“Eram apenas cinco, mas não passaram despercebidos na **bancada** superior norte.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 16).

“Quem optar pela **bancada** central inferior terá de desembolsar quatro mil escudos.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 29).

“Como em grande competição não se facilita, o Borussia de Dortmund, apesar de já estar documentado sobre o potencial do Boavista, teve um *espião* nas **bancadas** do Estádio Adelino Ribeiro Novo.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 14.)

“Cabral recebeu, durante a primeira parte, muitos assobios vindos da **bancada** dos sócios do Belenenses neste seu regresso ao Restelo.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 14).

“No segundo tempo, porém, o lateral-direito já teve maior descanso, pois jogava encostado à **bancada** composta por... benfiquistas.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 14).

“LEEDS – Jogar neste estádio, como em muitos outros da Inglaterra, com as **bancadas** lotadas, é um privilégio que o Marítimo viveu ontem à noite.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 18).

Brasil

“Os ingleses aproveitaram o intervalo para comemorar e, quando ainda se ajeitavam na **arquibancada** para ver o segundo tempo, Javi Moreno empatou a partida em seis minutos, primeiro de cabeça e depois de falta.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 20).

“O motivo foi o incidente envolvendo torcedores do clube, que lançaram uma motocicleta da **arquibancada** superior do Estádio San Siro, quando o setor inferior já estava vazio.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 21).

“Com a proximidade da partida, a cada dia, pintores estampam logomarcas de empresas da região na mureta que divide o campo da **arquibancada**.” (*Lance*, 2.6.2001, p. 5).

“Na comemoração do primeiro gol, um torcedor caiu do primeiro andar da **arquibancada**.” (*Lance*, 4.6.2001, p. 19).

“Todos os lugares destinados à torcida da casa foram ocupados, o que gerou confusão nas **arquibancadas**.” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p. 6).

“A galera palmeirense das **arquibancadas** também ficou insatisfeita com o resultado de quarta, mas o presidente da Mancha Alviverde, Paulo Serdan, não pensou em grandes protestos.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 8).

Bandeirola e bandeirinha

Os vocábulos ***bandeirinha*** e ***bandeirola*** são palavras sinônimas, variantes diminutivas de *bandeira* e provêm, inicialmente, do gótico *bandwua* que tem o sentido literal de *sinal*. (Cf. Silva, 2002: 55-6).

Segundo este mesmo autor, ainda, a palavra *bandwua* “transformou-se em *bandaria* no latim, de onde veio ao português com a forma atual”, ou seja, *bandeira*. (Cf. Silva, 2002: 56).

Em cada um dos quatro cantos dos campos de futebol deve ser colocada uma bandeira para demarcar o cruzamento entre as linhas laterais e as linhas de fundo. Os postes que sustentam essas bandeiras devem ter, no mínimo, um metro e meio de altura e, de maneira nenhuma, eles podem ser retirados ou deslocados de suas posições durante o jogo, mesmo durante as cobranças de escanteio. (Cf. Penna, 1998: 53).

Além desses postes e bandeiras, há, também, em cada linha lateral externa do campo, um árbitro assistente que acompanha toda a movimentação da bola durante o jogo. A sua obrigação principal “é a de indicar ao juiz quando a bola sai do campo (pelas linhas laterais e de fundo) e a quem cabe repor a bola em jogo, o tiro de canto ou o tiro de meta.” (Cf. Penna, 1998: 107).

Durante muito tempo esses profissionais do futebol foram identificados como *fiscais de linha*, por influência do termo inglês *linesman*, e só recentemente a FIFA os reconhece como *árbitros assistentes*. (Cf. Penna, 1998: 53).

Independentemente dos nomes que se lhes atribuem oficialmente, no entanto, tanto as bandeiras amarradas aos postes nos cantos dos campos quanto esses profissionais do futebol que auxiliam na arbitragem do jogo são conhecidos como ***bandeirinhas*** pelo público em geral que frequenta os estádios de futebol. Estes últimos são assim conhecidos pelo público em geral por “estarem munidos de uma bandeira com que acenam ao juiz as faltas observadas.” (Cf. Penna, 1998: 108-9).

Na prática, o que os diferencia, na verdade, é o emprego do artigo feminino que precede a palavra ***bandeirinha*** quando se refere à bandeira presa ao poste e o uso do artigo masculino quando o termo estiver se referindo ao árbitro assistente.

No Brasil, a imprensa jornalística esportiva escrita se utiliza do termo **bandeirinha**, tanto para um quanto para o outro, enquanto, na imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa, o termo empregado é **bandeirola**. Ambos os termos, no entanto, são usados nas mesmas situações de comunicação.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Pacheco aprontou-se a devolver-lhe a **bandeirola**, num gesto sempre digno de registo, mas que não impressionou o *liner*... mal-agradecido.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 9).

Brasil

“A virada saiu aos 14, em jogada de Enílton, que na comemoração tirou a camisa e chutou a **bandeirinha** de escanteio.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 11).

Barra e travessão

O poste horizontal que se assenta sobre os dois outros postes verticais da baliza é conhecido em Portugal como **barra**.

O termo provém do radical pré-romano *barr-* que, entre tantos outros significados, se relaciona etimologicamente com vocábulos como *barrar* e *barreira*, no sentido de *argileira* ou *parapeito*.

No Brasil, o vocábulo **barra** corresponde a **travessão**, termo oriundo do latim *trauessam* que encerra o sentido de *muito atravessado*.

A **barra** ou **travessão** representam partes importantes na constituição do *gol* ou *meta* ou, ainda, *balizas*, como são conhecidas pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa.

Tecnicamente, na construção desses postes são utilizados materiais especiais como madeira, metal ou qualquer outro tipo de material previamente aprovado. A sua forma pode assumir indiferentemente o formato quadrado, retangular, redondo ou, ainda, elíptico, desde que não constitua perigo para os jogadores. E, mais: "se o travessão quebrar ou sair do

lugar, o jogo será interrompido até ser feito o concerto. Se não for possível, a partida será suspensa." (Cf. Penna, 1998: 199).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Todavia, seriam os ingleses a alargar a vantagem, aos 30 minutos: Boa Morte conduziu a bola até a entrada da grande áres, tendo sido derrubado; John Collins converteu o livre directo, disparando um tiro contra a **barra**, que devolveu a bola directamente para a cabeça de Luís Boa Morte, que não desperdiçou a oportunidade.” (*A Bola*, 2.9.2001, 37).

“O extremo benfiquista esteve em bom plano durante o desafio. Jogou os noventa minutos, fez estragos na ala direita e na esquerda, atirou uma bola à **barra** e municiou vários lances de ataque da equipa de António Veloso.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 31).

“A equipa ganhava outra expressão atacante, apresentava então outra face, não podia era apagar o que ficara para trás, ou seja, os momentos em que o Vitória quase marcava, exemplo flagrante o que ocorreu logo aos 7 minutos, quando Hugo Henrique, isolado, atirou à **barra**.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 4).

Brasil

“Rodrigão avança pela direita e cruza para Deivid, que chuta. A bola sai rente ao **travessão**.” (*Lance*, 16.4.2001, p. 9).

“Marcelinho tenta outra falta. O chute do corintiano explode no **travessão**.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 5).

“Nonato, que já havia perdido gol feito, acertou o **travessão**.” (*Lance*, 29.4.2001, p. 16).

“Aos dez minutos, o atacante Reinaldo mandou a bola no **travessão** e assustou o goleiro gaúcho Diego.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 5).

“O atacante australiano Viduka encobriu Cañizares e a bola sobrou para Bowyer, que cabeceou no **travessão**.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 9).

“O goleiro Córdoba rebateu e Euler, sozinho na pequena área, tocou por cima do **travessão**.” (*Gazeta Esportiva*, 24.5.2001, p. 9).

Bater, chutar, chuto, chute

O ato de impulsionar a bola com os pés é frequentemente referido pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa como **bater**, palavra de origem latina *battere*.

A imprensa jornalística esportiva escrita brasileira, no entanto, prefere usar o termo **chutar** para nomear esta mesma ação.

O termo **chutar** é, ainda, o resultado de um processo de adaptação fonética (e gráfica) para o vernáculo da palavra técnica inglesa *shoot*, que literalmente significa *atirar*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Quanto aos restantes, que sabem **bater**, Toni Lima bateu-se até à exaustão, mas servirá isso para se afirmar que estamos em presença de um jogador razoável?” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

Brasil

“Depois da boa jogada de Reginaldo Araújo, França, dentro da área, **chutou** forte para marcar.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“França, dentro da pequena área, **chuta** forte para balançar as redes.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 13).

“O goleiro não pegou uma cobrança, mas contou com a sorte e com o **chute** errado de Serginho para comemorar.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 4).

“Kleberson toca para o atacante Kléber, que domina a bola, mas **chuta** por cima do gol, sem perigo para o goleiro Maurício.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“Heskey ainda **chutou** uma bola na trave de Barthez e quase marcou o terceiro gol.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 13).

“Sérgio **chutou** na trave e, no rebote, Marcus Vinicius marcou.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

É interessante notar que, enquanto a imprensa esportiva escrita brasileira se utiliza do vocábulo **chute**, a congênere portuguesa emprega a variante **chuto**. Note-se o seguinte exemplo:

“Sem **chutos** para o ar, demos a volta ao marcador e alcançámos um triunfo merecido.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 21).

A diferença de escolha das desinências finais pelas imprensas esportivas dos dois países a partir do mesmo termo estrangeiro é sutil, porém, significativa.

As duas formas substantivas de expressão representam adaptações fonéticas e gráficas do termo inglês *shoot* para o vernáculo. Note-se, porém, que, enquanto a imprensa brasileira decidiu-se por uma adaptação *integral* do termo, isto é, fonética e gráfica, acrescentando-lhe, apenas, a vogal temática *e* ao radical como um prolongamento sonoro do *t* final e mudo (*shoot* > *chute*), a congênere portuguesa optou por uma adaptação fonética *parcial*, acrescentando-lhe, após o radical, a vogal temática *o* (*shoot* > *chuto*).

Embora este tipo de acomodação ao vernáculo escolhida pela imprensa esportiva portuguesa seja possível, este acréscimo dissonante da vogal temática *o* provocou uma quebra sonora abrupta no processo de aportuguesamento que não convém aos aproveitamentos por empréstimo de termos técnicos ou científicos feitos a partir de línguas estrangeiras.

Gramaticalmente, não há razão plausível que justifique esta escolha, a não ser o propósito conservadorista da imprensa esportiva lusitana em querer *camuflar* inutilmente a invasão estrangeira ao vernáculo português.

Bilhete, ingresso, bilheteira, bilheteria

Para assistir às partidas de futebol, é preciso que o público em geral adquira, em locais previamente estabelecidos e, preferencialmente, com uma certa antecedência, uma senha de acesso aos estádios.

Para referir-se a essa senha de acesso, a imprensa esportiva escrita de Portugal dá preferência à utilização do vocábulo ***bilhete***, do francês *billet* que tem exatamente esse mesmo significado: senha de admissão em casas de espetáculo.

A imprensa esportiva escrita do Brasil, no entanto, dá preferência à utilização do termo ***ingresso***, do latim *ingressus*, que tem exatamente o mesmo significado de ***bilhete***: bilhete de acesso em casas de espetáculo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“É já hoje que começa a operação F. C. Porto. Não em termos desportivos, que pelo meio ainda está agendada uma difícil visita a Aveiro, onde o Benfica medirá forças com o Beira-Mar, mas pelo menos quando à colocação dos **bilhetes** à venda.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 17).

“Os **bilhetes** variam entre os dois mil escudos para sócios (1000 para sócios reformados e infantis) e os oito mil escudos.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 17).

“Os **bilhetes** estão disponíveis nas Relações Públicas a partir de hoje, sendo que os interessados também poderão efectuar reservas via telefone.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 17).

“A torcida Verde, falange de apoio do Sporting, emitiu um comunicado onde assume a repulsa pelas importâncias excessivas que alguns clubes cobram pelos **bilhetes** aos adeptos de formações visitantes.” (*A Bola*, 25.9.2001, p. 29).

“Os preços dos **bilhetes** para os não sócios não são, propriamente convidativos, embora se enquadrem na tabela habitualmente utilizada quando um dos grandes se desloca a Aveiro: cinco mil escudos para a bancada superior, sete mil para a central e dez mil para os cativos.” (*A Bola*, 29.9.2001, p. 5).

“Os sete contos a pagar pelo **bilhete** parecem não Ter sido obstáculo ao interesse dos ingleses nesta partida: foram requisitados 350 ingressos, que ovaram em pouco tempo.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 14).

Brasil

“Os **ingressos** para o clássico contra a Portuguesa, Domingo, no Canindé, já estão sendo vendidos nas bilheteirias do Morumbi e Canindé.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 11).

“Começam a ser vendidos hoje os **ingressos** para a partida de quarta-feira, contra o Cerro Porteño, no Parque Antarctica.” (*Lance*, 29.4.2001, p. 13).

“Ontem, muitos torcedores fizeram fila na porta do estádio Teixeira para comprar **ingressos** para o jogo de domingo.” (*Lance*, 1.6.2001, p. 9).

“Os **ingressos** para a segunda partida das semifinais entre Palmeiras e Boca Juniors começam a ser vendidos na segunda-feira, a partir das 10 horas, nas bilheteirias do Parque Antarctica.” (*Lance*, 8.6.2001, p. 15).

“Os **ingressos** serão vendidos nos guichês do estádio, da Vila Belmiro em postos de venda espalhados pela cidade de São Paulo.” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 5).

“Os **ingressos** para o primeira jogo das semifinais do Campeonato Paulista entre Botafogo e Ponte Preta, Domingo, em Ribeirão Preto começaram a ser vendidos ontem, nos estádios Moisés Lucarelli, em Campinas, e Santa Cruz, em Ribeirão Preto, a partir das 9h.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 7).

Vale registrar que as imprensas desses dois países se utilizam indistintamente dos termos **bilhete** e **ingresso** nos seus textos, porém, com freqüência de uso bem mais reduzida

em um e outro país e, geralmente, para evitar repetição desses vocábulos dentro da mesma frase ou parágrafo.

Assim, encontramos, também, na imprensa jornalística escrita brasileira o termo **bilhete**, bem como o termo **ingresso** nos textos esportivos da imprensa portuguesa.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Os ingressos de arquibancada custarão R\$ 10, sendo que os estudantes podem adquirir o **bilhete** por R\$ 5.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 10).

“A diretoria do clube do interior colocou à venda 35 mil ingressos e, pelo movimento durante o dia, a previsão é de que amanhã os **bilhetes** estejam esgotados.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 10).

Embora os nomes dos produtos de venda sejam diferentes nos dois países, **ingresso** (Brasil) e **bilhetes** (Portugal), curiosamente os vocábulos que identificam o local onde eles são vendidos ao público em geral, tanto aqui quanto lá, têm o mesmo radical: **bilheteira**, em Portugal e **bilheteria**, no Brasil.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“A verba facturada diariamente na **bilheteira** ronda os dois mil contos e os responsáveis apontam para uma casa com perto dos 70 mil adeptos. (*A Bola*, 7.9.2001, p. 18).

“Causou estranheza a alguns adeptos e associados do clube, durante a tarde de ontem, que as **bilheteiras** de Alvalade estivessem fechadas.” (*A Bola*, 7.9.2001, p. 48).

Brasil

“As **bilheterias** estarão abertas das 9 h às 17 horas durante esses três dias.” (*Lance*, 19.4.2001, p. 5).

“De hoje até quarta-feira, as **bilheterias** estarão abertas das 10 h às 17 h.” (*Lance*, 29.4.2001, p. 13).

“No Domingo, dia do jogo, as **bilheterias** estarão fechadas.” (*Lance*, 1.6.2001, p. 8).

“A **bilheteria** do estádio do Pacaembu, onde estão sendo vendidos ingressos para o jogo entre Santos e Corinthians, pela semifinal do Paulistão, foi assaltada ontem à tarde.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 7).

“Na capital, os torcedores podem encontrar os ingressos nas **bilheterias** do Morumbi, Pacaembu e Parque São Jorge.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 7).

“O outro local de vendas é o estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, local da partida, no mesmo horário de funcionamento das **bilheterias** do Parque São Jorge.” (*Gazeta Esportiva*, 15.5.2001, p. 4).

Cabecear, cabeceamento, cabeceio

No jogo de futebol, as jogadas são feitas normalmente com os pés. Situações há, porém, em que as jogadas podem ser feitas, também, com o uso da cabeça, principalmente quando a bola desce logo após ser chutada para o alto. **Cabecear**, portanto, é rebater a bola com o uso da cabeça ao invés dos pés.

Tanto a imprensa esportiva jornalística escrita portuguesa quanto a congênera brasileira fazem referência a essas jogadas com o uso do verbo irregular de primeira conjugação **cabecear**.

Como todos os verbos irregulares terminados em *ear*, **cabecear** recebe um “i” nas formas rizotônicas do seu radical no momento da conjugação. Assim, por exemplo, o verbo **cabecear** se conjuga, no presente do indicativo, da seguinte maneira: *cabeceio, cabeceias, cabeceia, cabeceamos, cabeceais, cabeceiam*.

Apesar dessa forma de expressão, outras formas substantivadas como, por exemplo, *cabeceamento, cabeçada* e *cabeceio* também podem ser encontradas na linguagem esportiva escrita desses dois países para designar estes mesmos tipos de jogadas.

Portugal, no entanto, claramente, dá preferência ao uso da forma **cabeceamento**, termo derivado de *cabecear* acrescido do sufixo de origem latina *-mento* que literalmente exprime a idéia substantivada de uma ação resultante de um verbo.

No Brasil, a forma preferencial correspondente recai sobre o termo **cabeceio**, recente “preciosismo” paulista para designar *cabeçada*. (Cf. Penna, 1998: 64).

O termo **cabeçada**, embora venha sendo utilizado com certa regularidade pela imprensa esportiva escrita brasileira, parece vir sendo paulatinamente substituído pelo correspondente termo **cabeceio**.

De fato, o termo **cabeçada** mais parece sugerir um ato involuntário e inconsciente de bater com a cabeça contra alguma coisa do que propriamente fazer uma jogada intencional com a bola, com propósitos claros e definidos.

Em qualquer outro esporte, por exemplo, por ser considerada uma parte vital do corpo humano, a cabeça geralmente é objeto de proteção contra quaisquer tipos de impactos por meio de capacetes especiais e não utilizada como instrumento impactante como o próprio sufixo de origem latina *-ada* sugere: ato ou movimento enérgico.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Aliás, seria o avançado a inaugurar o marcador, com um excelente **cabeceamento**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“A defesa madeirense ficou parada, Viduka apanhou a bola, ganhou a cabeceria e cruzou para Kewell **cabecear** no poste contrário.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 18).

“1-0 por Vinícius. Desmarcação de Mariano para Gilmar, a bola parecia ir sair pela linha de fundo, mas não, ficou entre as quatro linhas, Gilmar foi lá, captou-a, centrou para junto da baliza e Vinícius, com um **cabeceamento** forte, não deu hipótese de defesa a Mijanovic.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 20).

“Litos – Mero espectador em quase toda a partida, viu um **cabeceamento** de Fábio passar rente ao poste, ao minuto 31.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 21).

“Margarido – Não sentiu problemas na marcação a Fábio e só uma vez deixou que este se desmarcasse para **cabecear** um cruzamento de Djurdjevic.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 21).

“O número 22 sportinguista, curiosamente, protagonizou algumas das situações mais perigosas para Fernando – dois **cabeceamentos** e um livre directo.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 6).

Brasil

“Lica aproveita cobrança de escanteio pela direita e **cabeceia**.” (*Lance*, 16.4.2001, p. 9).

“Paulinho recebe cruzamento na área e **cabeceia** forte no gol.” (*Lance*, 16.4.2001, p. 9).

“Alexandre recebe bola dentro da pequena área. Dá um grande salto e **cabeceia** para o chão tirando o goleiro Sérgio Vargas.” (*Lance*, 19.4.2001, p. 15).

“Claudiomiro **cabeceia** a bola dentro da sua área e os jogadores do São Caetano pedem pênalti, reclamando de um toque de mão.” (*Lance*, 22.4.2001, p. 5).

“Esquerdinha cruza para a área, Marcio Griggio **cabeceia** de costas e a bola encobre Fábio Costa.” (*Lance*, 22.4.2001, p. 5).

“Da lateral direita, Mancini cruza na área. Cléber **cabeceia** com liberdade, mas a bola vai por cima do gol.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 9).

“Solano bate escanteio pela direita e Palacios **cabeceia** à direita do gol de Rogério Ceni, com perigo.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 13).

“Marcelinho cruz para a área e Leomar **cabeceia** forte, só que em cima do goleiro peruano Miranda.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 13).

“O setor defensivo fez treinos físicos e o técnico trabalhou com os atacantes jogadas de cruzamentos, chutes, **cabeceios** e posicionamento.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 14).

“Logo em seguida o Palmeiras quase empatou, mas Renato salvou, na linha, **cabeçada** de Galeano.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 3).

“Após a cobrança de falta, Maxsandro, livre na pequena área, **cabeceou** para o gol.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

“Aos 18, o volante Mendieta **cabeceou** no travessão.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 9).

“O atacante australiano Viduka encobriu Cañizares e a bola sobrou para Bowyer, que **cabeceou** no travessão.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 9).

Camisola e camisa

As equipes de futebol são diferenciadas umas das outras pelas cores dos seus uniformes, constituídos, invariavelmente, de camisa, calção, meias, caneleiras e chuteiras.

A *camisa* é, assim, "uma das peças essenciais do equipamento de jogo" que serve para vestir o tronco humano (Cf. Penna, 1998: 66).

Como parte integrante dos uniformes das equipes de futebol, as **camisas** foram usadas pela primeira vez "em 17 de fevereiro de 1527, na praça Santa Cruz, em Florença, quando cada time contava com 27 jogadores." (Cf. Silva, 2002: 87).

O termo **camisa** é de origem céltica que, por sua vez, transformou-se mais tarde na palavra latina *camisia*. Para Silva (2002: 87), "é provável que as primeiras vestes da humanidade tenham sido apenas couros de feras abatidas. Mas, ao chegar o latim, o vocábulo [...] já significava vestimenta feita de linho."

Os jogadores de um mesmo time se diferenciam entre si pela numeração estampada na parte posterior de suas camisas que vai "de 1 a 11 para os titulares e de 12 a 22 para os

reservas." (Cf. Silva, 2002: 87). Este expediente de diferenciação foi mais uma invenção dos ingleses, os tradicionais criadores do futebol.

O goleiro é o único jogador da equipe que usa roupas com cores muito diferentes dos demais jogadores.

Um outro aspecto interessante, ainda, das regras do futebol, que dizem respeito ao uso das *camisas* dos jogadores, é que elas devem ficar por dentro do calção, jamais por cima. (Cf. Penna, 1998: 66).

A imprensa esportiva jornalística escrita portuguesa se refere a essa parte do vestuário futebolístico como *camisola*, forma aportuguesada do vocábulo francês *camisole*, diminutivo de *camisa*, derivado do antigo provençal *camisola*. (Cf. Cunha, 1982: 144).

No Brasil, no entanto, a utilização do vocábulo *camisa* é corrente.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Parece destinado a um percurso idêntico na ‘reconstrução’ de um país que bem precisa da ajuda de gente como Hristo Stoichkov, que é bem mais sentimental que aquilo que poderão pensar os que estão habituados a ver um jogador, com a **camisola** número oito, a discutir com toda a gente...” (*A Bola*, 19 de dezembro de 1994, p. 3).

“Sei a responsabilidade de vestir a **camisola** de um grande clube.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 13).

“Antes de rumar a Istambul, para representar o Galatasaray, Mário Jardel vestiu a **camisola** do F. C. Porto durante quatro anos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 15).

“O Estrela de Portalegre e o banco Montepio Geral assinaram ontem um protocolo de patrocínio que vai colocar o nome de instituição bancária nas **camisolas** do clube.” (*A Bola*, 21. 9.2001, p. 33).

“O verde de esperança patente nas **camisolas** dos algarvios teve então de conviver com o vermelho, de raiva, que valeu para prestar com Bruno Paixão, mas também para aguentar uma avalanche de boavisteiros.” (*A Bola*, 1.10.2001, p. 13).

“Esta foi também a primeira ocasião em que o Benfica utilizou as novas **camisolas** com o nome de um patrocinador diferente estampado na frente, que acabaram por ter um baptismo vitorioso.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 22).

Brasil

“Ao final da partida, o jogador correu para a galera e jogou a **camisa** para os torcedores.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 15).

“Caio atuou 106 vezes com a **camisa** santista, contra 108 jogos de Dodô.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 17).

“O time da **camisa** quadriculada pôde enfim comemorar seu primeiro título no Campeonato Português.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

“O lateral direito Leonardo, que marcou seus primeiros gols com a **camisa** americana, foi o destaque do jogo.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 14).

“Chuteira, calção, **camisa**, aquecimento, bola rolando em campo e o amor pelo futebol sempre presente.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 15).

“Acostumado a grandes decisões, o goleiro Carlos Germano faz hoje seu primeiro clássico com a **camisa** da Lusa.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 5)

O termo **camisa** serve, ainda, para se referir ao seu usuário e não para designar a vestimenta propriamente dita. Nestes casos, usa-se o artigo masculino *o* para designar: *o camisa 3*, *o camisa 7* etc.

Assim, a numeração de algumas **camisas** chegaram a marcar época pela importância dos seus ilustres usuários.

No Brasil, por exemplo, é bastante conhecida a mística da *camisa 10* envergada por Pelé e a de *número 7*, envergada por Garrincha. (Cf. Silva, 2002: 87).

Segundo Silva (2002: 87), ainda, "a seleção brasileira, com Pelé e Garrincha em campo, nunca foi derrotada."

Recentemente, a Seleção Argentina de Futebol resolveu retirar o uso da camisa 10 dos jogos de que oficialmente participasse para homenagear o seu mais ilustre jogador, Diego Maradona:

“A Federação Argentina de Futebol (AFA) decidiu retirar a **camisola** número 10 da seleção, em homenagem ao último *mágico*, Diego Maradona. A proposta partiu do presidente da AFA, Júlio Grandona, também vice-presidente da FIFA, foi aceite por unanimidade.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 38).

Notem-se os seguintes exemplos:

“Mas **o camisa** nove da Macaca não ficou satisfeito e foi atrás de outro gol.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 8).

“Vivendo um grande momento no futebol, **o camisa** número um vem recebendo elogios do técnico Ferdinando Teixeira.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 6).

“Lá, estão **dois camisas** 10 de costas.” (Comentário sobre Rivelino e Pelé) (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 6).

“**O** eterno **camisa** 10 vascaíno aposta que na briga entre Edílson e Romário, o Baixinho levará a melhor.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 9).

“Assim, **o camisa** dez do Peixe pode ter nova oportunidade, em São Caetano.” (Comentário sobre o jogador santista Dodô) (*Lance*, 21.4.2001, p. 8).

“A importância **do camisa** 3 santista (Léo) é tamanha na Vila Belmiro que a sua expulsão contra o Bahia praticamente determinou a eliminação do Santos na Copa do Brasil.” (*Lance*, 21.4.2001, p. 9).

Cartolina amarela e cartão amarelo

Cartolina e *cartão* têm a mesma origem etimológica. Ambas são oriundas do grego *chártes*, e tiveram, também, passagem pelo latim *charta*. O significado literal dessas palavras é *carta*.

Segundo Silva (2002: 95), o vocábulo *cartão* sofreu um deslocamento do aumentativo, isto é, "em vez de vincular-se ao tamanho, apoiou-se na espessura."

Segundo este mesmo autor, ainda, "o papel do cartão é menor do que o da carta, mas mais espesso." (Cf. Silva, 2002: 95).

O vocábulo *cartão* pode, ainda, ter sofrido uma influência do italiano *cartone* que significa literalmente um papel mais grosso (Cf. Silva, 2002: 95).

Nos jogos de futebol, no entanto, esses *cartões* nada mais são do que peças de plástico, "do tamanho da carta de um baralho, nas cores amarela e vermelha, usada pelos árbitros para advertir ou expulsar um jogador durante uma partida." (Cf. Penna, 1998: 70).

Segundo as mais modernas regras de futebol, "dois cartões amarelos num jogo resultam em expulsão; três amarelos seguidos resultam na suspensão automática por uma partida; um vermelho resulta em expulsão de campo e suspensão automática por um jogo, independente do julgamento da infração grave." (Cf. Penna, 1998: 70).

Apesar de sua grande importância, o uso do **cartão amarelo** nos jogos de futebol é relativamente recente. Na verdade, o seu uso corrente só se deu a partir de 1970, na Copa do Mundo realizada no México. O primeiro juiz de futebol a usá-lo foi o alemão Kurt Schenderm, em 31 de maio daquele ano, numa partida entre o México e a União Soviética. Antes disso, os juizes de futebol advertiam os jogadores por meio de gestos e palavras. Nos jogos internacionais, no entanto, em que diferentes idiomas eram usados em campo, essa prática causava uma certa confusão, pois, não raras vezes, o jogador tinha dificuldade para compreender se estava apenas advertido ou expulso da partida. (Cf. Silva, 2002: 95).

Os **cartões amarelos** são assim chamados pelos órgãos de imprensa jornalística escrita brasileira. Os congêneres lusitanos os chamam de **cartolinas amarelas**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Viu por duas vezes a **cartolina amarela** no último desafio, frente ao Paços de Ferreira [...]” (*A Bola*, 16.9.2001, p.22).

“E que fez o árbitro senhor Paulo Costa? Qualificou publicamente de fiteiro o avançado brasileiro, tal como o romeno já havia sido declarado em Leiria, e aplicou-lhe (mal) a **cartolina amarela**.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 14).

Brasil

“O Corinthians tem 11 jogadores pendurados com um **cartão amarelo**.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 6).

“‘Depois do jogo se não vencermos, eles podem reclamar, mas sem violência’, disse o meia Renato, que está de volta ao time, no lugar de Martinez, suspenso pelo segundo **cartão amarelo**.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 10).

“O lateral Julinho tomou o terceiro **cartão amarelo** no jogo contra o Bragantino e cumpre suspensão automática.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 12).

“Michel, que atuou improvisado nos jogos com São Caetano e Mogi Mirim, deu conta do recado, mas terá que cumprir suspensão pelo segundo **cartão amarelo**.” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 5).

“Nelsinho não pode escalar o zagueiro Ronaldão, suspenso pelo terceiro **cartão amarelo**, e o lateral-direito Carlos Alexandre, expulso no primeiro jogo contra o Remo.” (*Gazeta Esportiva*, 9.5.2001, p. 9).

“Mas com as sugestões da federação facilmente acatadas pelos presidentes, Ribeiro revelou que, apesar de ser contra o perdão aos **cartões amarelos** já recebidos, seu próprio time poderá ser prejudicado.” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 3).

Castigado e suspenso

Por cometer uma falta grave ou uma atitude antidesportiva, o jogador poderá ser impedido de participar de um jogo ou até mesmo de uma competição.

O jogo de futebol tem as suas regras próprias que regulamentam estas situações.

O jogador afastado por ter cometido uma dessas faltas graves é chamado de *castigado* pela imprensa jornalística escrita portuguesa e de *suspenso* pela congênere brasileira.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Para este encontro, o treinador não poderá contar com os contributos de Pedro Pinheiro e Mário Rosado, ambos **castigados**, e com Peixe, que se encontra lesionado.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 33).

“Fora dos planos de Diamantino está Leandro, que vai cumprir um jogo de **castigo**.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 30).

“O defesa do Mirandense, Joel Paiva, terá de cumprir, depois de amanhã, um jogo de **castigo** e não será opção para o treinador Carlos Benedito.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 33).

“O jogador cumpriu **castigo** federativo e deve ser convocado pelo treinador Dinis Vital para o jogo fora, com o Estrela de Vendas Novas.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 33).

“Por fim, a habitual *peladinha* em apenas metade do relvado, onde se pode observar a colocação de César Prates como lateral esquerdo – já actuou nessa posição nos clubes brasileiros que representou e também no Real Madrid -, sendo o brasileiro uma hipótese para substituir o **castigado** Rui Jorge, aliás, como Bölöni ontem admitiu.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 25).

“Depois de, no encontro com o Sp. Braga, ter optado por Jorge Vidigal para substituir o **castigado** César Prates, Bölöni tem, frente ao Santa Clara, problema semelhante para resolver, mas do lado contrário.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 25).

Brasil

“O lateral Gustavo Nery, **suspenso** por três cartões amarelos, não enfrenta o Grêmio no jogo de volta das quartas-de-final da Copa do Brasil que será realizado no próximo dia 23.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 13).

“Para enfrentar a Caldense, Luiz Felipe não contará com Sorín e Ricardinho, **suspensos**.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“O holandês Edgard Davids, do Juventus, pode ser **suspenso** por até 16 meses, depois que a contraprova de seu exame antidoping comprovou a presença de nandrolona.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 21).

“O meia foi **suspenso** preventivamente por tempo indeterminado, até que a Comissão Disciplinar da Liga Italiana tome uma decisão sobre a suspensão definitiva.” (*Lance*, 18.5.23001, p. 21).

“O cabeça-de-área Roberto Brum está **suspenso** preventivamente por 29 dias pela CBF por uso indevido da substância clostebol, um esteróide anabolizante.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 17).

“O lateral-esquerdo Sórin e o meia Ricardinho, **suspensos** com três cartões amarelos, serão substituídos por Sérgio Manoel e Marcleo Ramos, respectivamente.” (*Lance*, 19.5.4.2001, p. 18).

Contributo e contar com

O termo ***contributo*** é sinônimo de *contribuição*, e ambas são derivadas de *tributo*, do latim *tributu*, que originalmente significa *imposto*.

Segundo Silva (2002: 446), o termo *tributo* "indicava entre os romanos o imposto a que estavam sujeitas as províncias."

Segundo este mesmo autor, ainda, o termo *tributo* passou "a designar imposto de caráter geral e obrigatório que o poder público exige de empresas e cidadãos para teoricamente aplicá-lo em benefício da sociedade." (Cf. Silva, 2002: 446).

Finalmente, *tributo* veio mais recentemente a assumir o sentido de *homenagens* e de *concessões* em língua portuguesa (Cf. Silva, 2002: 446).

O termo ***contributo*** encerra um campo semântico duplo, ou seja, pode-se ***dar contributos a alguém*** ou ***receber contributos de alguém***. Por sua vez, aquele que espera pelos ***contributos*** de outrém, ***conta com*** os seus ***contributos***.

Curiosamente, a expressão ***contar com*** já encerra em seu próprio campo semântico a idéia de ***receber os contributos de outrem***. Assim, ***contar com*** alguém ou alguma coisa, significa ***contar com*** os ***contributos*** de alguém ou alguma coisa, ainda que o termo não venha claramente explicitado na construção da frase.

Em termos futebolísticos, é comum encontrar-se na imprensa jornalística escrita portuguesa a expressão **contar com os contributos** de um jogador, onde o termo vem claramente explicitado. Ou, então, que tal jogador **deu contributos** à equipe em que joga, por exemplo. A expressão **dar contributo**, portanto, diz-se do jogador que, em Portugal, dispensa o melhor de si numa partida de futebol em favor do seu próprio time.

No Brasil, no entanto, a expressão **contar com** vem geralmente sozinha na construção da frase e se basta por si só.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Para este encontro, o treinador não poderá contar com os **contributos** de Pedro Pinheiro e Mário Rosado, ambos castigados, e com Peixe, que se encontra lesionado.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 33).

“Mas o facto de Dimas ter sido incluído - à semelhança dos restantes 20 elementos do plantel, mais sete jovens da equipa B – na lista de jogadores inscritos pelo Sporting à UEFA, para disputarem as competições europeias, poderá, no entanto, indicar que o técnico leonino poderá apostar mais no seu **contributo** numa fase mais adiantada da temporada.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 10).

“Mas, de qualquer modo, o médio búlgaro não poderia dar o seu **contributo** à equipa, uma vez, que se encontra em fase de recuperação da artroscopia a que se submeteu na passada sexta-feira.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 29).

“Carlos Garcia, treinador do Leça, não vai contar com o **contributo** do médio José da Rocha na recepção ao líder Desportivo das Aves.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 30).

“Por agora, o jogador lusitano assinou várias bolas, mas deixou a promessa de que dará o seu **contributo** à iniciativa da forma que os seus promotores julgaram mais conveniente.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 37).

“Alberto Bastos Lopes considera que os jogadores, apesar de não estarem a cem por cento, podem dar o seu **contributo** e alargar o seu leque de opções.” (*A Bola*, 22.9.2001, p. 33).

Brasil

“A Lusa não vai poder **contar com** três jogadores de meio campo para o jogo contra o São Paulo, no Domingo.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 10).

“‘A recompensa pode ser o título, que significa muito para nós profissionais’, salientou o treinador, que poderá **contar com** todo o elenco (exceção feita ao lateral Michel, que recebeu o segundo amarelo em Mogi).” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 5).

“No banco de reservas, os cariocas **contarão com** Waldyr Espinosa, treinador que nunca perdeu para os gaúchos comandando o time tricolor carioca.” (*Gazeta Esportiva*, 2.5.2001, p. 4).

“A pressão surtiu efeito aos 33, quando o zagueiro Bedoya abriu o placar, **contando com** a colaboração do goleiro da equipe argentina.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 12).

“Para o segundo jogo decisivo contra o Palmeiras, quarta-feira, no estádio do Parque Antártica, para definir quem vai ficar com a vaga para as quartas-de-final da Copa Libertadores da América, o técnico Jair Pcerni poderá **contar com** dois jogadores que não atuaram ontem: o lateral-esquerda César e o atacante Magrão, revelado no Palmeiras.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 3).

“O treinador da Seleção Brasileira, Emerson Leão, não abre mão de **contar com** os jogadores convocados para a disputa da Copa das Confederações a partir do dia 20 deste mês e afirmou que não pretende liberar jogadores para a disputa das finais de campeonatos estaduais.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 12).

Claque e torcida organizada

O vocábulo *claque* é de origem francesa e se escreve da mesma maneira que em língua portuguesa: *claque*. O termo tem origem onomatopáica por assemelhar-se ao ruído de aplausos de uma multidão. O sentido de *claque* se refere, assim, a um "grupo de pessoas combinadas ou contratadas para aplaudirem num espetáculo". Posteriormente, a palavra assumiu, por extensão, o significado de um "grupo de seguidores ou admiradores de alguém." (Cf. Cunha, 1982: 188). Por extensão, ainda, a imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa refere-se a *claque* a um grupo organizado de admiradores de um determinado time de futebol. A imprensa jornalística esportiva brasileira escrita identifica esses mesmos grupos como *torcidas organizadas*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Uma das **claques** de apoio do Sporting, a ‘Torcida Verde’, continuou ontem a manifestar a sua indignação relativamente ao preço dos bilhetes na I Liga – domingo, em Faro, chegou aos 7 mil escudos.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 16).

“Através de faixas exibidas nas bancadas, a **claque** convidou a um exercício, comparando o salário mínimo português ao alemão, país onde os bilhetes são mais baratos.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 16).

“As camisolas que a principal **claque** de apoio do Sporting, a Juventude Leonina, colocou ontem à venda para a eliminatória da Taça UEFA continham uma pequena provocação ao rival Benfica.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 16).

“De Braga veio uma pequena mas animada **claque** enquanto nas bancadas pôde ser visto Carlos Manuel.” (*A Bola*, 30.9.2001, p. 9).

“Mas antes de rumarem aos balneários, todos os futebolistas da formação do Restelo foram a um dos topos do estádio agradecer o apoio prestado pela **claque** que viajou de Lisboa.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 17).

“Manuel Fernandes foi o alvo dos aplausos dos adeptos do Sporting aquando da entrada das equipas em campo e no Topo Sul, local onde ficam os sócios do clube de Alvalade e a principal **claque** de apoio à equipa, a Juventude Leonina, o nome do antigo jogador e treinador dos leões soou bem alto.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 9).

Brasil

“**Torcida Organizada** do São Paulo está ameaçando o atacante após os tumultos ocorridos na derrota para o União, em Santa Bárbara.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 3).

“Alê, presidente da Leões da Fabulosa, principal **torcida organizada** da Lusa, será o vice-presidente do MTO (Movimento das Torcidas Organizadas).” (*Lance*, 18.4.2001, p. 10).

“O principal objetivo oficial do movimento, que conta com as principais **torcidas organizadas** de São Paulo, é a paz nos estádios de futebol.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 10).

“Roque Citadi disse que as **torcidas organizadas** estão cada vez mais isoladas nos estádios.” (*Lance*, 25.4.2001, p. 13).

“Ao contrário de todos os estádios paulistas, o campo de Presidente Prudente permitiu que as **torcidas organizadas** entrassem com faixas.” (*Lance*, 30.4.2001, p. 7).

“O vereador Alcides Amazonas (PC do B) apresentou anteontem à Câmara Municipal de São Paulo um Projeto de Lei que garante o direito das **torcidas organizadas** voltarem aos estádios de futebol com bandeiras, camisas e faixas de seus respectivos clubes.” (*Lance*, 2.6.2001, p. 6).

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa, além de **claque**, também se utiliza da expressão **massa associativa** para identificar os torcedores de uma equipe.

Note-se o seguinte exemplo:

“Neste aspecto, que não restem dúvidas: é grande a empatia entre o alemão e a **massa associativa** benfiquista.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 22).

Colmatar e substituir

Um jogador pode ser afastado das atividades esportivas do seu time por uma série de circunstâncias: cumprimento de alguma penalidade qualquer imposta pelas regras do jogo, algum tipo de ferimento grave, a venda de seu passe para outro time etc.

Como o quadro de jogadores de um time é composto por 22 jogadores, incluindo-se aí, os 11 reservas, a sua ausência é repostada por um outro jogador que tenha a mesma posição a fim de que o quadro fique completo.

A imprensa jornalística escrita portuguesa refere-se a este ato de reposição de jogadores como *colmatação*.

O termo substantivo *colmatação* provém do francês *colmatage* que tem como significado original *aterramento, entulhamento, preenchimento com terra*.

Por extensão, o ato de *colmatar* (do francês *colmater*) é, assim, utilizado pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa no sentido de preenchimento de seu quadro de jogadores.

No Brasil, o termo substantivo equivalente empregado para designar a *colmatação* da imprensa jornalística escrita portuguesa é *substituição*. Assim, o jogador que tenha se afastado de suas atividades por qualquer razão é, no Brasil, *substituído* por outro da mesma estirpe, ou seja, a sua ausência em campo é repostada por um outro jogador que ocupa a mesma posição em campo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Os responsáveis do Estarreja chegaram acordo com o dianteiro Márcio, **colmatando** uma das vagas existentes na equipa no sector atacante.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 34).

“O jogador tem o estatuto de comunitário e poderá **colmatar** a vaga aberta pela saída de Márcio, que, depois de contratado do Peniche, não se conseguiu adaptar à equipa de João Mourinho.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 28).

“Liverani foi adquirido para **colmatar** a ausência de Diego Simeoni, que estará fora dos relvados por três meses, devido a lesão.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 35).

“Para **colmatar** esta ausência, o técnico deve apostar no regresso de Freddy à titularidade, fazendo Silas recuar para o meio campo, no apoio a Tiago e Leão.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 27).

Brasil

“Para o lugar do Dedimar entra Borges Neto e Fábio Vidal vai **substituir** a Julinho.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 7).

“O treinador do Santos admitiu que não vai revelar o **sustituto** de Deivid apenas para confundir a cabeça do treinador coriantiano.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 5).

“Belletti jogou mal na derrota para o Equador, mas ainda é o nome mais forte para **substituir** Cafu na lateral direita.” (*Lance*, 14.4.2001, p. 8).

Compensação, prorrogação, descontos

O tempo regulamentar de uma partida de futebol é de exatos 90 minutos, dividido em duas partes de 45 minutos cada uma delas, com um intervalo de 15 minutos. Esta é uma das regras básicas do jogo de futebol, aprovada e aceita mundialmente.

Por alguma razão qualquer, como a contusão de um dos jogadores em campo, por exemplo, o jogo pode ser paralisado durante algum tempo pelo juiz.

O tempo de paralisação é anotado pelo árbitro e deve ser **descontado** do total dos 90 minutos do tempo previsto. Ao final do jogo, após o segundo tempo, é feita uma **compensação** desses descontos.

A imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita refere-se a esse expediente futebolístico como **compensação**. A congênera brasileira refere-se a ele como **prorrogação**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Como se tudo isto não bastasse, aos cinco minutos de **compensação** correctamente anunciados o árbitro juntou mais três, para desespero dos madeirenses que defendiam arduamente o resultado.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 31).

Brasil

“Eu lembro quando era treinador do Palmeiras, nós havíamos ganho uma partida contra o Corinthians e o jogo estava na **prorrogação**. Mesmo assim, os torcedores arrancaram as camisas e começaram a girar gritando Timão’, disse o treinador, afirmando que quer o mesmo entusiasmo nas próximas partidas.” (*Gazeta Esportiva*, 15.5.2001, p. 3).

“Na **prorrogação**, o Alavés, que havia perdido dois jogadores expulsos, Magno, e Karmona, agüentou a pressão até os 11 minutos do segundo tempo da **prorrogação**, quando Geli marcou contra e deu o título ao Liverpool.” (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 12).

“Na **prorrogação**, com dois jogadores expulsos (o primeiro foi o brasileiro Magno), o Alavés quase levou a decisão para os pênaltis.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 10).

“Curiosamente, foi do mesmo local que em 95, na final contra o Palmeiras e que levou a partida para a **prorrogação**.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 4).

Tanto a imprensa jornalística esportiva brasileira escrita quanto a imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita, esta com menor freqüência, se utilizam algumas vezes, também, do termo *desconto* para significar *prorrogação*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“No período de **descontos**, os amorenses reclamaram uma grande penalidade, mas o árbitro, com um trabalho irregular, nada assinalou.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 32).

“Entrou no tempo de **descontos**, ainda a tempo de pegar na bola, segurar o jogo por alguns instantes e, até, lançar o pânico na área dos leões.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 7).

Brasil

“O time de Paulo Bonamigo podia até perder por um gol de diferença, mas só nos **descontos** Fernando Miguel conseguiu garantir a vaga para pegar o Atlético –PR, apesar da vitória do Coritiba por 2 a 1 ontem à tarde.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 12).

“Não é só no Brasil que uma equipe faz gol decisivo nos **descontos**.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 12).

“Wanderley Luxemburgo sempre deixou bem claro que essa seria uma final de ‘180 minutos mais os **descontos**’.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p.30).

Há, no entanto, que se fazer algumas observações sobre estas nomenclaturas: *prorrogação* e *desconto*.

Começamos primeiramente por dizer sobre a impropriedade do termo *desconto* neste tipo de situação.

Se o tempo regulamentar do jogo é de 90 minutos e, por alguma razão qualquer não foi cumprido, o período a ser *compensado* é, de fato, uma *compensação* de tempo, como mais acertadamente se refere a imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita na maioria das vezes e não um *desconto* de tempo como se refere a congênere brasileira com maior frequência.

Há que se destacar também que até o início da década de 90, pelo menos, a imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa, da mesma forma que a congênere brasileira, se utilizava igualmente do termo *desconto* para se referir a esta situação.

Em Portugal, no entanto, esta questão foi levantada e parcialmente corrigida graças à intervenção de Machado, jornalista daquele país. Em nota de rodapé, Machado (s.d.: 158) afirma ter encaminhado artigo de sua autoria onde a questão foi abordada “a diversos órgãos da comunicação social, falada e escrita” a fim de que os profissionais do esporte fizessem as devidas correções.

Outra observação, é com relação ao termo *prorrogação*.

Embora a questão não tenha sido abordada por Machado, mesmo porque o termo não é empregado em Portugal, da mesma maneira, o vocábulo *prorrogação*, amplamente utilizado pela imprensa jornalística esportiva brasileira escrita, é impróprio para caracterizar a situação.

Como indica a própria etimologia da palavra, *prorrogar* significa “*dilatar*² um prazo estabelecido.” (Cf. Cunha, 1982: 640).

Isto significa que, para *dilatar* o prazo regulamentar seria preciso alterar as regras do jogo de futebol e, neste caso, o tempo regulamentar deixaria, então, de ter os 90 minutos e passaria a ter os 90 mais alguns minutos *prorrogados*, *dilatados*.

Definitivamente, não é o que a imprensa jornalística esportiva escrita pretende informar aos seus leitores.

² O grifo é nosso.

Na verdade, o que ela pretende informar é que haverá uma *compensação* de tempo (e não uma *prorrogação*) a fim de *contrabalançar* o tempo regulamentar do jogo e o *desconto* concedido pelo juiz da partida em função das faltas cometidas em jogo. Segundo Cunha (1982: 200), *compensar* significa literalmente isto: “estabelecer equilíbrio entre, contrabalançar.”

O objetivo desta *compensação* é única e exclusivamente para completar os 90 minutos regulamentares do jogo.

Portanto, *prorrogar* o tempo, seria, neste caso, alterar uma das regras básicas do jogo de futebol. Assim, conclui-se que o termo *prorrogar* é tão impróprio para a questão quanto o é *desconto*.

Situações há, de fato, em que ocorre a *prorrogação*, quando o que se pretende, por exemplo, é desempatar um resultado final da partida. Porém, a situação é outra.

Convocatória, convocação, escalação

Uma equipe de futebol é composta de 22 jogadores. Onze deles vão a campo e os onze restantes são os chamados *reservas*. Em Portugal, os jogadores *reservas* são conhecidos como *suplentes*.

A composição do time é feita pelo técnico da equipe que tem o poder de selecionar os jogadores de acordo com a sua proposta técnica e suas intenções táticas e estratégicas.

Os jogadores chamados oficialmente a participar de uma equipe são, então, *convocados* pelo técnico.

A imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita refere-se a esse ato de composição da equipe pelo técnico como *convocatória*. A imprensa esportiva brasileira refere-se a esse mesmo ato como *convocação* ou *escalação*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Jaime Pacheco não fez qualquer **convocatória** para o jogo particular que o Boavista realiza esta tarde, a partir das 17 horas, em Calde, com a equipa local, que se insere no programa destinado a oficializar o Grupo Desportivo de Calde como oitava filial do emblema axadrezado e, num plano mais simbólico, vai servir para homenagear Valentim Loureiro, na sua qualidade de presidente honorário do Boavista, natural de Calde, assim como, a título póstumo, Joaquim Loureiro, pai do major.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 20).

“Na recente **convocatória** de Agostinho Oliveira não figura o nome de Hugo Henriques.” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 33).

“A única alteração em relação à última **convocatória** é a saída de Pedro Espinha.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 19).

“O jogador já debelou a microrrotura na coxa esquerda que o apoquentava, mas o treinador prefere não correr riscos e deve deixar o jogador fora da **convocatória** para o jogo com a Académica, agendado para amanhã à noite.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 30).

“Duda, Sanchez, Frechaut e Alexandre Goulart, que ficaram de fora de **convocatória** do jogo de Barcelos, devem regressar à lista de convocados para Quarta-feira.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 10).

“Lida a **convocatória** para o encontro de amanhã, em Aveiro, imediatamente uma questão tinha que ser colocada: porquê a ausência de Jorge Costa?” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 24).

Brasil

“A novela em que se transformou a **convocação** para a Copa das Confederações deve ganhar seu último capítulo hoje, às 10h30m, no Hotel Meridién, Zona Sul do Rio, quando o técnico da Seleção Brasileira, Emerson Leão, anunciará a lista de 23 jogadores que disputarão a competição, entre 30 de maio e 10 de junho, no Japão e na Coréia do Sul.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“A **convocação** dos três, além de contar com o aval de Teixeira, serviria para acalmar os ânimos dos organizadores da competição, sobretudo os japoneses que não gostaram de saber que o Brasil poderia enviar ao Oriente uma espécie de Seleção B.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“Mas o torcedor que espera por uma nova **convocação**, deixando de lado os jogadores anteriormente relacionados, pode ficar frustrado.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“A verdade é que a eliminação do Paulista ainda assombra os jogadores do Peixe, e nem mesmo a **convocação** para a Seleção Brasileira consegue a tristeza.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 15).

“O atacante Washington, **convocado** por Leão para disputar a Copa das Confederações foi autorizado a se apresentar após o jogo que define a vida da Ponte Preta na competição.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 15).

“Após ficar fora da **convocação** para a partida contra a Argentina, pelas Eliminatórias, o atacante colombiano Victor Bonilla afirmou ontem que nunca mais defenderá seu país.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

A imprensa jornalística esportiva brasileira escrita também registra o termo *escalação*.

Notem-se os seguintes exemplos:

“O mistério sobre sua **escalação** no jogo de amanhã contra o Flamengo, só deverá ser desvendado no vestiário, minutos antes do clássico.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 17).

“Apesar de falar que só vai divulgar a **escalação** pouco antes do jogo, Luxemburgo deve mesmo optar por Paulo Nunes como companheiro de Ewerthonb.” (*Lance*, 20.5.2001, p. 7).

“Caso seja confirmada sua **escalação**, Muller deve ser a principal referência corintiana no ataque.” (*Gazeta Esportiva*, 8.5.2001, p. 3).

“O meia Luciano Ratinho segue fazendo tratamento na coxa esquerda e, de acordo com o técnico Lori Sandri, sua **escalação** dependerá de um teste no vestiário.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 6).

Desaire, derrota, fracasso

O termo *desaire* tem como origem o castelhano. Trata-se de uma aglutinação do prefixo *des-*, do latim *dis-*, que, entre tantos outros sentidos, traz a idéia literal de "coisa (ou ação) contrária àquela que é expressa pelo termo primitivo", como em *desacordo* e *descoser* mais o substantivo latino *aire*, com o sentido literal de *ar*, assumindo, aqui, o sentido de "*aparência externa*". (Cf. Cunha, 1982: 61 e 250).

Neste sentido, ainda, o termo *desaire* significa originalmente, numa primeira acepção, "falta de elegância, inconveniência, falta de decoro." (Cf. Cunha, 1982: 250).

A imprensa jornalística escrita lusitana, no entanto, deu ao termo uma nova acepção, atribuindo-lhe a idéia de *derrota*, preferencialmente usado na imprensa jornalística escrita brasileira.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Alguns futebolistas que defrontaram o Belenenses ainda interromperam a marcha para conversarem com as respectivas mulheres, mas recusaram todos os pedidos dos jornalistas de serviço nas Antas para comentarem o **desaire** de ontem.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 17).

“LEEDS – Depois do **desaire** em Leeds, o Marítimo regressou ontem à noite ao Funchal com o sentimento do dever cumprido, embora a diferença entre os dois emblemas ficasse bem vincada no desafio de Elland Road.” (*A Bola*, 29.9.2001, p. 23).

“Não é que a surpreendente derrota dos dragões venha por bem, mas a verdade é que este **desaire** pode ter surgido num momento-chave desta fase decisiva da Liga dos Campeões e contribuir para um despertar dos sentidos talvez adormecidos ou... amolecidos com a mágica noite europeia da passada quarta-feira, frente ao Celtic de Glasgow.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 11).

“Va lá entender-se a exibição do Sporting. A equipa tinha o aliciante de *saltar* para o terceiro lugar, beneficiando ao **desaire** do F. C. Porto com o Belenenses em pleno Estádio das Antas, mas a formação leonina desaproveitou a oportunidade por culpa própria.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 6).

“Ora, e apesar do resultado frente ao Beira-Mar e da natural descompressão do Futebol Clube do Porto na frente interna – o jogo frente ao Celtic e o quase decisivo jogo de hoje face à Juventus – ninguém esperava um **desaire** da equipa de Octávio Machado frente aos comandados de Marinho Peres.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 10).

“Estamos num patamar elevado em termos de motivação mas não vamos deixar de ter os pés bem assentes na terra porque a experiência diz-me que em futebol a linha que separa o sucesso do **desaire** é excessivamente ténue.” (Comentário do técnico António Sousa) (*A Bola*, 23.10.2001, p. 27).

Brasil

“Após quatro **derrotas** seguidas, sendo duas no Campeonato Paulista e outras duas na Libertadores, o Azulão só tem um pensamento: vencer.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 10).

“Já no Atlético Sorocaba, apesar da **derrota** de 3 a 2 para o Marília, Domingo passado, em casa, o clima continua bom, pois a equipe não perdeu a liderança de competição.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 12).

“Hoje, após duas **derrotas** humilhantes, o Kaiserslautern tenta a reabilitação.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 10).

“Vinda de uma **derrota** de 2 a 0 para o Rio Preto na última rodada., a Francana luta para conquistar uma posição de destaque, porém corre o risco de rebaixamento – a Feiticeira ocupa atualmente o 11º lugar.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 7).

“Abalado pela **derrota**, o atacante Deivid procurou isentar os companheiros de clube, mas não deixou de criticar a postura do zagueiro André Luis, que levou o drible de Gil no lance do segundo gol corintiano.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 4)

“A **derrota** para o Palmeiras, maior rival, na final paulista de 93, pondo fim à fila de 16 anos do clube alviverde, também machucou a Fiel.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 8).

É comum, também, encontrar-se na imprensa jornalística brasileira escrita o termo *fracasso* para caracterizar a **derrota** ou, se se preferir, o *desaire* da congênere portuguesa.

O termo *fracasso* que, por empréstimo mantém a mesma grafia do italiano *fracasso*, significa "barulho de coisa que cai, passando depois a indicar o que não dá certo." (Cf. Silva, 2002: 211).

Na verdade, os termos *fracasso* e *derrota* são alternadamente encontrados na imprensa jornalística escrita brasileira com uma certa regularidade.

Notem-se os seguintes exemplos:

"De 66 para cá, a Seleção voltou a ter **fracasso** semelhante na Copa América de 83." (*Lance*, 8.6.2001, p. 6).

"Quando voltar ao Brasil, o técnico Emerson Leão não terá tempo para descansar após o **fracasso** na Copa das Confederações." (*Lance*, 8.6.2001, p. 6).

"Quase uma semana depois do **fracasso** diante do Corinthians, quando somou mais um ano de fila, o Santos mergulhou nas cinzas de Jó para espiar seus pecados com a torcida." (*Gazeta Esportiva*, 19.5.2001, p. 2).

"Mas a conta do **fracasso** – falta de um título – é alta e será paga, mais dia, menos dia, no cartório da insatisfação popular." (*Gazeta Esportiva*, 19.5.2001, p. 2).

Desportivo e esportivo

O termo *desporto* provém de *desporte*, palavra originária da língua francesa antiga (*desport*). *Esporte* é um termo um pouco mais recente, originário da língua inglesa *sport*, forma aferética de *desport*, de origem francesa.

As duas formas, no entanto, *desporto* e *esporte*, são usadas com regularidade em língua portuguesa. A primeira, no entanto, *desporto*, é a forma preferida pela imprensa jornalística portuguesa e a última, *esporte*, pela imprensa jornalística brasileira.

Houve, no Brasil, por iniciativa do escritor Coelho Neto, uma tentativa, de pouco sucesso, de reintroduzir o termo *desportivo* na moderna e corrente linguagem esportiva brasileira, "adotado, inclusive, pela Confederação Brasileira de Desportos - CBD." (Cf. Cunha, 1982: 325).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Apontando o caminho do futuro, Eduardo Medeiros assegura que a aposta vai recair em jogadores formados nas escolas do clube, para minimizar as despesas e rentabilizar, ao máximo, os jogadores em termos financeiros e **desportivos**, salientando que este é o caminho a seguir pelos clubes mais pequenos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 33).

“Paulo Futre, director **desportivo** dos madrilenos, tem já razões para sorrir pois o seu Atlético lidera a classificação.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

“O clube da Linha pretende agora ceder a sua componente imobiliária a empresas do sector que, em troca, proverão o clube dos equipamentos **desportivos** necessários, entre os quais estão as piscinas e uma nova sede social ‘num complexo integrado’.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 35).

“Nos últimos anos o Chipre tem investido muito na formação de jogadores e a nível de infraestruturas **desportivas**.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 4).

“O presidente do Comité Olímpico Internacional, Jacques Rogge, avisou ontem as autoridades gregas que o tempo para construir as infra-estruturas **desportivas** que faltam para os Jogos Olímpicos de 2004 começa a escassear.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 40).

“O Boavista arrancou com toda a força para a nova temporada **desportiva**, mas bem pode dizer-se que os resultados obtidos pelos axadrezados saíram do corpo dos jogadores.” (*A Bola*, 2.10.2001, p. 14).

Brasil

“Ainda falando sobre o seu estilo ‘low-profile’, Ricardinho disse não temer ter sua imagem prejudicada em uma época em que o marketing **esportivo** e o futebol-empresa começam a virar uma realidade no Brasil.” (*Gazeta Esportiva*, 15.5.2001, p. 3).

“A terça-feira internado serviu para que o treinador Vadão pensasse em praticar mais atividades **esportivas** e modificar sua dieta.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 5).

“A resolução baixada pelo ministro Pedro Parente, presidente da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica, proíbe o fornecimento de eletricidade para a realização de eventos **esportivos** noturnos, mas, segundo eurico, não impede que sejam realizados, caso haja outra fonte de energia.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 7).

“Isso porque a ISSM, maior grupo de marketing **esportivo** do mundo e que está ligado com ISL, pediu falência ontem.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 10).

“Com a falência da ISL, empresa de marketing **esportivo** que era responsável pelos direitos de transmissão, o torneio foi adiado para 2003, “ (*Gazeta Esportiva*, 19.5.2001, p. 8).

“A proposta da campanha é de ligar a marca Crystal às últimas tendências de qualidade de vida, em que se inclui a prática **esportiva**, moda e saúde.” (*Gazeta Esportiva*, 23.5.2001, p. 10).

Embate, partida, encontro, jogo

O termo substantivo *embate* tem o mesmo significado que *jogo*. A origem etimológica do termo está vinculada a *bater*, do latim *battere* que literalmente significa "dar pancadas em" ou "dar choques ou pancadas com." (Cf. Cunha, 1982: 101).

Os dois termos, *embate* e *partida*, são encontrados com regularidade na linguagem jornalística esportiva. Em Portugal, no entanto, a imprensa jornalística dá preferência pelo primeiro, enquanto no Brasil, a preferência recai sobre o segundo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O capitão da equipa, Marco Caneira, o mais internacional dos atletas convocados por Agostinho Oliveira, com 91 jogos nos vários escalões, garante empenho total dos jogadores no **embate** de amanhã.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 5).

“No que aos portistas diz respeito, o **embate** terá servido para avaliar em acção determinados atletas.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 11).

“Bem que o facto de não terem sido chamados por Octávio Machado para o **embate** com o Ceta de Vigo podia pressupor um dia de descanso para os jogadores que habitualmente figuram no *onze* do F. C. Porto.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 14).

“Hoje de manhã, Cajuda divulga a lista dos atletas convocados para o **embate** frente ao Santa Clara.” (*A Bola*, 20.9.2001, p. 30).

“E quase sempre se dividiram nos espaços atacantes, também nas oportunidades de golo não aproveitadas, resultadno dessa troca de galhardetes um **embate** bonito, aqui e ali dinâmico, às vezes emotivo.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 14).

“O **embate** frente ao F. C. Porto deixou marcas no médio Neca.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 22).

Brasil

“Os jogadores do Etti Jundiáí se preparam para a **partida** contra o São José, amanhã, às 11 h, no estádio Martins Pereira, em São José dos Campos.” (*Gazeta Esportista*, 12.5.2001, p. 7).

“O jogador, que já defendeu o clube gaúcho, lembra que jogar a primeira **partida** em casa pode trazer alguns benefícios.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 8).

“Mas Vadão admite que disputar uma **partida** decisiva no próprio campo e com o apoio da sua torcida pode se tornar uma arma poderosa para amedrontar os adversários.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 8).

“Já nas oitavas-de-final, contra o Vitória, o São Paulo teve de jogar a primeira **partida** dentro do Morunbi e fazer o segundo jogo na casa do adversário.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 8).

“O Botafogo vai enfrentar o Cabofriense, hoje, à 16h, na Rua Ariri, para afastar os comentários de a **partida** poderia terminar em armação.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 9)

“Os boatos de que o Cabofriense pudesse ser beneficiado irregularmente nesta rodada começaram quando o time de Cabo Frio tentou levar a **partida** para seu estádio.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 9).

A imprensa jornalística portuguesa escrita também se utiliza com bastante regularidade do termo **encontro** para caracterizar os jogos de futebol.

Notem-se os seguintes exemplos:

“A lista preparada por Laszlo Bölöni para o **encontro** de hoje à noite não apresenta novidades substanciais.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 4).

“Entram dois e saem três. São estas as contas pouco complicadas que Laszlo Bölöni fez para elaborar a lista dos convocados para o **encontro** de hoje à noite com o Santa Clara.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 4).

“Neste **encontro** com o conjunto lisboeta, Carlos Paredes sofreu uma carga que o obrigou a ser assistido fora das quatro linhas do terreno.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 10).

“Os sadinos começaram por dar mostras, logo no início do **encontro**, da sua ousadia.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. p. 14).

“Um **encontro** emotivo, que chegou a ser eletrizante, até ao apito final.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 18).

“O **encontro** começou com a bola a percorrer todo o terreno e a rondar com perigo as duas balizas.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 28).

No Brasil, o termo **jogo** também é usado com bastante regularidade em substituição a **partida**.

Notem-se os seguintes exemplos:

“A equipe do técnico Paulo Roberto disputou até agora cinco **jogos**, vencendo quatro e empatando um.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 7).

“O São Paulo, que eliminou o Vitória na última fase, vai jogar o primeiro **jogo** das quartas em Porto Alegre, contra o Grêmio.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 9).

“Um encontro de personalidades fortes marcará hoje o **jogo** entre Cruzeiro e América, pelo campeonato Mineiro.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 11).

“Dois **jogos** que haviam sido adiados foram realizados ontem pelo Campeonato Inglês.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 11).

“No outro **jogo**, o Manchester United perdeu para o Southampton por 2 a 1, fora de casa..” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 11).

“Agora, a China, mesmo com um **jogo** a menos, divide a liderança da chave com a Indonésia.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 11).

Enquadrado e posicionado

O termo *enquadrado* se relaciona com o numeral quatro, do latim *quattuor*. Em termos futebolísticos, no entanto, *enquadrado* refere-se à posição que o jogador ocupa em campo. Dependendo de sua posição, diz-se que o jogador está *bem* ou *mal enquadrado* ou, ainda, se se preferir, *bem* ou *mal posicionado*.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa prefere usar o termo *enquadrado* em suas crônicas e notícias. A imprensa jornalística brasileira, no entanto, prefere exprimir-se com o termo *posicionado*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Repartiu quase sempre com Figo a condução dos lances de ataque, revelando notável leitura de jogo, com a capacidade ainda de aparecer bem **enquadrado** para marcar golo.” (Comentário sobre o jogador João Pinto) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

Brasil

Na imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa, no entanto, a expressão *bem posicionado* também pode ser encontrada, embora em menor frequência.

Notem-se os seguintes exemplos:

“No lance do primeiro golo há um jogador meu que diz que foi carregado em falta, mas eu confesso que na altura não estava bem **posicionado**, e já no segundo golo há uma falta sobre o Dovala que o árbitro ia marcar e não marcou, e foi num período de jogo em que o Gil Vicente estava a dominar, a ariscar e a criar oportunidades.” (Comentário de Luís Campos, Técnico do Gil Vicente) (*A Bola*, 21.10.2001, p. 23).

Equipa e equipe

Os termos *equipe*, *equipo* e *equipa* são formas variantes do francês *équipe*. O sentido literal do vocábulo francês se refere a um conjunto de pessoas que executam um trabalho comum qualquer. Em termos futebolísticos, constitui uma *equipe* os jogadores que atuam numa mesma agremiação esportiva.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa prefere a utilização da variante *equipa*; a imprensa jornalística brasileira congênera, *equipe*. A variante *equipo* é utilizada em língua espanhola.

Os termos *equipe*, *equipo* e *equipa* são, ainda, derivativos do verbo *equipar*, do francês *équiper*. O vocábulo foi originalmente usado na marinha francesa para se referir à embarcação que se preparava para manobra, guarnecendo o seu interior de suprimentos.

Em Portugal, como teremos oportunidade de ver mais adiante deste trabalho, o termo *equipa* é usado, ainda, como variante local de *plantel*, assim como, no Brasil, o termo *time* é utilizado como variante local de *equipe*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

O técnico do Beira-Mar, António Sousa, decidiu dar à sua **equipa** uma merecidíssima folga dupla, sendo que o plantel aveirense retoma os trabalhos só amanhã à tarde. (*A Bola*, 1.10.2001, p. 19).

“Procurou ser o flaqueador que a **equipa** precisava no lado esquerdo, mas na contabilidade final a sua produtividade ficou a milhas da de Simão, que jogou do lado contrário. (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

“Rui Jorge foi expulso no encontro com a formação arsenalista e não poderá dar o contributo à **equipa**.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 25).

“Um dos jogadores mais retraídos da **equipa**, a que não será alheio o facto de só há pouco tempo ter sido internacional ‘AA’ pela primeira vez.” (Comentário sobre o jogador Beto) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“Mesmo com o interregno do campeonato, a **equipa** do V. Leira não teve vida facilitada durante a última semana, pois José Mourinho não deu descanso aos seus pupilos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 24).

“O internacional português Luís Boa Morte regressou do melhor modo à titularidade no Fulham, ao apontar o segundo golo da sua **equipa** na vitória sobre o Mónaco (2-1), num encontro particular.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

Brasil

“A **equipe** do técnico Vadão havia vencido os seus cinco primeiros jogos na competição.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“Ambas as **equipes** continuaram a buscar o gol, só que devido às boas atuações dos dois goleiros, as redes não mais balançaram.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“Jogando em casa e precisando do resultado, a **equipe** gaúcha bombardeou o gol de Rogério Ceni.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“Apesar de ser o goleador da **equipe** no ano, o atacante deixou o gramado do Morumbi como um dos vilões da derrota santista.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 17).

“As duas **equipes** conquistaram apenas um ponto em quatro jogos.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 14).

“O confronto de ontem contra a Matonense foi a prova definitiva que a **equipe** precisa fazer muitos ajustes.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

Esférico e bola

Segundo Prata (1999: 55), o termo *esférico* é largamente empregado em Portugal para designar a **bola**, do latim *bullā*, a principal figura em campo numa partida de futebol.

A **bola**, no entanto, "deve ser perfeitamente esférica e no seu fabrico não deve ser empregado material que se constitua em perigo para o jogador." (Cf. Penna, 1998: 57).

Em função de sua forma arredondada, a imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa dá preferência à utilização do termo sinestésico *esférico* para substantivar a sua forma adjetiva. Ambas as formas são utilizadas em Portugal. *Esférico*, no entanto, representa a forma preferida dos lusitanos para se referir à **bola**. (Cf. Penna, 1998: 99).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“No *banco* de suplentes de início, recebeu ordem para entrar aos 32 minutos e na primeira vez (!) que tocou no **esférico**, num belo golpe de cabeça, inaugurou o marcador.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“O bota-de-ouro foi encarregado de marcação de um livre, a cerca de 25 metros da baliza macedónia, e fez o **esférico** descrever uma curva sobre o muro adversário, colocando-o no canto superior esquerdo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Vinte minutos em campo, o tempo suficiente para num remate colocado acertar com o **esférico** de raspão na trave.” (Comentário sobre o jogador Sokota) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 13).

“Assim, ao minuto 38, puxou o gatilho atrás e, qual míssil teleguiado, depositou o **esférico** nas redes da formação germânica, com este a entrar bem certinho no ângulo superior direito da baliza.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 6).

“O **esférico** tocou no brasileiro e ganhou uma nova trajectória a meio da viagem que deixou o guarda-redes russo irremediavelmente batido.” (*A Bola*, 30.9.2001, p. 5).

“Um valente susto quando, a tiro de Sandro, colocou mal as mãos no **esférico** e este quase entrou na baliza.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 6).

Brasil

“André chuta de longe, a **bola** passa raspando a trave direita do goleiro Flávio.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“Serginho chutou de fora da área, a **bola** desviou na zaga e entrou.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 11).

“Moura, do Vitória, se atrapalhou e empurrou a **bola** para o fundo do gol.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 4).

“A **bola** sobrou para Ramón, que carimbou a trave.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 5).

“O time sorocabano tomou um gol de **bola** parada, no final do jogo, momento em que a atenção deveria ser redobrada.” (*Gazeta Esportiva*, 19.5.2001, p. 7).

“Muller tentou cortar a trajetória certa da **bola** de cabeça mas foi traído pela milimétrica cobrança do Pé de Anjo.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 3).

Falhanço e falha

Segundo Prata (1999: 63), o **falhanço** se caracteriza quando o time *foi lá e não deu certo*.

O termo, no entanto, não se refere apenas aos erros cometidos pelas equipes de futebol. Ele pode ser extensivo, também, aos seus jogadores.

Assim, *falhanço* é o termo empregado pela linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa para caracterizar o desempenho desastroso de um time ou de um jogador de futebol.

O vocábulo é formado pelo verbo *falhar* e o sufixo latino *-anço*, forma variante dos padrões canônicos dos substantivos derivados de verbos terminados em *-ança* ou *-ância* que etimologicamente indica uma *ação*, *resultado de uma ação*, ou, ainda, um *estado*.

Falhar, por sua vez, tem a sua origem em *fallia*, termo latino que identifica um *erro* ou *defeito*.

Apesar da forma canônica *falhança* também poder ser encontrada em língua portuguesa, a linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa se utiliza apenas da forma variante *falhanço* para caracterizar o desempenho descuidado dos jogadores ou das equipes futebolísticas.

A imprensa jornalística esportiva escrita brasileira praticamente desconhece o vocábulo e refere-se a essa mesma situação comunicativa como *falha*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“[...] saiu em falso aos 11 minutos, cometeu novo **falhanço** aos 38 minutos, que só por milagre não deu em golo, e, na sequência de um livre apontado por Cleyton, deixou o esférico escapar por entre as pernas e só depois o recuperou.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 15).

“Aí, o Benfica ficou sem meio-campo. Estrondoso **falhanço**.” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 2).

“Saltou com Renato e, aproveitando o **falhanço** do *central*, deixou a bola saltar na relva e disparou de primeira, com o pé direito, rasteiro, não dando hipótese a Costinha.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 14).

Brasil

“A terra voltou a tremer no vestiário do Santa Cruz quando Lori Sandri falou sobre as **falhas** que originaram os três gols do Corinthians.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 5).

“Aos 39 minutos, Marquinhos aproveitou a **falha** da zaga do Rio Branco e lançou o atacante Ricardo Oliveira dentro da área.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

Fífia e falha

Os apreciadores do jogo de futebol estão sempre a cobrar o bom desempenho dos jogadores do seu time favorito.

O bom desempenho dos jogadores pode ser marcado pela alta técnica com que eles conseguem alcançar os seus objetivos em jogo como também pela capacidade individual com que cada um dispõe para vencer os seus adversários.

Aliás, o grande público em geral até prefere ver este tipo de talento individual em campo ao invés da técnica estudada e imposta pelos treinadores de equipes. É o chamado *futebol artístico*.

Como qualquer atividade humana, no entanto, o jogo de futebol não está livre de falhas e erros de toda natureza que inviabilizam, na maioria das vezes, o objetivo maior do jogo que é o gol.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa refere-se a esses erros individuais dos jogadores, geralmente desastrosos, de *fífias*. Em termos futebolísticos, cometer uma *fífia* significa, então, cometer um erro individual comprometedor para a equipe como um todo.

O termo é de origem onomatopáica e refere-se ao som *agudo* ou *desafinado* dos instrumentos musicais.

Aparentemente não há ligação semântica entre o termo em si e o fato futebolístico, a não ser pela extensão semântica e metafórica que se poderia dar ao vocábulo *desafinado*.

O termo parece, assim, estar mais vinculado a uma das invencionices próprias da gíria popular do mundo esportivo, particularmente do futebol, para designar os *erros* ou *falhas* individuais dos jogadores do que às origens etimológicas propriamente ditas do vocábulo.

Observe-se aqui uma das raras demonstrações de informalidade da linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa.

A imprensa jornalística esportiva escrita brasileira, por sua vez, prefere empregar o termo *falha* para se referir, também, aos erros individuais dos jogadores.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Já nos derradeiros dez minutos, no mesmo lance, dupla dose de golo bem à vista para o Benfica: **fífia** de Deco, Drulovic fugiu e cruzou [...]” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 3).

“Uma **fífia** aos dez minutos poderia ter deitado um balde de água fria em Alvalade.” (Comentário sobre o jogador André Cruz) (*A Bola*, 28.9.2001, p. 14).

“[...] os portistas estavam mesmo dispostos a dificultar-lhe a vida e carrilaram, quase sempre, as jogadas de ataque pelo seu sector, levando-o a cometer algumas **fífias** comprometedoras.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 15).

“Não fez uma defesa em que tivesse de apelar a todas as suas potencialidades, depois de um início nervoso, com uma **fífia** do tamanho da Torre das Atnas.” (Comentário sobre o jogador Ovchinnikov) (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

Brasil

“O goleiro Alex se redimiou da **falha** do primeiro gol e salvou o olímpia em várias oportunidades.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 9).

“Após escanteio, o zagueiro Fábio se aproveitou da **falha** do goleiro Alex para fazer de cabeça um a zero.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 9).

“O que não pode fazer é oferecer o canto para ele’, disse Sandri, que em seguida descartou **falha** de seu goleiro.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 5).

Flanco e laterais do campo

Há quem associe o campo de futebol a um campo de batalha, onde os jogadores são comparados aos soldados que vão à luta. Vale a pena retomar o seguinte texto:

O estreito relacionamento entre a guerra e o futebol, já delineado em suas origens, pode ser verificado no levantamento das designações bélicas utilizadas pela nossa imprensa: O jogador, como um soldado, tem que lutar com raça, com grande valentia, brigar muito, para mostrar na peleja, no combate, na disputa, o seu espírito guerreiro, de luta, a sua garra, a sua bravura. Vencer o adversário, o inimigo valente, foi a missão recebida pelo alto

comando do futebol. É importante que se faça uma brilhante campanha. O estrategista (o técnico) cria esquematizações táticas, comportamentos táticos a serem experimentados nos treinos técnico-táticos. Traça o plano; arma um sistema defensivo invulnerável, um sistema de marcação cerrada; organiza o assédio, o cerco, as manobras táticas; arregimenta seus comandados e elege o capitão da esquadra, e, se preciso, lança mão de ‘reforços’, - arma importante numa decisão. A linha de frente é formada pelos atacantes. Não faltará o homem de choque, o ponta-de-lança, o armador, o rompedor, o lutador, o brigador, o lançador, o artilheiro. Todos procuram experimentar a pontaria, armar o gatilho, dar uma saraivada de dribles, botar bala no canhão, engatilhar o tiro, não negar fogo. O tiro deve ser certo, a intervenção perigosa. É preciso ir à revanche, mostrar a agressividade do ataque, fazer jogadas ofensivas, violentas. Avançar. Investir. Dar combate. Furar o bloqueio. Dominar as ações. Levar perigo ao campo adversário. Liquidar com o inimigo. Massacrar. Antes de comandar a reação, preparar a armadilha, contra-ataque, é necessário bloquear, salvar, defender, aliviar o perigo, desarmar, proteger os setores, obstruir, oferecer resistência, anular, neutralizar o ataque inimigo, tentar ganhar terreno, dar cobertura, apoiar seus atacantes, ameaçar o adversário, armar jogadas ofensivas, outros dão força ao ataque. A ordem é destruir, perigar, prensar, surpreender, contragolpear em velocidade, manter duelo, acionar mais, quebrar a resistência, forçar o setor, encurralar o adversário, sair ao encalço, rechazar a pressão, dar entradas violentas. *Punch*. Apertar, passar pela barreira, atirar, fuzilar, conquistar a vitória. E o outro esquadrão que deu terreno ao inimigo, cedeu a vantagem inicial, perdeu a força, foi desarmado, e, às vezes, parado na base da violência, foi derrubado, batido, derrotado.

Da mesma forma que na guerra, os jogadores do quadro vencedor ou perdedor são considerados heróis, principalmente quando se trata de jogadores do escrete nacional. Hoje é, sem dúvida, extremamente compensador fazer parte do selecionado do país. Mas outrora, havia as desvantagens – no caso da seleção não vencer: ‘Jogar no escrete então era como ir para a guerra. Uma derrota podia marcar o jogador para o resto da vida.’

De qualquer modo, a recepção de um selecionado bem sucedido sempre foi maior do que a dos pracinhas quando voltaram da guerra, apesar da semelhança entre a função de um jogador e de um soldado: ‘Hoje nossos jogadores lutarão pela vitória com o mesmo ardor com que estariam defendendo o solo pátrio’. Era como se a própria pátria estivesse em perigo.

(Fernández, 1974: 62-4)

É nesta visão bélica que muitos termos ligados ao jogo de futebol são criados e vão, aos poucos, se multiplicando. Exemplos disto são vocábulos como *artilheiro, atacante, tiro, armador, arqueiro, guardião, recuar, avançar, aspirante, embate, linha de frente, comandante, conquista, barreira* e muitos outros.

Pouco se sabe sobre a origem dos jogos mas é quase certo que a sua prática é mais remota que o próprio trabalho.

Como uma das mais importantes e antigas atividades socializadoras do homem, não é de surpreender que os jogos, de uma maneira geral, tenham ligação também com uma das práticas de sobrevivência grupal mais antiga da história do homem: a guerra.

Assim, não é apenas o jogo de futebol que tem ligações com o bélico. A maioria dos jogos pode ser enquadrada nesta circunstância. Evidentemente, a linguagem acompanha este processo contextual.

O termo *flanco*, por exemplo, é mais um dos vocábulos que tem a ver com essa nomenclatura bélica. Originalmente, *flanco* designa um dos lados “de um corpo de tropas³.” (Cunha, 1982: 360).

A imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita se utiliza amplamente do termo *flanco* para indicar um dos lados do campo de futebol: direito ou esquerdo. É comum encontrarmos *flanco direito* ou *flanco esquerdo* nos textos jornalísticos esportivos portugueses.

A imprensa jornalística esportiva brasileira escrita, por sua vez, dá preferência ao termo *lateral*, do latim *lateralis*, derivação latina de *latus* que literalmente significa *lado*. Da mesma maneira, é comum encontrarmos lateral direita, lateral esquerda para indicar a correta posição em campo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Começou o jogo na direita, passou para o centro do meio-campo, derivou para o **flanco** esquerdo e voltou à posição inicial.” (Comentário sobre o jogador Capucho) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“Nos instantes finais, apareceu posicionado no **flanco** direito, sem baixar de rendimento.” (Comentário sobre o jogador Simão Sabrosa) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

“Encostado ao lado esquerdo de início, trocou de posição com Capucho durante a primeira parte e fixou-se no **flanco** direito (à excepção dos últimos 10 minutos) depois da entrada em jogo de Simão Sabrosa.” (Comentário sobre o jogador Sérgio Conceição) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

“O Alverca sofreu sérios sobressaltos por este **flanco** e José António passou a ser o grande sacrificado, tal a frieza e inspiração do atacante dos açorianos, que mereceu o golo” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

“George jogou no **flanco** direito, mas muitas vezes caiu para o centro, baralhando-se com Toñito ou com Vítor Vieira, que também se chegava para o meio.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

³ O grifo é nosso.

“José Antonio – Depois da santa primeira metade em que o Santa Clara não existiu ofensivamente no seu **flanco**, na segunda metade levou com um Vítor Vieira endiabrado em cima e teve muitas dificuldades para o aguentar.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 21).

Brasil

“Agora, em apenas dois dias de convívio com os jogadores em Jarinu o treinador terá que decidir quem será o titular na **lateral direita**, problema que não teria caso Belletti não tivesse se machucado ontem.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 19).

“Apesar de afirmar que já tem em mente a base da equipe para a Copa do Mundo, o treinador ainda testa opções para as duas **laterais**, onde perdeu ontem dois atletas.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 19).

Pelas **laterais** ou pelo meio, o Botafogo levou muito mais perigo para o gol são-paulino.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 7).

“Outro que ganha uma vaga é o meia Marco Aurélio, já que Dionísio foi deslocado para a **lateral direita**.” (*Gazeta Esportiva*, 9.5.2001, p. 9).

“O meia Washington Fubá fez jogada pela **lateral** e cruzou para o meia da área.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 9).

“Tite deve promover o retorno de Anderson Lima ao setor para aproveitar a ausência de Gustavo Nery na **lateral esquerda** do São Paulo.” (*Gazeta Esportiva*, 23.5.2001, p. 8).

Flanqueador e lateral

Os jogadores que se posicionam nas laterais do campo são chamados indistintamente pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa de ***flanqueadores*** ou ***laterais***.

Na imprensa jornalística esportiva escrita brasileira, no entanto, esses mesmos jogadores são chamados única e exclusivamente de ***laterais***. Assim, no Brasil, o termo ***flanqueador*** é praticamente inexistente.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Procurou ser o **flanqueador** que a equipa precisava no lado esquerdo, mas na contabilidade final a sua produtividade ficou a milhas da de Simão, que jogou do lado contrário.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

Ou, ainda,

“Mas não é só por isso que o **lateral** português se recordará desta goleada a Andorra.” (Comentário sobre o jogador Rui Jorge) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“Há muito referenciado pela formação basca, o **lateral** portista, que ontem Octávio Machado colocou em campo frente ao Celta de Vigo, pode, assim, voltar a jogar no estrangeiro, depois da experiência no Aston Villa.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 48).

Brasil

“A Lusa não conseguia avançar pelo meio e teve que utilizar seus **laterais** Mancini e Rochinha para chegar ao ataque do adversário.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

“O **lateral** Russo ainda não conseguiu assimilar o golpe da desclassificação.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 10).

“Protagonista do principal lance do jogo, o **lateral** Fabiano ficou na bronca com Marcelino.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“Como todo jogador, o **lateral** sempre sonhou em jogar fora do País e garante que está preparado para enfrentar as inevitáveis mudanças em sua vida.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 3).

“No Etti, o técnico Giba não vai ter seus dois **laterais** titulares à disposição.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 10).

“O **lateral** foi testemunha dos xingamentos dos torcedores que acompanharam ontem pela manhã o treino do Verdão na Academia.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 6).

Dependendo da localização do jogador em campo, no entanto, sempre em relação ao time atacante, as imprensas jornalísticas esportivas escritas, tanto a portuguesa quanto a brasileira, nomeiam esses jogadores de **laterais-direito** sempre que atacarem o adversário pelo por esse lado.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O **lateral-direito** deixou as iniciativas atacantes ao companheiro colocado, pontualmente à sua frente (Capucho, Figo, Sérgio Conceição e Simão) e esteve essencialmente preocupado com fechar o respectivo corredor.” (Comentário sobre o jogador Frechaut) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“Destes cinco novatos, o **lateral-direito** foi o único que pegou de estaca.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 18).

“Nélson Veiga é um atleta que tanto pode alinhar a **lateral-direito**, como a defesa-central.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 27).

Brasil

“O **lateral direito** Alexandre Chagas se reintegra ao elenco luso após ter sido emprestado ao rio Branco de Americana, onde foi titular e marcou quatro gols no Campeonato Paulista.” (*Lance*, 16.5.2001, p. 13).

“O técnico Lula Pereira tem dois problemas para escalar o time que enfrenta o Ipatinga no Domingo: o **lateral-direito** Édson, com uma fisgada na virilha e o meia Rogério com uma lesão na batata da perna.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“O **lateral-direito** Valdir deve estreiar no lugar de Leandro Silva.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 10).

Ao contrário, sempre que o ataque for realizado pelo lado esquerdo do campo, os jogadores serão chamados de **laterais-esquerdo** pelas imprensas esportivas escritas dos dois países.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Paulo da Silva, o **lateral-esquerdo** angolano que se encontra a treinar, à experiência, não vai ficar na Luz.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 19).

“O guarda-redes Paulo Jorge, o **lateral-esquerdo** Quim Costa e o avançado Paulinho não voltam a evoluir sem qualquer tipo de limitação.” (*A Bola*, 2.9.200, p. 32).

“O **lateral-esquerdo** já terá sido contactado e terá tido reacção favorável à proposta formulada pelos espanhóis, embora sempre condicionada ao acolhimento que a proposta vai merecer da administração da SAD.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 10).

“O **lateral-esquerdo** que o F., C. Porto vendeu ao Saragoça, de Espanha, apareceu acompanhado do avançado Pena e chegou no momento em que os seus ex-companheiros se encontravam na fase final do período de aquecimento, que decorria no relvado secundário.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 13).

“Bruno Basto esteve 79 minutos em campo, actuando na **lateral-esquerda**.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 37).

“O **lateral-esquerdo** é considerado imprescindível, apesar de não ter sido chamado, ainda à equipa principal (foi três vezes suplente não utilizado), já que o seu empréstimo acabaria por colidir com os interesses do clube, que ficava amputado de um jogador que, a qualquer momento, pode vir a ser opção.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 13).

Brasil

“O **lateral-esquerdo** Rubens Cardoso avança pela esquerda e cruza.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 13).

“E, apesar de Marcelinho jurar inocência no lance em que levou o **lateral-esquerdo** Fabiano a tomar dois pontos no queixo, Luxemburgo não pareceu disposto a ouvir as desculpas do Pé-de-Anjo.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“O **lateral-esquerdo** Leandro, do Botafogo-RJ, foi muito elogiado pelo técnico Oswaldo Alvarez na última semana.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 13).

“O **lateral-esquerdo** Léo já está recuperado de uma contusão no tornozelo direito e garante que vai estar em campo no próximo Domingo.” (*Gazeta Esportiva*, 4.5.2001, p. 4).

“O **lateral-esquerdo** da Ponte ainda acredita que o time está recebendo uma ajuda divina para estar nas finais.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 6).

“Para o **lateral-esquerdo** André Luiz, quem não se acostumar a esse ritmo, não pode se tornar um jogador de futebol.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 5).

Fora-de-jogo, impedimento, deslocação

Algumas regras do jogo de futebol servem apenas para dar às partidas um pouco mais de dinamismo e movimento, tornando-as um pouco mais emocionantes e competitivas. Os ***foras-de-jogo*** são uma delas.

A expressão portuguesa esforça-se para traduzir a expressão inglesa *off-side*.

Segundo as regras dos ***foras-de-jogo***, o jogador não pode simplesmente posicionar-se próximo do gol adversário durante uma partida e ficar à espera de que uma bola lhe caia aos pés e possa, assim, marcar um tento sem grande esforço.

Assim, o *gol* ou qualquer outra jogada não será considerado válido se o jogador estiver posicionado mais próximo da linha de fundo adversária que o penúltimo jogador oponente.

Este tipo de infração é cobrado pelo time adversário por meio de um tiro livre indireto, do lugar em que o jogador infrator cometeu a irregularidade.

A imprensa jornalística esportiva brasileira escrita se refere a este tipo de infração como ***impedimento***.

O termo *impedimento* utilizado pela imprensa esportiva brasileira escrita parece ser bastante apropriado para esse tipo de situação por caracterizar o jogador infrator como *impedido* de continuar a jogar, por estar a contrariar as regras estabelecidas do futebol.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Nos minutos finais os escoceses tudo tentaram para marcar: Dodds colocou a bola no fundo das redes (85 minutos), mas a jogada foi anulada por **fora de jogo** e... consequente decepção em Hampden Park.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 11).

“E foi mal auxiliado, que alguns **fora-de-jogo** clarísimos ficaram por assinalar ao ataque portista e outros, como aquele em que Pena aparecia isolado, na parte final do encontro, só existiu no pensamento do seu auxiliar.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 5).

“No golo, o quinto na I Liga, limitou-se a empurrar para a baliza, em posição de **fora-de-jogo**, um remate-centro de Simão.” (Comentário sobre o jogador Mantorras) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 13).

“Ter sido apanhado em **fora-de-jogo** numa das raras vezes em que evoluiu na área bracarense não foi propriamente referência abonatória, mesmo considerando que estava tudo resolvido quando o treinador o chamou ao encontro, ou seja, numa fase em que a equipa estava em descompressão.” (Comentário sobre o jogador Márcio Santos) (*A Bola*, 21.10.2001, p. 6).

“Algumas reclamações no capítulo dos **fora-de-jogo**, e algumas delas com razão, e um ou outro lance incorrectamente ajuizado não constituem matéria suficiente para prejudicar uma actuação positiva.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 13).

“Os locais, sobretudo nos primeiros 45 minutos, exibiram-se muito melhor, criaram as melhores situações para fazer funcionar o marcador, mas acabaram por fazer o segundo golo em lance no qual o seu autor estava em nítido **fora-de-jogo**.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 29).

Brasil

“Vampeta deixa Romário cara a cara com o gol. O árbitro, equivocadamente, marca **impedimento**.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 13).

“Léo cruza e Washington faz de cabeça. Bendeirinha marca **impedimento**.” (*Lance*, 5.6.2001, p. 8).

“A zaga da Lusa parou pedindo **impedimento** e o atacante Marcus Vinicius ficou cara a cara com Carlos Germano.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

“Os jogadores chilenos reclamaram de **impedimento** de Pedrinho no lance.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 4).

“Aos 41, Lúcio apareceu sozinho no ataque, mas o árbitro invalidou o lance e marcou **impedimento**.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 10).

“Na ocasião, o atacante Cléber recebeu a bola em **impedimento** e fez o gol da vitória da Lusa sobre o São Paulo, resultado que acabou com as chances de classificação do Tricolor para as semifinais.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 5).

A imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita também se refere a este tipo de infração como **deslocação**, por estarem os jogadores infratores, segundo o próprio nome indica, **deslocados** de suas posições regulares previstas nos regulamentos do jogo.

Note-se o seguinte exemplo:

“O árbitro lisboeta cometeu um erro, por indicação do seu auxiliar que acompanhava o ataque do Boavista: assinalou **deslocação** a Márcio Santos, aos 87 minutos, num lance em que este jogador poderia ter marcado o quarto golo.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

O termo **deslocação** é, ainda, amplamente utilizado pela imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita para se referir ao time que deixa a sua sede para atuar em qualquer outro local.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Os *petrolíferos* poderão ser igualados na classificação, caso o ASA, de Bernardino Pedroto, vença esta tarde o Sonangol na sua **deslocação** ao Namibe.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

“O Amora prepara a **deslocação** à Madeira, para defrontar o Marítimo B, com apenas um baixa.” (*A Bola*, 22.9.2001, p. 33).

“Nuno Lourenço, Vitor e Marco Rosa treinam-se condicionados e estão em dúvida para a **deslocação** ao reduto do Alqueidão da Serra.” (*A Bola*, 26.9.2001, p. 34).

“Na primeira jornada, o Boavista **deslocou-se** a Liverpool e a música de prova não ecoou das colunas, tal como na segunda ronda, frente ao Dínamo de Kiev, da primeira fase desta competição, em memória das vítimas dos atentados nos Estados Unidos.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 6).

“São dois os jogadores do Joane que se encontram em dúvida para a **deslocação** ao terreno do Famalicão.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 33).

“O primeiro está a contas com uma contractura muscular, enquanto o segundo, afastado da **deslocação** ao terreno do Oliveira do Bairro, recupera de uma operação a um joelho.” (*A Bola*, 27.9.2001, p. 37).

Futebolista e jogador

O termo futebol é de origem inglesa (*football*) que significa literalmente *pé (foot)* na *bola (ball)*. Assim, o vocábulo **futebolista** é o termo aportuguesado amplamente empregado pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa para designar aquele que pratica o jogo de futebol.

O aportuguesamento do vocábulo se deu, neste caso, pelo acréscimo do sufixo *-ista*, como se deu, também, em tantas outras palavras portuguesas como *maquinista, esportista, automobilista etc.*

Conservadores por natureza, os portugueses preferem o termo **futebolista** ao invés de **jogador** como é usual na imprensa jornalística esportiva escrita brasileira pela restrição conceptual que o termo dá.

Na verdade, o termo **jogador** é bastante amplo e pode aplicar-se, também, a muitos outros tipos de esportes que nada ou quase nada têm a ver com o futebol, como o basquete, o tênis, o vôlei etc, por exemplo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“LÉRIDA – Dos quatro **futebolistas** que lideram a lista dos melhores marcadores do Grupo 2 com cinco golos, dois deles são portugueses: Figo e Pauleta.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 3).

“Mesmo assim, os *internacionais* não terão descanso: Jaime Pacheco fará deslocar um dos seus adjuntos para Lisboa, onde será ministrado, no Estádio Nacional, um treino para os quatro **futebolistas**”. (*A Bola*, 1.9.2001, p. 22).

“Nesta altura estão vários **futebolistas** à experiência no clube e é provável que alguns deles cheguem a acordo com o Arrifanense.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 34).

“Um **futebolista** já claramente emancipado, e que ontem assumiu o comando da defesa, ao lado de um jovem que segue na esteira dos Ricardos e é mais uma aposta com futuro à vista.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 12).

“Os **futebolistas** de Vítor Oliveira também carregavam, à imagem dos , um sentimento de tristeza.” (*A Bola*, 20.9.2001, p. 32).

“Alguns **futebolistas** que defrontaram o Belenenses ainda interromperam a marcha para conversarem com as respectivas mulheres, mas recusaram todos os pedidos dos

jornalistas de serviço nas Antas para comentarem o desaire de ontem.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 17).

Brasil

“Os **jogadores** paulistas não admitiam e alegavam irregularidade nos dois gols que deram a vitória ao Grêmio, por 2 a 1.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 13).

“O **jogador** pinta e borda, se comporta como um peladeiro de fim-de-semana e ainda acha que está agindo certo.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 3).

“Marcelinho é tão bom **jogador** quanto é petulante e cara-de-pau.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 3).

“Mas o torcedor que espera por uma nova convocação, deixando de lado os **jogadores** anteriormente relacionados, pode ficar frustrado.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 19).

“A verdade é que a eliminação do Paulista ainda assombra os **jogadores** do Peixe, e nem mesmo a convocação para a Seleção Brasileira consegue a tristeza.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 15).

“O técnico Geninho também elogiou o futebol de seu melhor **jogador** na vitória de ontem.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 4).

Golo, gol, tento, bolas

O principal objetivo de todos os 22 jogadores de futebol em campo é marcar **gols**. Dos dois times confrontantes, aquele que obtiver no final da contenda o maior saldo de **gols** será considerado o time vencedor. Aliás, o significado literal do termo inglês *goal* é justamente este: *objetivo* ou *meta*. Assim, é considerado **gol** numa partida de futebol quando a bola ultrapassa a linha de meta que se situa entre os dois postes da linha de fundo do campo adversário. Se a bola, por qualquer razão, no entanto, ultrapassar a linha de meta do próprio time, será considerado, então, **gol contra** e a marcação favorecerá o adversário.

A linguagem jornalística esportiva portuguesa, por sua natureza bem mais formal que a linguagem jornalística esportiva brasileira transformou, por um processo de adaptação inerente aos mecanismos da língua, o termo **gol** para o vernáculo **golo**.

O vocábulo **golo**, por sua vez, já era existente em língua portuguesa como forma variante de *gole* que etimologicamente se refere a uma pequena porção de líquido.

Aparentemente, pelo menos, não há qualquer relação etimológica entre os campos semânticos dos dois termos: *golo* e *gole*, ou sua variante local *golo*.

Enquanto *golo* é, por exemplo, como já se disse, uma adaptação do inglês técnico *goal* à linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa, *golo*, como variante local de *gole*, se vincula etimologicamente a *engolir*.

A identidade entre os dois vocábulos é, assim, apenas uma coincidência fonética existente no português europeu se se considerar a etimologia dos dois vocábulos.

No campo metafórico, no entanto, a aproximação semântica entre os dois vocábulos pode ser aceitável. Assim, por exemplo, *golo*, utilizado na linguagem jornalística esportiva, de origem inglesa, pode aproximar-se semanticamente a *engolir*, vocábulo já existente no vernáculo da língua portuguesa, uma vez entendido que a bola ao transpassar o goleiro é *engolida* pelas redes da *baliza*, ou, ainda, se se pretende compreender de uma outra maneira, a bola é *engolida* pelo goleiro por força do *chute* adversário.

O vocábulo *gol*, de uso corrente na linguagem jornalística esportiva brasileira, abriga basicamente dois sentidos: designa o *tento* propriamente dito realizado por uma das equipes adversárias e o *local físico* onde ele ocorre, como sinônimo de *baliza*.

Machado (1992:198) observa, no entanto, que adaptação do termo inglês *goal* para o vernáculo *golo* reduziu a atuação do campo semântico do vocábulo “pois correntemente perdeu o significado de ‘baliza’; apenas lhe ficou o de ‘tento’.”

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O árbitro lisboeta cometeu um erro, por indicação do seu auxiliar que acompanhava o ataque do Boavista: assinalou deslocação a Márcio Santos, aos 87 minutos, num lance em que este jogador poderia ter marcado o quarto **golo**.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

“‘Temos de continuar a ganhar e a jogar bom futebol’, começou por dizer o pontapé-de-lança, que apenas lamenta não ter marcado mais um **golo** no jogo com o Farense, para além do auto-golo que acabou por ditar a (1-2).” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 30).

“Um único senão foi mesmo o **golo** de Andorra, na sequência de um pontapé-de-canto, em que a defesa ficou a ver.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“Finalmente, a meio do segundo tempo, anulou um **golo** limpinho a Pauleta, assinalando um fora-de-jogo inexistente.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 5).

“Repartiu quase sempre com Figo a condução dos lances de ataque, revelando notável leitura de jogo, com a capacidade ainda de aparecer bem enquadrado para marcar **golo**.” (Comentário sobre o jogador João Pinto) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

“O internacional português Luís Boa Morte regressou do melhor modo à titularidade no Fulham, ao apontar o segundo **golo** da sua equipa na vitória sobre o Mónaco (2-1), num encontro particular.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

Brasil

“Ambas as equipas continuaram a buscar o **gol**, só que devido às boas atuações dos dois goleiros, as redes não mais balançaram.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“Foi seu décimo **gol** na competição, igualando-se a outro brasileiro, Duda, como artilheiro do time.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

“O **gol** santista obrigou o Palmeiras, ainda que timidamente, a ir ao ataque.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 3).

Um outro aspecto interessante entre esses dois vocábulos, **gol** e **golo**, refere-se à formação plural desses termos.

Segundo as regras gramaticais, os substantivos portugueses terminados em *-ol* (assim como os terminados em *-al*, *-el* e *-ul*, também) fazem o plural trocando-se o *-l* final por *-is*. São exemplos desta regra, os vocábulos *anzol-anzóis*, *arrebol-arrebóis*, *farol-faróis*, *lençol-lençóis*, *mongol-mongóis*, *sol-sóis* (ou, ainda, *soles*) etc. Constitui-se uma exceção a essa regra, o vocábulo *mol* que faz o plural *moles*.

Portanto, segundo estas normas, ainda, o plural de **gol** deveria ser *gois* (ô) ou, pelo menos, *goles*, caracterizando-se, assim, como uma nova exceção à regra. No entanto, a prática corrente na imprensa esportiva escrita brasileira tem contrariado essa norma registrando o plural *gols*, ou seja, simplesmente tem acrescentado ao final do termo aportuguesado um *-s*, constituindo-se, assim, numa flagrante anomalia gramatical pouco discutida.

Enquanto o vocábulo de origem inglesa mantinha a sua grafia original *goal*, a forma plural se fazia *goals* e não se constituía, então, de uma anomalia gramatical.

De fato, os vocábulos estrangeiros não aportuguesados, ainda, normalmente, fazem mesmo o plural dessa maneira, ou seja, simplesmente, é acrescentado à grafia original do termo um *-s* final. São exemplos dessa regra, os vocábulos *show-shows*, *short-shorts*, *dancing-dancings* etc. São exceções a essa regra, os vocábulos terminados em *-s* ou *-z*, cuja pluralização se dá pela flexão dos artigos que os antecedem e não pelas desinências dos termos, como é, por exemplo, o caso de *os jazz*.

O plural de **gol** parece diferenciar-se dos outros vocábulos terminados em *-ol* listados acima por apresentar desinência com variação de *timbre* diferente daqueles. Assim, todos os exemplos que vimos acima, ao contrário de **gol**, apresentam desinências com formas *tônicas* quanto à intensidade, porém, *abertas* quanto ao timbre: *anzol-anzóis*, *arrebol-arrebóis*, *farol-faróis*, *lençol-lençóis*, *mongo-mongóis*, *sol-sóis* etc.

A regra gramatical parece, assim, ser válida somente para os vocábulos terminados em *-ol* mas cujas vogais temáticas sejam *tônicas* e *abertas*.

Quanto ao vocábulo **golo**, no entanto, a realização da forma plural não oferece maiores problemas. Adaptado ao vernáculo, não apenas foneticamente, mas com o acréscimo de uma vogal temática, também, o plural se realiza normalmente com o acréscimo de um *-s* final, como qualquer outro substantivo terminado por vogal.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Mantorras não foi uma peça decorativa no ataque encarnado, mas também não foi o ponta-de-lança felino de outras ocasiões, perdendo alguns lances junto à baliza que em situações normais dariam...**golos**.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

“Há mais de 35 anos, naquele jogo inesquecível perante a Coreia do Norte, a contar para o Mundial de 1966, o avançado português apontou, igualmente, quatro **golos**.” (*A Bola*, 21, 10.2001, p. 24).

“Não fez mais **golos**, mas já leva 10 com a camisola 9 da Selecção.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

“Cumprimos o nosso dever”, sintetizou o seleccionador nacional, que disse ter razões de sobra para estar contente com o resultado obtido por Portugal frente a um adversário ‘que nunca tinha perdido por sete **golos**’” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 8).

Brasil

“O lateral direito, Alexandre Chagas se reintegra ao elenco luso após ter sido emprestado ao Rio Branco de Americana, onde foi titular e marcou quatro **gols** no Campeonato Paulista.” (*Lance*, 16.5.2001, p. 13).

“O atacante Kléber, maior artilheiro do Brasil nesta temporada com 33 **gols**, disse que o Atlético chega a São Paulo para enfrentar o Corinthians sem medo de cara feia.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 5).

“Na partida de ontem, em Jundiaí, o time foi massacrado por um Etti inspiradíssimo, onde se destacaram as atuações de Zinho, com três **gols**, e Dedimar, que marcou dois **gols** de falta e deu o cruzamento para outros dois.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 11).

“Os jogadores paulistas não admitiam e alegavam irregularidade nos dois **gols** que deram a vitória ao Grêmio, por 2 a 1.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 13).

“Estrela maior do evento, Romário foi homenageado com uma placa por ter sido o artilheiro da última edição do campeonato, com 11 **gols**.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 20).

“Sete **gols** foram sofridos assim, sendo dois de falta.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 7).

Para nomear o *golo*, a imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita se utiliza amplamente também do vocábulo *tento*.

Notem-se os seguintes exemplos:

“O jogador da Fiorentina não demorou muito a perceber como se colocava a bola no fundo das redes de Koldo e, quatro minutos depois de ter entrado, marcou o primeiro **tento**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 3).

“Nuno Gomes saltou do banco e obteve três **tentos** num ápice.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 3).

“A melhor exibição ao serviço de Portugal. Alíás, tratou-se de uma jornada histórica para o avançado *italiano*: marcou pela primeira vez quatro golos na Selecção e ofereceu mais dois **tentos**, um a Pauleta, outro a Sérgio Conceição.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“Poucos segundos após o intervalo, o jugoslavo Stankovic assinou o terceiro **tento**, fixando o marcador.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

“Por outro lado, durante a pré-época, Kluivert marcou seis **tentos** e fez cinco assistências para golo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

“O avançado luso comprovou, assim, a razão que leva o técnico Jean Tigana a apostar em si para fazer dupla no ataque com a jovem *estrela* francesa, Louis Saha, que marcou o primeiro **tento** da partida, logo aos 13 minutos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

O termo *bola* também é utilizado pela imprensa jornalística esportiva portuguesa escrita para caracterizar o número de *gols* marcados por uma equipe.

Note-se o seguinte exemplo:

“Geraílton, com um golo, e Mota, a bisar, (Evandro marcou os outros dois) ajudaram a equipa a vencer o conjunto famalicense por cinco **bolas** a uma.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 30).

Grande penalidade e pênaliti

O futebol, como todos os jogos, tem as suas próprias regras. A infração de uma delas é chamada de *falta* e geralmente é cobrada pelo jogador do time agredido do mesmo local onde ela foi cometida.

Quando a infração ocorre, no entanto, nos limites da grande área adversária, ela é chamada pela imprensa jornalística escrita portuguesa de **grande penalidade**.

A cobrança da **grande penalidade** se dá diretamente da metade da linha da grande área, sem barreira, para o gol adversário.

Pelas circunstâncias das próprias regras de cobrança impostas ao jogo, a oportunidade de gol pela equipe favorecida pela cobrança é quase certa.

A imprensa jornalística escrita brasileira prefere se utiliza do termo **pênaliti**, do inglês *penalty*, para se referir a esse mesmo tipo de infração.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“No espaço de três minutos (47 e 50 m), perdoou duas **grandes penalidades** aos visitados, primeiro por gravata a Nunos Gomes, depois por rasteira a João Pinto.” (Comentário sobre o juiz Terje Hauge) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 5).

“Os *azuis-e-brancos* conquistaram o XI Troféu Cidade do Porto, através da marcação de pontapés desde a marca de **grande penalidade**, diante de um Celta de Vigo que não chegou a abrilhantar a festa, mesmo tendo como estandarte alguns dos melhores executantes do fabuloso campeonato espanhol.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 21).

“Pela terceira vez consecutiva o Sporting fazia um golo no início da segunda parte, depois de Jardel ter concretizado duas **grandes penalidades** frente so V. Leiria e Gil Vicente.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 3).

“Terceira **grande penalidade** defendida por Marco Aurélio neste campeonato.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 3).

“E ontem, de **grande penalidade**, o brasileiro fez apenas o seu segundo tento em oito presenças neste campeonato.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

O ponto alto da sua exibição foi, sem dúvida, quando conseguiu defender uma **grande penalidade** marcada por Deco.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 16).

Brasil

“A decisão do clássico foi para a disputa por **pênaltis**.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 14).

“Quando tudo parecia indicar um empate espanhol, apareceu Owen para sofreu um **pênalti** indiscutível.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 20).

“Quando faltavam apenas três minutos para que a decisão fosse para os **pênaltis**, McAllister cobrou falta da lateral da área e Geli desviou do goleiro Herrera, marcando contra e dando o título ao Liverpool.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 20).

“Marcelinho foi expulso de campo no jogo contra o Atlético-PR, aos 19 minutos de jogo, depois de fazer um **pênalti**, não marcado, e de chutar o rosto do zagueiro Fabiano.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 3).

“Além de defender o **pênalti** batido por Ricardinho, fez grandes defesas.” (Comentário sobre o jogador Flávio, do Atlético-PR).” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“O zagueiro elogiou Aílton, que foi confortá-lo após o **pênalti** perdido.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 16).

A linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa também usa eventualmente o termo *penalty* para designar esse tipo de infração futebolística. No entanto, por ser de origem inglesa, ele vem claramente destacado em itálico para indicar a introdução de um termo estrangeiro.

Notem-se os seguintes exemplos:

“***Penalty***, como manda a lei.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 14).

“Além de não juntar ao rol o jogo com o Alverca (um golo mal anulado a João Pinto e um ***penalty*** impune de Veríssimo, por saltar de braços ao alto e mãos estendidas para impedir a passagem da bola), aqui vos declaro, formalmente: os *leões* não mercerem ganhar em Leiria (mesmo empatar...) e, por isso, o melhor foi calarem-se.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 14).

“Cometeu ***penalty*** sobre Niculae e depois não conseguiu suster o remate muito colocado de Jardel.” (Comentário sobre o jogador Raúl Iglesias) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 6).

“Livre de Cristiano do lado direito do seu ataque, a bola é colocada na zona do *penalty*, um defesa alivia, e, à entrada da grande área, Gamboa chuta com a máxima convicção, de pé esquerdo, para o golo do empate.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 20).

Guarda-redes, goleiro, guardião

Em Portugal, **guarda-redes** é aquele jogador que tem por função defender o ataque adversário e impedir que a bola ultrapasse a linha de fundo do campo. Segundo Penna (1998: 119), o **guarda-redes** é o único jogador “que pode pegar a bola com as mãos (mas somente dentro da área de pênalti).”

No Brasil, a imprensa jornalística esportiva dá a esse mesmo jogador o nome de **goleiro**.

O termo foi aportuguesado por um processo de aglutinação dos radicais *goal*, de origem inglesa, e o sufixo latino *eiro* que se refere às profissões de um modo geral, como em padeiro, sapateiro, carpinteiro etc.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Silvino, treinador dos **guarda-redes**, insurgiu-se contra os insultos a Figo ainda na primeira parte e a Polícia foi forçada a circunscrever o pequeno grupo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 5).

“1-0 por Alessandro, pontapé-de-canto apontado directamente à baliza, com a bola a entrar ao poste mais distante e o **guarda-redes** Pinto totalmente incapaz de anular a situação.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 11).

“O **guarda-redes** Paulo Morais, recém-contratado, vai ser a grande atracção quando amanhã, da parte da tarde, Diamantino Miranda iniciar o trabalho tendo em vista o jogo com o Desportivo das Aves.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 30).

“Um juiz que não traz boas recordações aos dirigentes açorianos, pois foi ele que, há dois anos, numa partida com o V. Leiria que o Santa Clara perdeu por 3-2, expulsou o **guarda-redes** Adir e o chefe do departamento de futebol, Carlos Almeida.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 26).

“O Lusitano de Chão de Couce contratou o **guarda-redes** Licínio Paulo (Caçadores de Ansião) e o ponta-de-lança Paulo Caetano.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 32).

“O **guarda-redes** do Farense, Raúl Iglesias, já foi companheiro de Sá Pinto quando os dois actuavam nos espanhóis da Real Sociedad.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 15).

Embora com frequência bastante reduzida, a imprensa jornalística esportiva portuguesa registra o termo *guardião* para se referir ao *goleiro* ou, se se preferir, ao *guarda-redes*.

Notem-se os seguintes exemplos:

“O **guardião**, de 19 anos, viu a sua situação no clube complicar-se bastante com a chegada de Bossio e agora vai tentar a sua sorte no Felgueiras.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 29).

“...Victor Fernandez teve de recorrer ao **guardião** da equipa B, Piña, para compor um grupo de 16.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 16).

“O grande herói desta partida foi o **guardião** de equipa da capital, Ronaldo, que, com seis defesas espectaculares, salvou derrota certa.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 37).

“Um sorriso rasga-lhe o rosto quando recorda os segundos que antecederam o pontapé que deixou o **guardião** alemão Lehmann verdadeiramente desnordeado” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 23).

Brasil

“O **goleiro** Marco Aurélio, do Juazeiro, foi expulso logo aos dois minutos do segundo tempo.” (*Lance*, 7.5.2001, p. 21).

“O **goleiro** Helton, por sua vez, diz que a senha para manter o sucesso vascaíno é exaltar o compromisso da vez como o mais importante.” (*Lance*, 16.5.2001, p. 16).

“Ambas as equipas continuaram a buscar o gol, só que devido às boas atuações dos dois **goleiros**, as redes não mais balançaram.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“André chuta de longe, a bola passa raspando a trave direita do **goleiro** Flávio.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“O **goleiro** Marcos, que teve de trabalhar muito para impedir que o Santos fizesse mais gols, não escondeu que a lanterna começa a preocupar o Verdão.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 4).

“O **goleiro** Alex se redimiou da falha do primeiro gol e salvou o olímpia em várias oportunidades.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 9).

Interregno, interrupção, intervalo

O vocábulo **interregno** é formado pela composição de dois radicais latinos: o prefixo *inter* (entre) e o substantivo *regnum* (reino). Literalmente, o termo significa “tempo entre dois reinados, interrupção, intervalo”. (Cf. Cunha, 1982: 442).

A linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa se utiliza amplamente deste vocábulo para indicar a suspensão temporária das atividades de um evento esportivo qualquer por um determinado período de tempo, geralmente prolongado, como, por exemplo, um campeonato.

Morfologicamente, o vocábulo traz em si uma forte proximidade com o latim clássico, o que acentua o formalismo da linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa.

A linguagem jornalística esportiva escrita brasileira, por sua vez, prefere usar os termos **interrupção** ou **intervalo** para referir-se a situações semelhantes que demandem um espaçamento de tempo, sejam elas prolongadas ou não.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Os jogadores do V. Setúbal não têm descanso, apesar do **interregno** do Campeonato por força dos compromissos da Seleção Nacional.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 29).

“Manuel Machado vai aproveitar o **interregno** no campeonato durante este fim-de-semana para aperfeiçoar os mecanismos de jogo do Morieirense.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 33).

“Mesmo com o **interregno** do campeonato, a equipa do V. Leira não teve vida facilitada durante a última semana, pois José Mourinho não deu descanso aos seus pupilos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 26).

“Aproveitando o **interregno** dos campeonatos profissionais, Santa Clara e Alverca vão colocar em dia o calendário da I Liga, disputando o encontro que se encontra em atraso da primeira jornada.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 27).

“O **interregno** da I Liga foi aproveitado pelo treinador do V. Setúbal, Jorge Jesus, para manter o ritmo competitivo dos atletas com dois encontros agendados.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 27).

“A formação gilista contará ainda com o recém-casado Douala podendo aplicar, frente aos Paços de Ferreira, as estratégias apuradas nos três jogos particulares que aproveitou para disputar neste **interregno** do campeonato.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 22).

Brasil

"Os ingleses aproveitaram o **intervalo** para comemorar e, quando ainda se ajeitavam na arquibancada para ver o segundo tempo, Javi Moreno empatou a partida em seis minutos, primeiro de cabeça e depois de falta." (*Lance*, 17.5.2001, p. 20).

"No **intervalo**, Luxemburgo tentou consertar o posicionamento, para que seu time explorasse as laterais." (*Lance*, 30.4.2001, p. 4).

Os vocábulos **interrupção** ou **intervalo** também são usados pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa mas para designar espaçamentos temporários efêmeros.

Notem-se os seguintes exemplos:

"O aspersor na área contígua à bancada disparou e jorrou água durante algum tempo, que obrigou à **interrupção** do jogo." (*A Bola*, 24.9.2001, p. 9).

"Os leceiros abriram a contagem por intermédio de Charly, na cobrança de um livre directo, mas rapidamente os poveiros tomaram conta do jogo e chegaram ao **intervalo** a vencer por 2-1, com golos de Olivier Pickeu e Marco Freitas." (*A Bola*, 2.9.2001, p. 31).

"Poucos segundos após o **intervalo**, o jugoslavo Stankovic assinou o terceiro tento, fixando o marcador." (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

Liner e bandeirinha

O termo **liner** guarda ainda os vestígios da influência da língua inglesa neste esporte mundialmente conhecido.

Curiosamente, Portugal ainda mantém o uso de **liner** para designar a função do auxiliar de árbitro que toma conta da linha lateral do campo.

No Brasil, o termo já foi inteiramente substituído por **bandeirinha**.

Convém ressaltar, no entanto, que existe uma tendência de ambas as formas serem substituídas futuramente pois, como se sabe, as regras do jogo e as funções dentro e fora do campo de futebol estão constantemente sendo revistas. Assim, existe atualmente uma tendência de chamar a esses profissionais do esporte de *árbitros auxiliares*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Pacheco aprontou-se a devolver-lhe a bandeirola, num gesto sempre digno de registo, mas que não impressionou o *liner*...mal-agradecido.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 9).

Brasil

Depois de um ataque frustrado do Universidad, Maestri dá uma cotovelada em Leonardo. O **bandeirinha** vê e avisa o juiz.” (*Lance*, 19.4.2001, p. 15).

“Léo cruza e Washington faz de cabeça. **Bandeirinha** marca impedimento.” (*Lance*, 5.6.2001, p. 8).

“O erro do **bandeirinha**, que resultou no gol, pode tirar um time da Copa do Brasil. E ele não será punido por isso’, reclama.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 5).

Livre e falta

Os jogadores de futebol erram quando cometem uma infração às regras do futebol. Os erros são passíveis de punição e sujeitam os infratores a um ataque adversário a partir de onde a infração foi cometida, sem direito imediato de defesa.

O desrespeito a uma das regras do futebol é, assim, chamada pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa de **livre**. A imprensa jornalística esportiva escrita brasileira, por sua vez, prefere dar ao evento o nome de **falta** a qualquer uma dessas infrações.

Os termos **livre** e **falta** utilizados pelas imprensas jornalísticas esportivas escritas dos dois países são formas aportuguesadas, oriundas de uma tradução literal dos termos técnicos ingleses *free* e *foul*, respectivamente.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Esteve quase a marcar aos 86 minutos, mas o remate saiu por alto, já para não referir os cinco **livres** de que dispôs para acertar com a baliza.” (Comentário sobre o jogador Figo) (*A Bola*, 2.9.2001, p.6).

“O bota-de-ouro foi encarregado de marcação de um **livre**, a cerca de 25 metros da baliza macedónia, e fez o esférico descrever uma curva sobre o muro adversário, colocando-o no canto superior esquerdo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Se bem que não havia guarda-redes a dificultar a tarefa, a barreira metálica habitualmente utilizada para ensaiar os **livres**, numa baliza, e dois paus com um cordel, na outra, delimitaram sobremaneira a área disponível para Jardel conseguir *levar a carta a Garcia*, e fazer a bola chegar às redes a preceito.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 9).

“Uma saída arrojada (15 m) dos pés de Edu, e uma grande defesa a corresponder a um belo **livre** de Boban (o árbitro transformou o pontapé de canto em pontapé de baliza, e poucos se aperceberam daquela mão cirúrgica a evitar o empate) foram alguns dos melhores momentos.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 12).

“Na cobrança de **livres** também não estive à altura da fama e proveito que o levaram a fixar-se no plantel das Antas.” (Comentário sobre o jogador Ricardo Souza) (*A Bola*, 3.9.2001, p. 12).

“Nem um **livre** muito perto da área para testar o seu pontapé e um *corre-corre* constante com Petit e Frechaut.” (Comentário sobre o jogador Barroso) (*A Bola*, 21.10.2001, p. 7).

Brasil

“Aos 13 minutos, o atacante Edílson sofreu **falta** no bico da grande área.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 5).

“Ricardinho demonstrava nervosismo e, a cada **falta** que recebia, reclamava com o árbitro da partida.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 3).

“O treinador quer que os atletas tomem cuidado e evitem **faltas** violentas como a do Pé de Anjo do Timão.” (*Gazeta Esportiva*, 19.5.2001, p. 4).

“O ataque corintiano ganhou maior mobilidade e a defesa do Botafogo teve de apelar para as **faltas**.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 3).

““Aqui em Ribeirão ele sempre joga bem. Mas o que mais me entristece é que de dez **faltas** que bate, ele acerta três, e para nossa infelicidade são todas no Santa Cruz”, afirmou.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 5).

“Pouco depois, o insistente Cruzeiro marcou o terceiro gol, em uma bela **falta** cobrada por Jorge Wágner.” (*Gazeta Esportiva*, 24.5.2001, p. 11).

Malha e rede

Os vocábulos **malha** e **rede** são usados para nomear o entrelaçamento de fios que se encontra preso aos postes do gol para aparar as bolas que não são seguras pelos goleiros durante o jogo.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa utiliza-se amplamente do termo **malha**, do latim *magalia* que literalmente significa *cabana* ou *choupana*.

É provável que a utilização do termo **malha** pela imprensa jornalística escrita portuguesa seja em função da aparência que o gol, de fato, se assemelha: a de uma *cabana* ou a de uma *choupana*, de acordo com a etimologia clássica do vocábulo.

A escolha do termo, assim, mais uma vez, remete a imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa aos limites do formalismo.

No Brasil, a imprensa jornalística escrita dá preferência ao vocábulo **rede** para designar essa cortina entrelaçada de fios ou cordas presas aos postes do gol onde as bolas são aparadas.

Portugal

“Telmo cruza na esquerda e Vítor Vieira atirou para o fundo das **malhas**.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

“Torres mestre – Cavaco não lhe deu muito trabalho. Desfrutou da primeira grande oportunidade da sua equipa, mas o esférico embateu nas **malhas** laterais, chegando a dar a sensação de ser golo.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 21).

Brasil

“Na saída de bola, um lançamento de Oséas para a área, o zagueiro Gómez tentou cortar e jogou contra as suas próprias **redes**, deixando sem ação o goleiro Ibarra, que se precipitou ao sair do gol.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 4).

“No meio-campo, Marcinho não balançou a **rede** mas distribuiu as jogadas para o ataque se divertir na área do humilde adversário.” (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 8).

“O atacante Guillermo Barros Schelotto aproveitou rebote e chutou para as **redes** de Chiquillo.” (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 9).

“E foi Valdeir quem ampliou para 2 a 0, placar final – ele recebeu um perfeito lançamento de Lúcio; cara a cara com o goleiro Neneca, só teve o trabalho de tocar para o fundo das **redes**.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 8).

“Apesar de não ter balançado as **redes** no primeiro jogo decisivo contra o Botafogo, Éwerthon provou que tem lugar garantido na equipe.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 3).

“Riquelme cobrou o escanteio da esquerda, a bola passou à meia altura por toda a zaga e sobrou para Schelotto tocar para a **rede**: 1 a 0 e silêncio no estádio.” (*Gazeta Esportiva*, 24.5.2001, p. 9).

Marcador e artilheiro

O jogador que consegue fazer o maior número de gols durante uma partida de futebol ou durante um campeonato, é conhecido pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa como **marcador**.

No Brasil, esses mesmos jogadores são conhecidos como **artilheiros**. O vocábulo tem tudo a ver com *artilharia*, termo bélico oriundo do francês *artillerie* que, por extensão metafórica, remete à idéia de alguém que seja capaz de “lançar projetis a grande distância”. (Cf. Cunha, 1982: 73).

Assim, embora o ataque previsto em um jogo de futebol não seja exatamente o lançar de munição contra o inimigo e, sim, o de lançar inofensivas bolas, o artilheiro tem, assim, a incumbência de arremessar com os pés a bola contra o gol adversário, como se ela fosse uma bala de canhão.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Todos diziam que eu não marcava golos, e acabei por ser o melhor **marcador** da equipa.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 13).

“Quanto a ser novamente o melhor **marcador** da Liga, foi cauteloso. ‘Vou tentar marcar ao máximo.’” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 13).

“Wesley contribuiu decisivamente para esse título ao ser o segundo melhor **marcador** com nove golos.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 33).

“Depois, Jardel mostrou que não esqueceu os predicados que fizeram dele quatro anos consecutivos melhor **marcador** do nosso campeonato.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 9).

“Aliás, viria a ser mesmo o melhor **marcador** da equipa, com cinco golos.” (*A Bola*, 26.9.2001, p. 38).

“De nada servirá ser o melhor **marcador** se o Sporting não conseguir este objectivo.” (*A Bola*, 2.10.2001, p. 8).

Brasil

“O atacante Kléber, maior **artilheiro** do Brasil nesta temporada com 33 gols, disse que o Atlético chega a São Paulo para enfrentar o Corinthians sem medo de cara feia.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 5).

“O **artilheiro** atleticano enfrentou o Corinthians duas vezes nos dois últimos anos e garante que sempre se deu bem.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 5).

“Vadão teme não poder contar com a solução para esse problema: o **artilheiro** Luís Fabiano ainda se recupera de uma lesão na coxa direita e não foi liberado pelo departamento médio para realizar trabalhos físicos.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 13).

“Estrela maior do evento, Romário foi homenageado com uma placa por ter sido o **artilheiro** da última edição do campeonato, com 11 gols.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 20).

“Sem Beto, que hoje é uma força ao meio campo do Flamengo, e sem Romário, o maior **artilheiro** do mundo, essa decisão de repente, vai se tornar uma brincadeira.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 3).

“Estarão em jogo a forra da derrota do Vasco no primeiro turno e também a briga dos dois **artilheiros**: Edílson, com 14 gols, e Romário, que tem 13.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 3).

Marcador e placar

O vocábulo **marcador** representa, ainda, para a imprensa esportiva de Portugal, o painel eletrônico que registra os resultados da contenda e que pode ser visualizado por todo o público em geral.

No Brasil, o painel eletrônico que tem essa finalidade é conhecido como **placar**, do francês *placárd* e que tem o significado literal de *edital*. Por extensão, o termo ganhou a moderna concepção de *quadro* em que se marcam os pontos das equipas adversárias de vários tipos de jogos tais como o futebol, o bilhar, o vôlei, etc.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“No *banco* de suplentes de início, recebeu ordem para entrar aos 32 minutos e na primeira vez (!) que tocou no esférico, num belo golpe de cabeça, inaugurou o **marcador**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“Aliás, seria o avançado a inaugurar o **marcador**, com um excelente cabeceamento.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Poucos segundos após o intervalo, o jugoslavo Stankovic assinou o terceiro tento, fixando o **marcador**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

“Marcão, ainda na primeira parte, inaugurou o **marcador**.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 24).

“Com a recuperação no **marcador** a assumir-se como praticamente impossível, os gilistas tentaram, sob a abatuta de Ricardo Fernandes, minorar o prefjuízo.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 12).

“Desperdiçou uma soberana oportunidade para inaugurar o **marcador** quando, isolado, não teve arte para superar Marco Aurélio (51m).” (Comentário sobre o jogador Miguel) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 13).

Brasil

“Com menos de 15 minutos, o **placar** do estádio Olímpico já havia sido alterado duas vezes.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 12).

“A estratégia custou a derrota por 3 a 2 para o Coritiba, num jogo em que os rubros-negros estiveram duas vezes na frente do **placar**.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 17).

“Minutos depois, Gil foi derrubado na área e os corintianos explodiram com a possibilidade de Ricardinho abrir o **placar**.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 4).

“Com este resultado, o **placar** fica igualado em 2 a 2 no confronto de cinco partidas, forçando o quinto e decisivo jogo entre as duas equipes.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 11).

“Logo aos 30 segundos, o atacante Dênis abriu o **placar** para o Sapão.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

“O Tricolor abriu o **placar** logo aos dois minutos de jogo.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 3).

Marcar os livres, cobrar faltas, marcação

A cobrança das infrações às regras do jogo de futebol são registradas pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa por meio da expressão *marcação de livres*.

O mesmo ato é descrito pela imprensa jornalística esportiva brasileira como *cobrança de faltas*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O bota-de-ouro foi encarregado de **marcação de um livre**, a cerca de 25 metros da baliza macedónia, e fez o esférico descrever uma curva sobre o muro adversário, colocando-o no canto superior esquerdo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Destá vez não fui tão feliz na **marcação dos livres**. Fica para o próximo jogo, quem sabe [...]” (*A Bola*, 29.2001, p. 9).

“Aliás, voltou a ensaiar a potência do seu remate, nomeadamente na **marcação de livres**.” (*A Bola*, 26.9.2001, p. 26).

“Encarregado na **marcação do livre**, Luís Manuel disparou a bola com grande violência, que tocando em Pena acabou por trair o guarda-redes portista.” (*A Bola*, 30.9.2001, p. 2).

“2-1 por Leonardo, na **marcação de um livre** directo.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 18).

Brasil

“Substituto de Renato, Elano se posiciona para **cobrar falta** perigosa para ao Bahia.” (*Lance*, 19.4.2001, p. 13).

“Esquerdinha **cobra falta**, a bola desvia em Renato, que está na barreira, e exige grande defesa de Fábio Coista, que se machuca no lance.” (*Lance*, 22.4.2001, p. 5).

“O meia Richardson **cobra falta** da entrada da área e acerta a trave direita do goleiro Fábio Costa.” (*Lance*, 29.4.2001, p. 5).

“Ele **cobrou falta** com força e Marcos salvou o Verdão, espalmando para escanteio.” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 3).

“Aos nove minutos, Zinho **cobrou falta** da direita, o goleiro Rogério Ceni espalmou estranhamente a bola em cima do atacante Warley, que abriu o marcador: 1 a 0.” (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 6).

“Depois de **cobrar faltas** em Maurício e Yamada, Marcelinho colocou as luvas e foi brincar de goleiro, após o treino de ontem, em Rio Preto.” (*Gazeta Esportiva*, 2.6.2001, p. 3).

O termo **marcação** também é amplamente empregado pela imprensa jornalística brasileira escrita, porém, carrega em si um outro sentido.

O vocábulo **marcação** é usado pela imprensa jornalística brasileira escrita para designar o ato de vigilância de ação de um jogador sobre o seu adversário.

Esta postura restritiva de ação é para evitar que o jogador (ou time) adversário aumente, ainda mais, os resultados do placar.

A ação de vigilância pode ser individualizada, isto é, de um jogador em relação a outro ou, ainda, de um time inteiro contra a sua equipe oponente.

Nas vigilâncias individualizadas, os *artilheiros* do jogo são os jogadores que mais sofrem **marcação**.

As vigilâncias coletivas ocorrem quando um time sente-se em posição de desvantagem em relação ao outro e opta por abandonar a posição ofensiva para, pelo menos, assegurar os atuais resultados do placar.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Depois de sofrer o gol, o Cobrela tentou reagir, mas era contido pela forte **marcação** da defesa adversária, que procurou garantir o resultado parcial.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 4).

“O time se entrega na **marcação** que é o nosso ponto principal, que vem desde os jogadores do ataque.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 6).

“Jogando com três zagueiros e destacando Chicão para fazer uma **marcação** pessoal em Marcelinho, Lori desmanchou todo poder de jogo corintiano.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 3).

“A partir desse gol os botafoguenses abandonaram o esquema de **marcação** e saíram atrás do empate.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 3).

“No primeiro tempo da decisão, ele foi responsável pelas principais jogadas do Timão, mas teve de lutar contra a dura **marcação** individual de Chicão.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 4).

“Chicão foi o responsável pela **marcação** sobre o meia Marcelinho Carioca no primeiro jogo da decisão.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 4).

Plantel e time

O vocábulo *plantel* é usado como variante local de *equipa* ou *equipo* pela linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa. O termo provém do castelhano *plantel*

e significa literalmente “grupo de animais de boa raça que o criador conserva para a reprodução”. (Cf. Cunha, 1982: 612). Daí pressupor-se que o seu sentido extensivo na linguagem futebolística mais tenha sido fruto de uma criação gíria que de um nome propriamente técnico.

Em contra-partida, a imprensa jornalística esportiva escrita brasileira se utiliza amplamente do termo *time* como variante local de *equipe*.

O vocábulo *time* é oriundo de um aportuguesamento que se deu por um processo de adaptação fonética da palavra técnica inglesa *team* que literalmente significa o conjunto de pessoas "selecionadas que, na disputa de uma partida, constituem a equipe." (Cf. Cunha, 1982: 770).

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Ao contrário do que habitualmente acontece, o **plantel** do Benfica não vai gozar hoje folga.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 22).

“O **plantel** leonino realizou, ontem de manhã, mais uma sessão de treino tendo em vista o encontro de amanhã, às 20:30 horas, com o Santa Clara, agendado para o Estádio José Alvalade.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 25).

“O jogador vai assinar contrato por quatro anos, mas ainda não está certa a sua integração no **plantel** principal.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“O **plantel** do Marítimo treinou-se ontem pela última vez antes do confronto de hoje, frente ao Alverca.” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 27).

“Hoje o **plantel** realiza o último treino, rumando, amanhã, à hora do almoço, para Sul.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 28).

“O **plantel** encarnado treinou-se ontem às 10:30 horas e para hoje está agendado mais uma sessão de trabalho.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 9).

Brasil

"O treinador do Santos, Geninho, não tem dúvida. A ascensão da equipe no final da fase de classificação do Campeonato Paulista, que culminou com a ida da equipe para as semifinais da competição estadual, é mais confiável do que a que o **time** viveu no início do mesmo Paulistão." (*Gazeta Esportiva*, 11.5.2001, p. 4).

"Os dois **times** só garantiram classificação para a final na Sexta e última rodada da Segunda fase." (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

"Perseguidos pelos torcedores, o lateral Daniel ameaçou até deixar o **time** depois de ser vaiado antes de entrar em campo contra o São Caetano." (*Lance*, 17.4.2001, p. 8).

"E, aos 43 minutos, surgiram os gritos de 'olé' a cada toque de seleção peruana. Ao fim do primeiro tempo, vaias para o **time** de Leão." (*Lance*, 26.4.2001, p. 15).

"O **time** brasileiro foi vaiado do início ao fim por sua implacável torcida, que esperava um melhor futebol do selecionado que proclama ser o número um do mundo." (*Lance*, 27.4.2001, p. 15).

"Contra Botafogo e União São João na primeira fase do Paulistão, o jovem atacante entrou no decorrer do jogo e deu um novo ânimo ao **time**." (*Lance*, 16.5.2001, p. 11).

Pontapé-de-canto e escanteio

O *pontapé-de-canto* ou *escanteio* é uma jogada de continuidade e retomada do time atacante depois que a bola saiu pela linha de fundo do time defensivo e após ter tocado um dos seus jogadores.

A retomada do jogo se dá pelo arremesso da bola pelo time atacante pela mesma lateral do campo em que se deu a saída da bola. Posicionada ao pé do poste da bandeirinha lateral, a bola é chutada diretamente para o gol do time defensivo por um dos jogadores atacantes, geralmente pelo alto. A jogada é, assim, conhecida pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa como *pontapé-de-canto*.

O termo *escanteio*, amplamente utilizado pela imprensa jornalística esportiva brasileira, tem origem duvidosa. Há quem defenda tratar-se de uma aglutinação do prefixo *es* mais o radical *canto* e o sufixo *ear*, na formação de um presumível verbo: *escantear* que, por alguma corruptela popular transforma-se em *escanteio*, assim como se dá em *cabeceio*, termo oriundo de *cabecear*. Essas variações são comuns num esporte tão popular quanto o futebol. Na ausência de uma nomenclatura técnica definitiva, a dinâmica da língua vai se ajustando a uma nova realidade em busca de soluções vernáculas aceitáveis aos seus usuários.

Sabe-se, no entanto, que o termo veio em substituição a *corner*, palavra inglesa que significa *esquina, canto*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Um único senão foi mesmo o golo de Andorra, na sequência de um **pontapé-de-canto**, em que a defesa ficou a ver.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“1-0 por Alessandro, **pontapé-de-canto** apontado directamente à baliza, com a bola a entrar ao poste mais distante e o guarda-redes Pinto totalmente incapaz de anular a situação.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 11).

“Uma saída arrojada (15m) aos pés de Edu, e uma grande defesa a corresponder a um belo livre de Boban (o árbitro transformou o **pontapé de canto** em pontapé de baliza, e poucos se aperceberam daquela mão cirúrgica a evitar o empate) foram alguns dos melhores momentos.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 12).

“Na sequência de um **pontapé de canto** na direita, centro para o meio da área, Jorge Costa salta com Sutton, o inglês toca a bola, esta fica a saltitar entre um *cacheo* de jogadores, das duas equipas, e o sueco, mais rápido do que toda a gente e aproveitando a desatenção da defensiva portista, rematou muito forte e colocado para o fundo das redes à guarda de Ovchinnikov.” (*A Bola*, 26.9.2001, p. 2).

Brasil

“Após bobeada da zaga da Ponte Preta, a bola sobrou para Claudinho na cara de Alexandre, que conseguiu fechar o ângulo e colocar a bola a **escanteio**.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 9).

“Arce cobra **escanteio** da direita, Galeano cabeceia e Sílvio Luiz defende.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 15).

“Após **escanteio**, a bola passou pela defesa corintiana, Émerson cruzou e Mauro marcou.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 11).

A Lusa continuou no ataque e o volante Élson marcou o segundo da equipe aos 15, após cobrança de **escanteio**.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

“Um minuto depois Careca marcou seu segundo, depois completando sem marcação a cobrança de **escanteio** da esquerda.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 3).

“Após **escanteio**, o zagueiro Fábio se aproveitou da falha do goleiro Alex para fazer de cabeça um a zero.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 9).

Lesionado, contundido, machucado

O termo **lesionado** advém de *lesão*, do latim *laesionis* que literalmente encerra a ideia de uma alteração ou disfunção orgânica de um ser vivo.

Em termos futebolísticos, o termo **lesionado** é empregado pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa para indicar o jogador que sofreu algum tipo de pancada que

lhe tenha provocado uma lesão orgânica qualquer. Em função desta lesão, o jogador **lesionado** é afastado de suas atividades e substituído por um outro jogador que ocupa a mesma posição que a sua em campo.

A imprensa jornalística esportiva escrita brasileira emprega o termo **contundido** como forma equivalente e sinonímica de **lesionado**. O vocábulo é originário de *contusão*, do latim *contusionis* que literalmente significa uma lesão qualquer nos tecidos vivos provocada por uma pancada.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Os **lesionados** Correia (entorse na tibiotársica direita), Gabriel (problemas musculares numa perna) e Marco Almeida (tendinite) são os únicos indisponíveis para o jogo com os aveirenses.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 26).

“Ter estado algum tempo **lesionado** é um argumento demasiado pequeno e pouco convincente para justificar um jogo tão discretamente produtivo.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

“Para este encontro, o treinador não poderá contar com os contributos de Pedro Pinheiro e Mário Rosado, ambos castigados, e com Peixe, que se encontra **lesionado**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 33).

“Para a recepção ao Peniche, o Mirandense também não poderá contar com Nuno Lourenço, que se encontra **lesionado**.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 33).

“César Prates acabou assim por substituir esporadicamente o **lesionado** Roberto Carlos no Real, o que só por si lhe garante credenciais bastante recomendáveis.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 5).

“Mais uma oportunidade para se aquilatar da real recuperação de Drulovic e da evolução do quadro clínico dos **lesionados**.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 9).

Brasil

“O santista errou ao colocar Marcelo Silva no lugar de Deivid, que saiu **contundido**, e o segundo pôs o Corinthians no ataque, trocando Índio e Otacílio por Kléber e Marcos Senna.” (*Lance*, 7.5.2001, p.4).l

“O treinador não conta com Delvecchio, **contundido** e teria de improvisar Totti no ataque, ao lado de Montella.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 13).

“O atacante argentino sofre de uma tendinite no joelho direito desde o início da temporada e, para piorar, ele se **contundi**u no mesmo local na partida contra o Vicenza, dia 25 de fevereiro.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 13).

“Em situação bem mais confortável, o Paraná, terceiro colocado na competição, terá o retorno do lateral ronaldo Alfredo, que se recupera de uma **contusão** no tornozelo.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 14).

“Quem também comemorou sua volta aos campos foi o meia Robert, afastado há 11 dias devido a uma **contusão** nas costelas.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 4).

“As presenças de Roberto Carlos e Makelele, **contundidos**, só serão confirmadas momentos antes do jogo.” (*Gazeta Esportiva*, 8.4.2001, p. 10).

Na imprensa jornalística esportiva escrita brasileira pode-se encontrar, ainda, o termo ***machucado*** como forma variante local de ***contundido***. Particípio passado de *machucar*, a origem do termo é ignorada. O sentido, no entanto, encerra a idéia de esmagamento de um corpo pela ação do peso ou rigidez do outro.

Notem-se, os seguintes exemplos:

“Os jogadores **machucados** são os atacantes Marques, Guilherme e Kim, os meias Cleison, Alexandre e Lincoln e o zagueiro Gilberto Silva.” (*Lance*, 18.05.2001, p. 19).

“Avalos e Scheidt foram substituídos por João Carlos e Fábio Luciano, Gallo deu lugar a Pereira (depois André Luiz foi deslocado para o meio-campo), Luizão se **machucou** e Paulo Nunes começou um revezamento com Gil.” (*Lance*, 20.5.2001, p. 6).

Poste e trave

O espaço físico do gol é composto por duas ***traves*** verticais, também chamadas de ***postes***, e uma trave horizontal, conhecida, também, como ***travessão***.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa identifica essas duas traves verticais como ***postes***. No Brasil, esses mesmos postes são referidos pela imprensa jornalística esportiva escrita como ***traves***.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“1-0 por Alessandro, pontapé-de-canto apontando directamente à baliza, com a bola a entrar ao **poste** mais distante e o guarda-redes Pinto totalmente incapaz de anular a situação” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 11).

“O êxito da equipa de Carlão traduz a verdade do desafio, mas na primeira metade o Alverca apresentou-se mais esclarecido e dinâmico, ganhando vantagem no marcador, embora Figueiredo tivesse, aos 41 minutos, um fortíssimo remate ao **poste** esquerdo da baliza de Yannick.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

“Merecia um golo, mas o **poste** – após recarga a um livre de Pedro Henriques – negou-lhe um prémio que teria de ser considerado justo.” (Comentário sobre o jogador Seba) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 12).

“Em ambas rematou colocado, mas teve a infelicidade ver a bola passar a centímetros do **poste**.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 21).

“Início muito prometedor do Machico, que, aos quatro minutos, já tinha atirado duas bolas ao **poste**.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 32).

“Aos 30 minutos, o Real Madrid poderia ter-se colocado a vencer numa magistral jogada de Figo: esgueirou-se pela direita, depois flectiu para o centro, ultrapassando dois adversários, e fez um remate magnífico com o pé esquerdo à entrada da área que levou a bola a embater num **poste** da baliza.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 37).

Brasil

“O meia solta a bomba, Sílvio Luiz espalma e a bola passa raspando à **trave**.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 15).

“Pouco depois de Marquinhos acertar a **trave**, Messias aproveitou aos 44 minutos, o único erro de Júlio César no jogo: o goleiro saiu mal e ele fez, de cabeça, o gol da virada.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 17).

“André chuta de longe, a bola passa raspando a **trave** direita do goleiro Flávio.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“Após cobrança de escanteio aos quatro do segundo tempo, Camberra cabeceou para trás e, na segunda **trave**, Silva concluiu.” (*Lance*, 19.5.2001, p. 20).

“Aos três minutos, Marcelinho Carioca acertou a **trave**, e Gil abriu o marcador no rebote.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 11).

“Sérgio chutou na **trave** e, no rebote, Marcus Vinicius marcou.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 5).

O vocábulo **trave** também pode ser encontrado na linguagem esportiva jornalística escrita portuguesa, embora com menos frequência que **poste**.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Só lhe restavam os cantos das balizas, e junto à **trave**, num claro apelo à colocação do remate, ensaiado sempre em movimento e em rotação – com Jardel a ter de *escapar-se* de Bölöni, que até o agarrou pela camisola – e nunca em situação passiva.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 9).

“Não facilitou nos lances mais arricados, prefeindo socar a bola ou desviá-la por cima da **trave**.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 7).

Primeira parte e primeiro tempo

A duração oficial do jogo de futebol é de 90 minutos, composto de duas partes regulamentares de 45 minutos cada uma, com um intervalo de 15 minutos de descanso.

Os primeiros 45 minutos de jogo são chamados pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa de *primeira parte*. A imprensa esportiva brasileira prefere dizer *primeiro tempo* do jogo.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Silvino, treinador dos guarda-redes, insurgiu-se contra os insultos a Figo ainda na **primeira parte** e a Polícia foi forçada a circunscrever o pequeno grupo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 5).

“Encostado ao lado esquerdo de início, trocou de posição com Capucho durante a **primeira parte** e fixou-se no flanco direito (à exceção dos últimos 10 minutos) depois da entrada em jogo de Simão Sabrosa.” (Comentário sobre o jogador Sérgio Conceição) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 7).

“As manifestações contra Luís Figo, tímidas no início, mais visíveis a meio da **primeira parte**, foram combativas energicamente por milhares de vezes que se levantavam em defesa do *capitão* cada vez que este tocava na bola.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 8).

“Sofreu um toque no final da **primeira parte** e já não voltou do balneário.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

“Mas a **primeira parte** também não lhe correu de feição...” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

“Sem grande apoio, na **primeira parte**, dos três médios que lhe cobriam a retaguarda, o nº 10 dos azuis e brancos também foi, nesse período, um jogador algo desorientado...” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

Brasil

“Com 35 minutos do **primeiro tempo** a paciência do torcedor acabou.” (*Lance*, 17.5.2001, p.14).

“O fato de jogar com um a mais desde os 20 minutos do **primeiro tempo** e Ter despediçado várias oportunidades de gol foi lamentado pelo técnico flávio Lopes.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 5).

“A tática deu certo até os 32 minutos do **primeiro tempo**.” (*Lance*, 18.5.2001, p. 14).

“Marcelinho foi expulso no **primeiro tempo** da última partida com o Santa Cruz (0 a 0).” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 14).

“O futebol sempre surpreende. Nem o mais fanático torcedor cruzeirense, porém imaginava que o seu time poderia sair na frente logo a sete segundos do **primeiro tempo**.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 4).

“Aos 38 minutos do **primeiro tempo**, Luciano de Bruno, abriu o marcador.” (*Gazeta Esportiva*, 16.5.2001, p. 4).

Em Portugal, usa-se também a expressão *primeira metade* para designar os primeiros quarenta e cinco minutos de jogo, embora de maneira muito menos frequente que *primeira parte*.

Notem-se os seguintes exemplos:

“O êxito da equipa de Carlão traduz a verdade do desafio, mas na **primeira metade** o Alverca apresentou-se mais esclarecido e dinâmico, ganhando a vantagem no marcador, embora Figueiredo tivesse aos 41 minutos, um fortíssimo remate ao poste esquerdo da baliza de Yannick.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 20).

Quarto de hora e quinze minutos

O espaço temporal de quinze minutos é descrito pela imprensa jornalística esportiva portuguesa como *quarto de hora*. O mesmo período de duração temporal é dito *quinze minutos* pela imprensa jornalística esportiva brasileira.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“No último **quarto de hora** dispôs, ainda, de outras oportunidades, mas também ele nada pôde fazer contra o estado lastimável do relvado.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 20).

“Até porque, será igualmente curial recordar, quando falta pouco mais de um **quarto de hora** para o jogo começar, que em campo vão estar o último e o décimo primeiro classificados, com apenas seis pontos a separá-los...” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 20).

Brasil

“Depois desse lance, o Galo se animou na partida e abriu o placar aos **15 minutos**.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 16).

“Em cerca de **15 minutos**, o árbitro Francisco Carlos Vieira mostrou nove cartões, cinco para o Atlético e quatro para o Paraná.” (*Lance*, 23.4.2001, p. 21).

“Com um jogador a mais, o México empatou aos **15 minutos** do segundo tempo, com um chute de fora da área de Pardo.” (*Lance*, 26.4.2001, p. 17).

Relvado e gramado

O campo de futebol é o espaço físico onde desenrola toda a cena do jogo. O chão dessa arena desportiva é inteiramente recoberto por um tipo de erva rasteira chamada *grama*, palavra originária do radical latino *gramen*.

A *grama* é cada uma dessas ervas rasteiras do tipo gramíneas consideradas individualmente. O conjunto dessas ervas num mesmo plantio, no entanto, forma a *relva*.

Por aí pode-se perceber que *grama* e *relva* pertencem a um mesmo campo semântico.

A aglutinação do radical *grama* mais o sufixo latino *ado* forma o vocábulo **gramado**. O mesmo se diga de **relvado**, ou seja, a aglutinação do radical *relva* mais o sufixo latino *ado* responde pela formação do vocábulo.

Como se vê, **gramado** ou **relvado**, os termos representam um par sinonímico. A imprensa jornalística escrita portuguesa, no entanto, dá preferência pelo uso de **relvado** em suas crônicas esportivas. No Brasil, o termo usualmente empregado é **gramado**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O médio Everton deve começar hoje treinar-se sem limitações, depois de ter tido um problema num cotovelo, que o afastou dos **relvados** durante duas semanas.” (*A Bola*, 25.9.2001, p. 26).

“O futebol, mesmo para os profissionais, não se restringe aos efêmeros acontecimentos do **relvado**.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 18).

“O forte nevoeiro que invadiu o **relvado** prejudicou o primeiro quarto de hora de jogo, período em que se assistiu a um futebol atabalhado de parte a parte.” (*A Bola*, 1.10.2001, p. 27).

“Depois do regresso aos **relvados** com uma derrota em Guimarães, Martelinho tentou recordar os momentos bonitos da época passada em que foi pedra fundamental na conquista do título.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 4).

“Ontem, São Pedro olhou pelos de Belém, encharcando um **relvado** que obrigou quem tinha necessidade de dar volta ao texto a um desgaste terrível e que, paralelamente, constituía obstáculo gigante a quem buscasse valer-se da superior argumentação técnica.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 13).

“Por fim, a habitual *peladinha* em apenas metade do **relvado**, onde se pode observar a colocação de César Prates como lateral esquerdo – já actuou nessa posição nos clubes brasileiros que representou e também no Real Madrid -, sendo o brasileiro uma hipótese para substituir o castigado Rui Jorge, aliás, como Bölöni ontem admitiu.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 25).

Brasil

“Os torcedores da Inter atiraram uma lambreta dentro do **gramado**.” (*Gazeta Esportiva*, 18.5.2001, p. 10).

“O **gramado** do estádio Santa Cruz nunca foi tão verde como ontem.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 5).

“Limitado pela área técnica, fora do **gramado**, Wanderley Luxemburgo regeu o Corinthians na vitória de ontem aos berros.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 6).

“Além das baixas temperaturas, os jogadores tiveram de se adaptar ao **gramado** do estádio Olímpico.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 7).

“Embora tenha recebido sinal verde do médico que o operou Ronaldo deve demorar para retornar aos **gramados**.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 9).

“O atacante começou a frequentar mais as salas de cirurgia e fisioterapia do que os **gramados** a partir da Copa de 98.” (*Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 9).

Remate e finalização

O jogador que está em posse da bola, em algum momento do jogo vai ter que livrar-se dela chutando-a para o gol ou passando-a para um jogador do mesmo time, sob o risco de perdê-la para o seu adversário. Esse momento final de sua jogada é conhecido como **remate** ou **finalização**.

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa refere-se a esse momento de descarte como **remate**. A congênere brasileira registra que a jogada está em fase de **finalização**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Foi isso que aconteceu e por isso atirei-me para o lado esquerdo, defendendo o **remate** de Deco.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 15).

“Esteve quase a marcar aos 86 minutos, mas o **remate** saiu por alto, já para não referir os cinco livres de que dispôs para acertar com a baliza.” (Comentário sobre o jogador Figo) (*A Bola*, 2.9.2001, p.6).

“Foi dele o primeiro **remate** do desafio e também alguns gestos técnicos que pareciam indiciar que a actuação do brasileiro poderia Ter sido bem mais influente.” (Comentário sobre o jogador Verona) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 12).

“Muita genica e um **remate** perigoso.” (Comentário sobre o jogador César Peixoto) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 12).

“Vinte minutos em campo, o tempo suficiente para num **remate** colocado acertar com o esférico de raspão na trave.” (Comentário sobre o jogador Sokota) (*A Bola* 24.9.2001, p. 13).

“O **remate** do brasileiro ressalta na defensiva madeirense, mas Duah não perdoa, desferindo um **remate** potentíssimo, que entra pelo buraco da agulha.” (*A Bola*, 24.9.2001, p. 18).

Brasil

“Apesar da vitória sobre a Caldense, Luiz Felipe continua reclamando dos erros de **finalização** do time.” (*Lance*, 30.,4.2001, p. 19).

“Aos 22 minutos, Gamarra tocou para Roma, mas este não teve sorte na **finalização**.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 5).

“O time gaúcho também atacava, mas pecava nas **finalizações**.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 5.).

“A **finalização** preocupa tanto a comissão técnica que, além da chegada de Didi e Silvinho, o técnico João Francisco fez treinos específicos para o fundamento.” (*Gazeta Esportiva*, 1.6.2001, p. 12).

“O Paraná continuou criando oportunidades, mas pecava nas **finalizações**.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

Segunda parte, segundo tempo, segunda metade

Os últimos quarenta e cinco minutos de jogo após o intervalo da primeira parte são chamados pela imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa como *segunda parte*.

No Brasil, a imprensa jornalística esportiva escrita se refere a este período como *segundo tempo*.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Os macedónios voltaram a controlar a partida na **segunda parte**, não surpreendendo que, aos 63 minutos, reduzissem a desvantagem, com um tento de Nacevski.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“Na **segunda parte**, os treinadores fizeram diversas alterações e o jogo perdeu velocidade.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 31).

“A **segunda parte** trouxe dois filmes [...]” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 3).

“O russo jogou toda a **segunda parte**.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

“Não deu um centímetro de terreno a Zahovic, mas a verdade é que na **segunda parte** parece ter-se perdido um pouco por o esloveno ter ficado nos balneários.” (Comentário sobre o jogador Luís Loureiro) (*A Bola*, 21.10.2001, p. 21).

Brasil

“Essa não foi a primeira vez que Gil entrou no **segundo tempo** e mudou a história da partida.” (*Lance*, 16.5.2001, p. 11).

“No início do **segundo tempo**, o Verdão tinha Tuta e Muñoz, outro queridinho dos torcedores.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 14).

“O Flamengo recuou demais no **segundo tempo**, foi um time acuado e que se limitou a defender em Curitiba.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 17).

“No **segundo tempo**, o Flamengo ignorou a chance que tinha de decidir a vaga.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 17).

“Os ingleses aproveitaram o intervalo para comemorar e, quando ainda se ajeitavam na arquibancada para ver o **segundo tempo**, Javi Moreno empatou a partida em seis minutos, primeiro de cabeça e depois de falta.” (*Lance*, 17.5.2001, p. 20).

“O **segundo tempo** não teve o mesmo ritmo, em grande parte porque a Francana se preocupou em garantir, o empate e não dar espaços para o Etti Jundiaí criar suas jogadas.” (*Gazeta Esportiva*, 2.4.2001, p. 6).

A expressão *segundo tempo* pode ser encontrada na linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa, assim como a expressão *segunda parte* também pode ser encontrada na congênera brasileira. O emprego desta ou daquela forma, no entanto, não são usuais nos dois países.

Vejam-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O **segundo tempo** começou com o Mónaco mais organizado e a conseguir chegar por mais vezes à grande área adversária.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

Brasil

A linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa registra, ainda, embora com menor intensidade, a expressão *segunda metade*.

Note-se o seguinte exemplo:

“José Antonio – Depois da santa primeira metade em que o Santa clara não existiu ofensivamente no seu flanco, na **segunda metade** levou com um Vitor Vieira endiabrado em cima e teve muitas dificuldades para o aguentar.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 21).

Seleccionado e seleção

Em Portugal, o time escalado para participar dos campeonatos internacionais é chamado de *seleccionado*. Dele participam os melhores jogadores do país.

No Brasil, a imprensa jornalística esportiva escrita dá o nome de *seleção* a esse conjunto de jogadores que representará o país em um campeonato internacional. Assim, pode-se falar em uma *seleção brasileira*, *seleção argentina*, *seleção italiana* etc.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Realmente, Koldo acaba por ser a principal figura do **seleccionado** de Andorra [...]” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“LÉRIDA – O **seleccionado** luso despede-se, hoje, de Lérida, cumprindo um treino de regeneração física no Campo D’Esport, com início às 19 horas.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 8).

Brasil

“A **seleção** do Peru chegou ontem pela manhã ao Brasil e já fez o seu primeiro treino em solo nacional, no Palestra Itália (campo do Palmeiras), em São Paulo.” (*Lance*, 21.4.2001, p. 6).

“O jogador ficou surpreso ao saber que o meia Alex não foi chamado para a **Seleção** Brasileira.” (*Lance*, 21.4.2001, p. 11).

“Vencedora de seu grupo, a Austrália enfrentará provavelmente a Nova Zelândia para decidir qual **seleção** disputar’, com o quinto colocado da América do Sul, uma vaga no Mundial.” (*Lance*, 15.4.2001, p. 19).

Seleccionador e técnico

As seleções de futebol são convocadas por alguém que tem também a incumbência de prepará-las tecnicamente para competir com os outras equipes nacionais ou internacionais.

Em Portugal, esse profissional do futebol recebe o nome de **seleccionador**. No Brasil, esse mesmo profissional recebe o nome de **técnico**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“O **seleccionador** croata, Mirko Jozik, tem inúmeros problemas por resolver, contando, todavia, com o bom momento do avançado do Benfica, Sokota.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 9).

“Este facto mereceu, inclusive, uma intervenção do **seleccionador** da Eslovénia, Srecko Katance, incomodado com a excessiva importância conferida à ausência do criativo.” (*A Bola*, 1.9.2001, p. 8).

“‘Cumprimos o nosso dever’, sintetizou o **seleccionador nacional**, que disse ter razões de sobra para estar contente com o resultado obtido por Portugal frente a um adversário ‘que nunca tinha perdido por sete golos’” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 8).

“Continuam as críticas do **seleccionador** alemão Rudi Voller na sequência da copiosa derrota sofrida pela Alemanha, em Munique, frente à Inglaterra (1-5).” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 37).

“O **seleccionador** inglês veio à Pérola do Atlântico para aquilatar as potencialidades de elementos do Leeds United que têm fortes possibilidades de envergar o *Jersey* da selecção do país de Sua Majestade.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 9).

“Uma delegação chefiada pelo **seleccionador** do Senegal, o francês Bruno Metsu, vai estar em Aveiro, para analisar esta situação com a Direcção e o técnico aveirenses, bem como a cedência do jogador para os jogos de preparação para o Mundial.” (*A Bola*, 28.9.2001, p. 26).

Brasil

“O **técnico** Wanderley Luxemburgo deve fazer mistério até a hora do jogo, mas André Luiz está praticamente recuperado.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 4).

“Quem também vai definir seu futuro será o **técnico** Lori Sandri.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 4).

“O Santos começa a traçar planos para o segundo semestre, e dentro desses planos está a permanência do **técnico** Geninho e a contratação de reforços.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 5).

“O **técnico** Nelsinho Baptista tem uma nova missão na Ponte Preta.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 5).

“O atual **técnico** pontepretano estava no Tricolor em 98, quando o time foi campeão paulista.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 5).

“Depois da Copa do Brasil, o **técnico** poderá retornar ao clube do Morumbi.” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.2001, p. 5).

Suplente e reserva

O time de futebol é composto de 22 jogadores, dos quais, 11 são titulares e os outros 11 são **reservas**.

Assim, se por uma razão qualquer um dos jogadores titulares é afastado do jogo, como por uma contusão, por exemplo, o jogador **reserva** assume imediatamente o seu posto.

A imprensa jornalística portuguesa chama a esses jogadores de **suplentes**. No Brasil, no entanto, esses jogadores são conhecidos como **reservas**.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Se não é vulgar um jogador português marcar três golos num só jogo (contando com o avançado da Fiorentina, apenas 11 o conseguiram), muito menos é fazê-lo na condição de **suplente**.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 3).

“Mas, neste caso, não bateu qualquer recorde: Paulo Alves, naquele jogo frente ao Liechtenstein, também estava no banco de **suplentes** quando o mesmo António Oliveira o fez saltar do banco para marcar também três golos: aos 66, 74 e 89 minutos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 3).

“No *banco* de **suplentes** de início, recebeu ordem para entrar aos 32 minutos e na primeira vez (!) que tocou no esférico, num belo golpe de cabeça, inaugurou o marcador.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

“Desde que chegou às Antas, teve poucas oportunidades, perdeu os caminhos da Selecção e, jogando apenas (muito) espaçadamente, este encontro com uma equipa que tem homens de trato fácil com o golo acabou por ter para o **suplente** de Ovchinnikov fases de alguma dificuldade, ao longo da primeira parte, o período em que actuou.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 12).

“O jogo com os insulares, antecipado para sábado, às 17 horas, assinalará o regresso treinador azul, Marinho Peres, ao banco de **suplentes**, ele que foi expulso no decorrer do encontro com o Sporting, relativo à segunda jornada, que a sua equipa acabou por ganhar por 3-0.” (*A Bola*, 3.9.2001, p. 29).

“Em Aveiro, a equipa técnica deverá deixar Sokota no banco de **suplentes** apostando no reforço do meio-campo, tal como aconteceu frente ao Vargim.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 10).

Brasil

“Ausentes contra a internacional, Domingo, por estarem suspensos, o zagueiro André Luis, o volante Paulo Almeida (foto) e o atacante Caio voltam ao time. Com isso, Pereira, Marcelo Silva e Rodrigo voltam para o banco de **reservas**.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 5).

“O zagueiro Rogério deve ficar no banco de **reservas** contra o Guarani.” (*Lance*, 20.4.2001, p. 11).

“Treinador diz que não está sendo incoerente ao optar por novatos e deixar jogadores com bagagem da Seleção no banco de **reservas**” (*Lance*, 25.4.2001, p. 6).

“Como só pode levar sete atletas para a **reserva**, Leão terá de cortar quatro jogadores.” (*Lance*, 25.4.2001, p. 7).

“Quando a situação está difícil e Geninho precisa apelar para alguém no banco de **reservas**, a escolha tem sido sempre Elano.” (*Lance*, 25.4.2001, p. 15).

“Edílson era pule de dez para formar a dupla de ataque da Seleção com Romário. Mas além de ver Ewerthon, do Corinthians, ocupar o posto, teve de amargar o fato de ficar fora até da lista dos **reservas**.” (*Lance*, 27.4.2001, p. 20).

Terreno e campo

Terreno e **campo** são os vocábulos mais comuns usados pelas imprensas esportivas de Portugal e do Brasil, respectivamente, para designar o espaço físico onde os jogos se realizam. Os **campos** de futebol (ou **terrenos**, como se costuma dizer em Portugal), são retangulares. Embora o tamanho desses espaços possam variar, desde que as dimensões internas sejam mantidas, as dimensões externas não podem exceder a 120 metros de comprimento por 90 metros de largura.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Garantiu a tranquilidade no sector defensivo e teve tempo ainda para avançar no **terreno**.” (Comentário sobre o jogador Beto) (*A Bola*, 2.9.2001, p. 6).

“Por outro lado, o treinador do Barcelona encontrou o lugar certo para a arte de Kluivert, colocando-o mais atrasado no **terreno**, ou seja, como segundo ponta-de lança, posição que lhe concede maior liberdade de movimentos.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 37).

“Se não, vejamos: Octávio Machado apontou inicialmente num sistema que apresentava três unidades de meio-campo tendencialmente vocacionadas para defender, casos de Jorge Andrad, Paredes e Costinha, deixando Deco entregue à tarefa de servir Capucho e Pena, quase sempre os dois a jogarem pela zona central do **terreno** e deixando um vazio tremendo num e noutra flanco.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 4).

“Ainda tentou Capucho pisar outros **terrenos** mas teve sempre atrás de si uma sombra que nunca o deixou brilhar.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 6).

“O técnico boavisteiro só deu a sensação de pretender estar também ele em jogo – para quê intrometer-se se tudo corria às mil maravilhas – quando retirou o centrocampista Pedrosa do relvado para fazer entrar Serginho, uma forma de estender a equipa no **terreno** e torná-la mais agressiva.” (*A Bola*, 23.9.2001, p. 11).

“Antes, tivera o cuidado de, muitas vezes, recuar no **terreno** e ter a preocupação de servir os flancos, preferencialmente o direito.” (Comentário sobre o jogador Mantorras) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 13).

Brasil

“Para completar o cenário, o União entrou em **campo** com o seu terceiro uniforme.” (*Lance*, 30.4.2001, p. 8).

“Amanhã, o Touro do Vale volta a **campo** para enfrentar o Tupã, às 15 horas, no estádio Alonso Carvalho Braga, em Tupã.” (*Gazeta Esportiva*, 1.6.2001, p. 12).

"Já na sua entrada em **campo**, os torcedores soltaram o coro de 'burro'." (Comentário sobre o técnico Celso Roth) (*Lance*, 17.5.2001, p. 14).

"Naresi coloca em **campo** a força máxima, esperando apoio dos torcedores do clube." (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 12).

"Já na sua entrada em **campo**, os torcedores soltaram o coro de 'burro'." (Comentário sobre o técnico Celso Roth) (*Lance*, 17.5.2001, p. 14).

"O Flamengo entrou em **campo** decidido a testar o coração da torcida." (*Lance*, 17.5.2001, p. 17).

Apesar destas variações, em Portugal também se pode encontrar, embora bem menos frequente, o termo *campo*. Notem-se os seguintes exemplos:

"A inauguração do **campo** de futebol de relvado sintético do Juventude da Castanheira, que estava marcada para o último fim-de-semana, foi adiada para o próximo sábado, dia 29 de Setembro, às 12 horas, devido às más condições climáticas previstas para este fim-de-semana." (*A Bola*, 25.9.2001, p. 28).

"Vinte minutos em **campo**, o tempo suficiente para num remate colocado acertar com o esférico de raspão na trave." (Comentário sobre o jogador Sokota) (*A Bola*, 24.9.2001, p. 13).

"Segundo o técnico, Juca, apesar do interregno de três anos sem campeonato na Praia, o Sporting não perdeu o seu estilo de jogo e a forma de estar em **campo**." (*A Bola*, 2.9.2001, p. 36).

Trinco e volante

Os jogadores que se posicionam no meio de campo com o objetivo de barrar os ataques do time adversário são chamados de **trincos** pela imprensa esportiva escrita de Portugal por um sentido extensivo do termo.

No seu sentido literal, o vocábulo **trinco** encerra a idéia de uma pequena trave utilizada para se manter as portas trancadas. Quanto a sua origem, o vocábulo é uma forma substantiva derivada do verbo *trincar*, palavra de origem incerta, provavelmente originária do antigo vocabulário náutico escandinavo que literalmente significa *apertar, comprimir, cortar com os dentes, comer, mastigar*. (Cf. Cunha, 1986: 790).

O vocábulo **trinco** está, ainda, estreitamente relacionado com *tranca* que literalmente significa “barra de ferro ou de madeira que se põe transversalmente atrás das portas para segurá-las.” (Idem, 1986: 781).

No Brasil, esses mesmos jogadores recebem o nome de **volantes**. O termo se relaciona, por extensão de sentido, ao verbo *voar*, vocábulo empregado para identificar aquele que se sustenta ou se move pelo espaço aéreo por meio de asas. **Volante** é, assim, uma variação de *voante*. Em termos futebolísticos, diz-se do jogador que se movimenta pelo espaço físico do campo, num contínuo de ir e vir, com o objetivo de desarmar as jogadas do time adversário ou de preparar jogadas de ataque em favor do time que joga.

Notem-se os seguintes exemplos:

Portugal

“Paredes é um dos **trincos**, a reserva moral e de segurança, Deco o maestro do meio-campo e o artista da área, Clayton uma ferramenta sempre à mão para os casos difíceis e Pena o operário-artilheiro.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 18).

“E a próxima semana – Juventus-Benfica-Rosenborg em sete dias – é a chave para manter as portas todas abertas, com o treinador na expectativa de recuperar a cem por cento a dupla de **trincos** que sustenta o modelo que tem vindo a ganhar força e jogos.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 16).

“Assim, e com Hélio a começar a ver o encontro sentado no banco de suplentes, Costa vai formar a dupla de **trincos** com Ico.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 27).

“Torrão – em função da posição que ocupou em campo – **trinco** – esteve exposto a todo o tipo de riscos, acabando por pagar a factura de alguns excessos cometidos ao longo da primeira metade.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 17).

“O único **trinco** da equipa, numa situação pouco comum esta temporada.” (*A Bola*, 23.10.2001, p. 6).

“Um **trinco** sempre em acção.” (Comentário sobre o jogador Paiva) (*A Bola*, 23.10.2001, p. 7).

Brasil

“O **volante** Fabinho ainda depende de uma reavaliação do departamento médico, já que ainda sente a virilha direita.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 8).

“O segundo **volante** Cuca recebeu o terceiro amarelo e está suspenso.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 10).

“O **volante** Paulo Almeida não se conformava com a desclassificação.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 4).

“O **volante** Rincón fez questão de amenizar a polêmica pelo fato de o atacante Dodô Ter cobrado o pênalti sofrido por Robert, ainda no primeiro tempo do clássico.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 4).

“O **volante** firmou um contrato com a diretoria do Peixe com duração até o fim do semestre.” (*Gazeta Esportista*, 14.5.2001, p. 4).

“Avaliando a cobrança dos torcedores como um ‘sinal de alerta’, o **volante** Galeano, um dos mais experientes do clube, sabe da importância do jogo contra o Azulão.” (*Gazeta Esportiva*, 14.5.2001, p. 6).

Como se pôde observar, as variações de léxico entre as imprensas jornalísticas dos dois países são muitas e não param por aqui. Estas foram apenas algumas delas. Muitas outras poderiam ter sido apontadas.

Capítulo 5

O formalismo da linguagem esportiva jornalística escrita portuguesa

Considerações iniciais

O presente capítulo tem por objetivo demonstrar o formalismo lingüístico encontrado nos textos esportivos da imprensa portuguesa.

Entenda-se, pelo termo *formalismo*, o refinamento estrutural existente nas construções textuais das publicações esportivas portuguesas, isto é, a sua identidade construtiva que mais se aproxima aos gêneros textuais literários.

No Brasil, ao contrário, como teremos oportunidade de ver no próximo capítulo, a linguagem se mostra mais informal e distensa, os textos têm uma estrutura mais simples e se aproximam da modalidade oral.

Evidentemente que essas duas formas de expressão têm o seu público-leitor definido que garante a interatividade dos dois processos comunicativos, cada qual preocupado com a sua própria comunidade de fala.

A linguagem oral e a linguagem escrita

Até meados de 1960, não se fazia uma distinção clara entre o que era a linguagem oral e a linguagem escrita. Na verdade, a distinção entre uma e outra modalidade continua, ainda, sendo objeto de estudo nos nossos dias. O que se pretende destacar, no entanto, é que, pelo menos até esse período, a linguagem oral era considerada o lugar do caos e praticamente não era, de maneira alguma, estudada nos programas escolares brasileiros. O

ato do *bem* falar estava, assim, afeto somente aos estudos prosódicos e retóricos da linguagem. Tampouco mereceu a oralidade qualquer tipo de atenção ou destaque por parte dos estudiosos da linguagem.¹

Na verdade, os primeiros trabalhos de que se tem notícia, que começaram a levar em consideração os contrastes da linguagem falada e da linguagem escrita, são unânimemente atribuídos a Milman Parry (1902-1935), sobre os textos épicos das obras clássicas da *Ilíada* e da *Odisséia*. Após o seu prematuro desaparecimento, Parry teve os seus trabalhos concluídos por Albert B. Lord e posteriormente complementados por Eric Havelock e outros. (Cf. Ong, 1998: 14-5).

Embora Saussure já tivesse feito a distinção entre uma modalidade e outra, e tivesse procurado ressaltar a importância da linguagem oral,² até meados da década de 1960, ainda, convivemos com a visão simplista e binária de que a linguagem oral era aquela que não merecia atenção por parte dos estudiosos e, por outro lado, a linguagem escrita era a única modalidade que deveria merecer atenção dos estudos lingüísticos da época.³

A primazia da linguagem escrita sobre a linguagem oral historicamente talvez se justifique, em parte, por ela representar uma das mais poderosas ferramentas de estudo do homem moderno,⁴ em contraposição ao homem primitivo que tinha na caça, e em outras atividades práticas de subsistência, o seu modo de aprendizado mais significativo.⁵

¹ “Por conter um volume considerável de elementos pragmáticos (pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, entre outros), a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados da década de 1960, como o lugar do ‘caos’. Entretanto, com o surgimento dos estudos do texto, o enfoque vai deixando de fixar-se apenas no produto e se desloca para o processo. A linguagem deixa de ser vista como mera verbalização e passa a ser incorporada nas análises textuais, a observação das condições de produção de cada atividade interacional.” (Fávero et alli, 1999: 15)

² “Ferdinand de Saussure (1857-1913), o pai da lingüística moderna, chamara a atenção para a primazia do discurso oral, que sustenta toda comunicação verbal, assim como para tendência predominante, até mesmo entre estudiosos, a pensar na escrita como a forma básica da linguagem. A escrita, observou, possui ao mesmo tempo ‘[...] utilidade, [...] defeitos e perigos’ [...]. Ele ainda a considerava como uma espécie de complemento do discurso oral, e não como transformadora da verbalização [...]” (Ong, 1998: 13).

³ “[...]. Até recentemente, estudava-se tal modalidade (a língua falada) a partir de parâmetros da língua escrita, havendo, inclusive, certo preconceito dos estudos lingüísticos com relação à fala que, de modo geral, era vista como o lugar das imperfeições, das incorreções.” (Dias, 1996: 52).

⁴ “O estudo da linguagem, a não ser nas últimas décadas, concentrou-se mais nos textos escritos do que na oralidade por um motivo facilmente identificável: a relação do próprio estudo com a escrita. Todo pensamento, inclusive nas culturas orais primárias, é de certo modo analítico: ele divide seu material em

Assim, até meados dos anos 60 do século passado, ainda, como já se disse, tudo o que se aprendia em relação aos estudos mais avançados da linguagem girava em torno da produção escrita, principalmente a livresca, onde sempre foram privilegiados os usos literários dos autores mais expressivos. Neste sentido, a idéia que se fazia de texto, pelo menos até esse período, era limitada ao texto escrito, sendo, a oralidade, relegada ao segundo plano e, até mesmo, ignorada.

Na verdade, uma reflexão um pouco mais acurada a respeito desse assunto nos fará conscientes de que essa primazia da escrita sobre a oralidade como nos referimos anteriormente não se sustenta, e menos ainda, não se justifica. Afinal, apesar de o surgimento da escrita ter trazido profundas modificações de ordem comportamental, filosófica, social e cultural no pensamento do homem moderno, ela só está presente entre nós não mais do que apenas cinco ou seis mil anos,⁶ no máximo, enquanto a história da oralidade confunde-se com a história do próprio homem. Em segundo lugar, é muito mais provável que no futuro o homem venha a substituir a linguagem escrita por alguma outra modalidade comunicativa qualquer do que descartar-se da utilização da fala.⁷ Em terceiro lugar, podemos afirmar o caráter universal da fala em relação à uma minoritária população mundial que se beneficia também da modalidade escrita da linguagem.⁸

vários componentes. Mas o exame abstratamente seqüencial, classificatório e explicativo dos fenômenos ou de verdades estabelecidas é impossível sem a escrita e a leitura. Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não ‘estudam’.” (Ong, 1998: 17).

⁵ Os seres humanos nas cultura orais “[...] aprendem pela prática - caçando com caçadores experientes, por exemplo -, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombina-los, assimilando outros materiais formulares, participando de um tipo de retrospectiva coletiva - e não pelo estudo no sentido restrito.” (Ong, 1998: 17).

⁶ “As primeiras inscrições que podem passar por ser os tipos de escrita mais remotos, sumérias, egípcias e indianas, não têm mais que cinco ou seis mil anos. O que se passou na história da espécie, passa-se ainda hoje, na história de cada indivíduo: ainda hoje aprendemos a falar antes de aprender a escrever.” (Lopes, 1981: 33).

⁷ “[...] a fala possui maiores possibilidades de sobrevivência do que a escrita. Podemos, sem grande esforço, imaginar um mundo futuro como vaticinou McLuhan, por exemplo, em que a modalidade escrita da linguagem seja substituída por alguma outra modalidade de expressão; mas seria muito difícil, para não dizer impossível, supor que algum outro sistema semiótico venha a ocupar, no futuro, o lugar da fala, tornando-a inútil ou obsoleta.” (Lopes, 1981: 33).

⁸ “[...] a fala é universal, independentemente do grau de desenvolvimento alcançado por um povo. A escrita não o é. Não há um só exemplo de algum povo que não fale, mas há muitos povos - a maioria, aliás - que

Nas sociedades de cultura escrita, no entanto, a dicotomia entre a linguagem escrita e a linguagem oral é, ou, pelo menos deveria ser, irrelevante. Na verdade, elas representam as duas faces de uma mesma moeda e, como tal, não devem ser polarizadas.⁹ Tanto uma modalidade quanto a outra são atualmente vistas como formas diferentes de um mesmo sistema que concorrem em suas diversas funções às mesmas práticas sociais.

Marcuschi (2001: 35) defende o ponto de vista de que a fala e a escrita são simplesmente “modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas.” Para esse mesmo autor, “postular algum tipo de supremacia ou superioridade alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa.”

Fato curioso, no entanto, e que bem merece destaque, é que, em função da incontestável primazia da linguagem escrita sobre a oralidade nas sociedades de cultura escrita do nosso mundo moderno, ainda que não se justifique, conforme discorreremos atrás, era de se esperar que esta modalidade pudesse anular, ou quase isso, a modalidade oral. Isto, no entanto, não se confirma no decorrer da história. Ao contrário, a linguagem escrita veio para consagrar a linguagem oral como a mais eficaz modalidade de comunicação humana:

[...] a escrita, desde o início, não levou a oralidade a um encolhimento, mas consagrou-a, possibilitando a organização dos ‘princípios’ ou constituintes da oratória em uma ‘arte’ científica, um corpo seqüencialmente ordenado de explicações que mostrava como e por que a oratória produzia seus vários efeitos específicos e poderia tornar-se capaz de fazê-lo.

(Ong, 1998: 18).

Não se contesta, em termos numéricos, a primazia da oralidade sobre os povos da terra. Apoiando-se em dados estatísticos de Edmonson, Ong (1998: 15) afirma que “das cerca de 3 mil línguas faladas hoje existentes, apenas aproximadamente 78 têm literatura.”

desconhecem qualquer sistema de escrita. E mais: todos os sistemas de transcrição escrita estão fundados na fala, em relação à qual são secundários; o contrário não se dá.” (Lopes, 1981: 33).

⁹ “Toda e qualquer correlação estabelecida entre ambas as modalidades [linguagem falada e linguagem escrita] deve vê-las como ‘modalidades de um mesmo sistema, com ênfases diferenciadas em determinados elementos desse sistema’ (Castilho, 1993: 16).” (Dias, 1996: 52-3).

Nas culturas “letradas”, no entanto, em que a escrita já se consolidou como uma prática social, a reversão do processo se torna simplesmente impensável. Riesman (1980: 138) já havia se manifestado tempos atrás sobre este mesmo assunto e categoricamente afirmou que “na medida em que a palavra falada ou cantada monopoliza o meio simbólico, é particularmente impressionante; mas assim que os livros penetram nesse meio¹⁰, ele nunca mais pode voltar a ser o mesmo – os livros são, por assim dizer, a pólvora do espírito.”

Alíás, a consolidação da escrita nesses tipos de culturas responde pelo prestígio social dos seus indivíduos. Riesman (1980: 141-2) chegou a afirmar que “a imprensa marcou a época de ascensão e influência da classe média – atenta ao tempo, orientada para o futuro, móvel.” Um pouco mais adiante, este mesmo autor chegou a afirmar que a “leitura e educação eram as estradas reais usadas por essa classe para ascender no mundo e nele se movimentar durante os grandes períodos colonizadores.” (Idem).

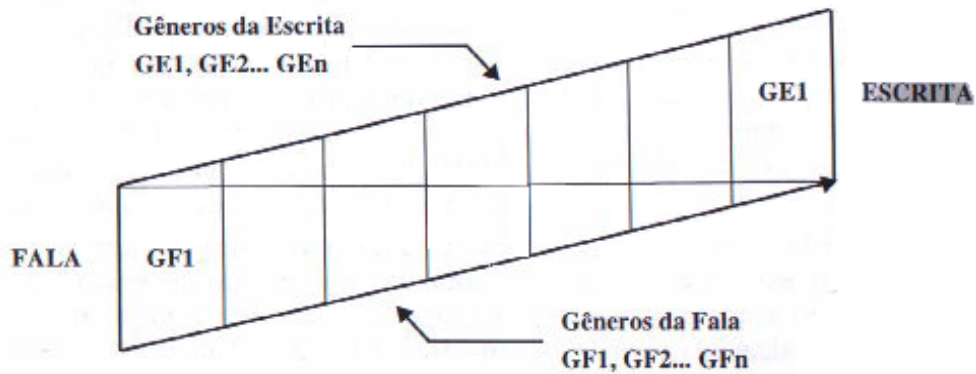
Para Marcuschi (2001: 36), a valorização da escrita “não se trata [...] de algum critério intrínseco nem de parâmetros lingüísticos e sim de postura *ideológica*.”

Numa tentativa de neutralizar as dicotomias descabidas entre a oralidade e a escrita, Marcuschi (2001: 37) propõe que “*as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.*”¹¹ Segundo a sua proposta, os gêneros textuais estariam agrupados num “conjunto de variações” e não simplesmente numa “variação linear”. Para melhor elucidar a sua proposta, Marcuschi (2001: 38) exemplifica com o seguinte gráfico:

¹⁰ O autor se refere às sociedades dependentes das tradições orais e das comunicações orais.

¹¹ O itálico é do autor.

Gráfico 1. Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.



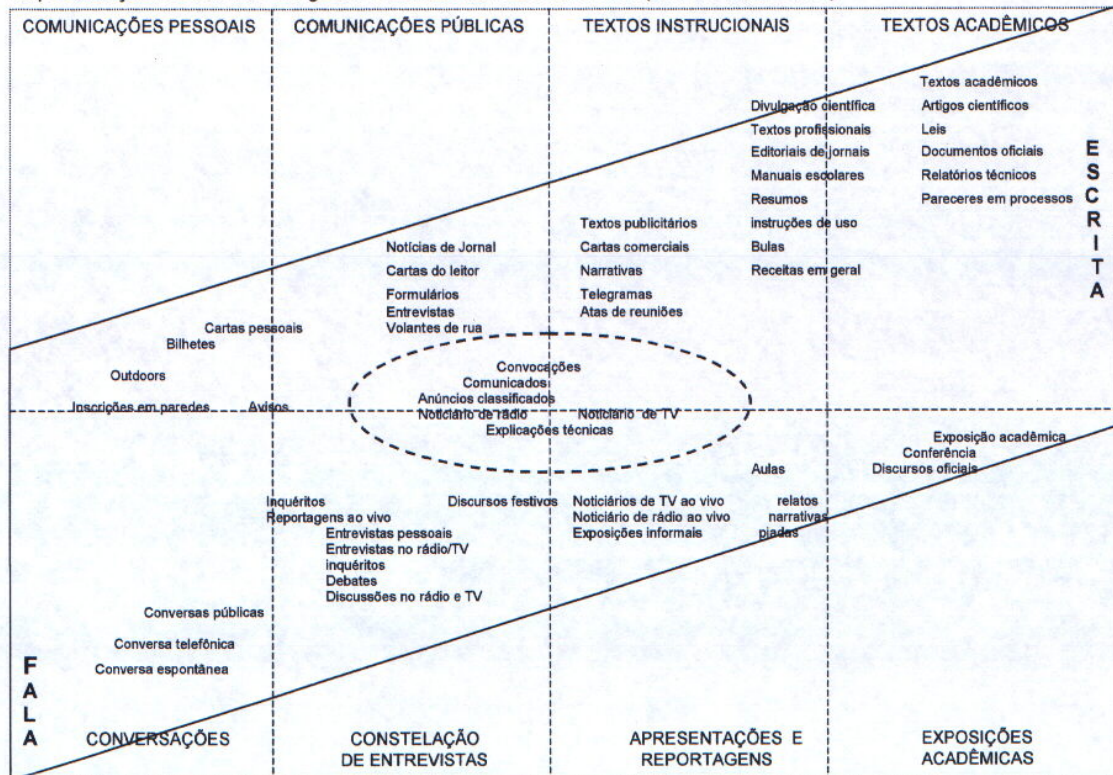
Na proposta de Marcuschi (2001: 38), os gêneros textuais (G) podem ocupar um ponto qualquer do gráfico acima que representa os dois domínios lingüísticos possíveis: a fala e a escrita.

Não nos é possível enquadrar todos os gêneros textuais existentes dentro do gráfico proposto por Marcuschi, pois eles são incontáveis. Porém, o grande mérito do gráfico é que ele nos dá uma idéia bastante precisa das duas modalidades de expressão. Assim, a linha horizontal do gráfico representa o limite entre as duas modalidades de expressão ou, como prefere Marcuschi, os dois “domínios lingüísticos”. Abaixo da linha vertical ficam os *gêneros textuais orais*. Acima da linha, os *gêneros textuais escritos*. O gráfico nos mostra, então, que os gêneros textuais caminham em direção contínua da oralidade para a escrita.

Em GF1, por exemplo, segundo Marcuschi (2001: 41), ainda, estariam os gêneros textuais que pertecem ao domínio exclusivo da fala. Em GE1, estariam os gêneros textuais que pertecem exclusivamente ao domínio da escrita. Os gêneros intermediários a esses dois extremos estariam oscilando entre os domínios da oralidade e da escrita.

Num outro gráfico, um pouco mais adiante, Marcuschi (2001: 41) procura, de uma maneira bastante ampla, distribuir os gêneros textuais em grandes grupos. Dada a sua importância, vale a pena a sua reprodução:

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita (Marcuschi, 2001:41)



Assim, num primeiro quadrante, pertencente ao domínio exclusivo da fala, Marcuschi inclui o grupo das **conversações** humanas. Neste grupo, estariam incluídas as *conversas públicas*, a *conversa telefônica* e a *conversa espontânea*. Um pouco acima da linha horizontal que limita os dois domínios, estariam os gêneros textuais que respondem pelas **comunicações pessoais**, mas que também se revestem das propriedades da escrita: são as *cartas pessoais*, os *bilhetes*, os *outdoors*, as *inscrições em paredes* e os *avisos*.

Num segundo quadrante do gráfico, Marcuschi inclui nos domínios da fala a **constelação de entrevistas**. Enquadram-se neste grupo os *inquéritos*, os *discursos festivos*, as *reportagens ao vivo*, as *entrevistas pessoais*, *entrevistas no rádio e na TV*, os *inquéritos*, os *debates*, as *discussões no rádio e na TV*. Na linha de cima, que pertence ao domínio da escrita, estariam incluídos os gêneros textuais que se referem às **comunicações públicas**. Incluem-se neste grupo as *notícias de jornal*, as *cartas do leitor*, os *formulários*, as *entrevistas*, os *volantes de rua*.

Num terceiro quadrante, estariam representando a fala os gêneros textuais que respondem pelas **apresentações e reportagens**: os *noticiários de TV ao vivo*, os *noticiários de rádio ao vivo* e as *exposições informais*, as *aulas*, os *relatos*, as *narrativas* e as *piadas*. Neste mesmo quadrante, na linha de cima, estariam representando a escrita os gêneros textuais chamados por Marcuschi (2001: 41) de **textos instrucionais**. Enquadram-se neste grupo os *textos publicitários*, as *cartas comerciais*, as *narrativas*, os *telegramas*, as *atas de reuniões*, os *textos de divulgação científicas*, os *textos profissionais*, os *editoriais de jornais* os *manuals escolares*, os *resumos*, as *instruções de uso* dos produtos de consumo, as *bulas de remédios*, as *receitas* em geral.

Finalmente, num quarto quadrante, Marcuschi (Idem, 2001: 41) incluiu como pertencente ao domínio da fala o grupo dos *gêneros textuais* que se destinam às **exposições acadêmicas**. Representam este grupo as *exposições acadêmicas*, as *conferências* e os *discursos oficiais*. Os *gêneros textuais* que pertencem aos domínios da escrita estariam representados pelos **textos acadêmicos**, os *artigos científicos*, as *leis*, os *documentos oficiais*, os *relatórios técnicos* e os *pareceres em processos*.

Marcuschi (2001: 41) incluiu, ainda, neste gráfico, alguns outros *gêneros textuais* que oscilam entre a fala e a escrita e não pertencem também a nenhum *grupo textual* em particular. São as *convocações*, os *comunicados*, os *anúncios classificados*, os *noticiários de rádio*, os *noticiários de TV* e as *explicações técnicas*.

Pelas observações de Marcuschi percebemos que os gêneros textuais não se enquadram num ponto fixo do sistema lingüístico. Ao contrário, dependendo das estratégias de formulação dos textos, das seleções lexicais, do estilo, do grau de formalidade, etc, os gêneros textuais poderão oscilar entre os domínios da fala ou da escrita.

Posto isto, retornamos ao ponto central do nosso trabalho.

Considerando-se as estratégias de formulação dos textos, a estrutura das frases, a seleção do léxico etc, percebemos que a linguagem jornalística esportiva escrita de Portugal, mostra-se mais formal que a congênere brasileira. Assim, se se procurar situá-la no gráfico do *contínuo dos gêneros* apresentado por Marcuschi, como vimos acima, vamos perceber que ela se enquadra mais facilmente nos domínios da escrita, dos textos acadêmicos, da linguagem burilada dos cunhos literários.

Ao contrário, como teremos oportunidade de demonstrar no capítulo subsequente, a linguagem jornalística esportiva do Brasil, considerando as estratégias de elaboração das frases, da seleção do léxico, etc, estaria mais próxima dos domínios da fala, da informalidade que só se vê na conversação descontraída entre amigos.

O uso de termos e expressões raras - cultismos

Nos textos da imprensa esportiva escrita de Portugal percebemos a inclusão rotineira de termos pouco comuns na linguagem cotidiana, tais como, por exemplo, *retumbante*, *mimosear*, *anuência*, *picardia*, *cabo*, *fidelizar*, *assaz*, *colmatar*, *aliciante*, *airosa*, etc.

Termos dessa natureza, normalmente, são reservados aos textos escritos formais da língua, de cunho literário acentuado, distantes da informalidade cotidiana encontrada nas conversas entre amigos.

Qualquer termo ou expressão que fuja a essas formalidades da língua padrão é imediatamente destacado pela imprensa jornalística esportiva de Portugal por meio de sinais gráficos tais como o uso de negrito, aspas ou itálicos.

Essa riqueza de vocabulário é um dos mais evidentes índices “do distanciamento entre a língua literária e a língua falada.” (Cf. Pinto, 1992: 27).

Notem-se os seguintes exemplos:

“O resultado mais **retumbante** foi alcançado pela Sanjoanenses, que **mimoseou** o Águeda com dez tentos sem resposta.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 2).

“Restava obter a **anuência** do adversário dos ‘encarnados’”. (*A Bola*, 19.12.1994, p. 2).

“Há uma coisa: posso ter uma **picardia** com um adversário, mas no final do jogo tudo isso já passou. Saio sempre amigo.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 5).

“A noite de ontem não foi o **cabo** dos trabalhos, mas duas defesas elementares, a primeira da quais quando vigorava o empate, **fidelizaram** a classe extra. Do alemão.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

A primeira parte foi **assaz** sofrível, com destaque para dois passes dirigidos a terra de ninguém que levaram o pânico à baliza encarnada, mas já no segundo tempo, com os

níveis de confiança em parâmetros mais altos, a sua cotação subiu em flecha.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 20).

Para **colmatar** esta ausência, o técnico deve apostar no regresso de Freddy à titularidade, que se ocupará do lado direito do ataque, e fazendo Silas recuar para o meio campo, no apoio a Tiago e Leão.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 27).

“De resto, o grande **aliciante** para este encontro é verificar como os jogadores vão reagir às críticas do treinador.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 27).

“A vaga deixada em aberto por Pedrinha na equipa (suspensão um jogo) deverá ser **colmatada** por José Manuel, que na última jornada foi suplente.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 29).

Contudo, a saída do Sporting não foi nada **airosa** para o treinador, que depois de perder com o Benfica, em Dezembro de 2000, foi despedido pela administração da SAD leonina, na altura, presidida por Luís Duque.” (*A Bola*, 1.10.2001, p. 23).

O uso de parágrafos longos e complexos

Nos textos jornalísticos da imprensa esportiva de Portugal, as estratégias de construção das frases tendem a ser mais longas que as empregadas na imprensa brasileira e, a sintaxe, mais complexa. Os períodos são longos e geralmente compostos por uma intrincada rede de orações subordinadas que, ao mesmo tempo, exercem funções de oração principal das orações subsequentes. A complexidade da rede textual chega a comprometer o entendimento do texto e, não raro, o leitor menos avisado se vê surpreendido com construções anafóricas que o obriga a retomar a leitura do texto para ter a compreensão total da mensagem. A disposição dos termos nas orações nem sempre segue a linearidade SVC (sujeito + verbo + complemento). A sucessão dos fatos nem sempre se dá de forma linear. O uso de orações intercaladas, apositivas ou explicativas são comuns e contribuem com isto para o alongamento dos períodos. Os termos essenciais das orações, tais como, os núcleos do sujeito e do predicado, geralmente, vêm acompanhados de extensos complementos.

Notem-se, os seguintes exemplos:

1. “Instalou-se a confusão na Associação de Futebol de Vila Real, que desde sábado à noite não tem Direcção, na sequência de uma Assembléia onde uma larga maioria de clubes votou a destituição do Conselho de Arbitragem, embora o presidente deste órgão, Sequira Teles, se tivesse antecipado, apresentando a sua demissão, atitude em que foi

secundado pelo presidente da Direcção, Manuel Fontoura, e dois vogais, Paulo Montenegro e José Pereira.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 2).

2. “De facto, depois da última reunião entre Associações e Liga de Clubes, alegadamente para concertarem posições e melhorarem a versão Jorge Saraiva dos estatutos federativos, cujos ganhos para a estrutura patronal do futebol português foram insignificantes ou nulos, já que apenas viu confirmada a sua integração no seio da FPF, como um sócio ordinário, os membros do executivo desta entidade reunir-se-ão hoje, sendo admissível que do encontro saia um...caminho para a institucionalização da Liga, dentro dos princípios que Manuel Damásio tem defendido e de acordo com o espírito da lei.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 4).

3. “O diálogo entre a teoria e a prática, porém, nem sempre é lógico e coerente, divertindo-se ambas, muitas das vezes, através de uma cumplicidade traiçoeira que atira de rastos a previsão mais insossa, como agora se observou, na medida em que se ao F. C. Porto se devem endereçar culpas evidentes por desfecho tão inesperado, não é menos verdade que só foi permitido a derrota adquirir forma pelo facto de se ter verificado um *coktail* explosivo de bizarras situações, daquelas que de tempos a tempos entendem erguer a cabeça e fazer estragos na casa do vizinho que está mais à mão...” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 12).

Apenas a título de exemplificação, observe-se em [1], a composição do período que conta com *seis* orações:

1ª oração – *principal de 1ª categoria*:

Instalou-se a confusão na Associação de Futebol de Vila Real + subordinada adjetiva explicativa

2ª oração – *subordinada adjetiva explicativa e principal de 2ª categoria*:

que desde sábado à noite não tem Direcção, na sequência de uma Assembléia + subordinada adjetiva restritiva

3ª oração – *subordinada adjetiva restritiva*

onde uma larga maioria de clubes votou a destituição do Conselho de Arbitragem

4ª oração – *subordinada adverbial concessiva*

embora o presidente deste órgão, Sequira Teles, se tivesse antecipado

5ª oração – *subordinada adverbial temporal e principal de 3ª categoria*

apresentando a sua demissão, atitude

6ª oração – *subordinada adjetiva restritiva*

em que foi secundado pelo presidente da Direção, Manuel Fontoura, e dois vogais, Paulo Montenegro e José Pereira

Observe-se, ainda, a dupla função de algumas subordinadas que também exercem a função de principal em relação a outra.

Tomemos um segundo exemplo.

Em [2], por exemplo, o período é composto por *dez* orações. Antes, porém, de classificá-las, convém que se as coloque em ordem direta na construção do período. Assim:

De facto, os membros do executivo desta entidade (FPF) reunir-se-ão hoje, depois da última reunião entre Associações e Liga de Clubes, alegadamente (ocorrida) para concertarem posições e melhorarem a versão Jorge Saraiva dos estatutos federativos, cujos ganhos foram insignificantes para a estrutura patronal do futebol português ou (foram) nulos, já que (a última reunião entre Associações e Liga de Clubes) apenas viu confirmada a sua integração (da estrutura patronal) no seio da FPF, como um sócio ordinário, sendo admissível que do encontro saia um...caminho para a institucionalização da Liga dentro dos princípios que Manuel Damásio tem defendido e de acordo com o espírito da lei.

1ª oração – *principal de 1ª categoria*:

De facto, os membros do executivo desta entidade (FPF) reunir-se-ão hoje, depois da última reunião entre Associações e Liga de Clubes

2ª oração – *subordinada adjetiva restritiva + principal de 2ª categoria*

alegadamente (ocorrida)

3ª oração – *subordinada adverbial final*

para concertarem posições

4ª oração – *coordenada sindética aditiva (equípolente) + principal de 3ª categoria*

e melhorarem a versão Jorge Saraiva dos estatutos federativos

5ª oração – *subordinada adjetiva restritiva*

cujos ganhos foram insignificantes para a estrutura patronal do futebol português

6ª oração – *coordenada sindética alternativa + principal de 4ª categoria*

ou (foram) nulos

7ª oração – *subordinada adverbial causal*

já que (a última reunião entre Associações e Liga de Clubes) apenas viu confirmada a sua integração (da estrutura patronal) no seio da FPF, como um sócio ordinário

8ª oração – *coordenada aditiva + principal de 5ª categoria*

sendo admissível (e é admissível)

9ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta*

que do encontro saia um...caminho para a institucionalização da Liga dentro dos princípios

10ª oração – *subordinada adjetiva restritiva*

que Manuel Damásio tem defendido e de acordo com o espírito da lei.

Da mesma maneira que em [1], observem-se as construções em que as subordinadas exercem duplas funções: a de subordinada e de principal em relação a outras.

As orações vão, assim, semanticamente interligando-se umas às outras, numa crescente rede de sobreposições ou antecipações de fatos. Em função disto, os parágrafos tornam-se longos e complexos, e chegam, por vezes, a dificultar o entendimento de quem lê. Observe-se, por exemplo, o seguinte parágrafo:

“LÉRIDA – Três dos seis pontos que a Selecção Nacional tem por objectivo conquistar nesta dupla jornada rumo à fase final do Campeonato do Mundo já estão bem arrumadinhos na bagagem portuguesa, uma vez que Andorra – esta frágil formação que devia estar a jogar numa qualquer outra competição mas não nesta... – foi trucidada pela superior categoria dos muitos mágicos que esta equipa possui, que a partir do momento em que despertaram (muito por força de mudança operada por António Oliveira) deram recital de futebol ao conseguirem cinco golos no reduzido período de nove minutos (!!!) encantando os milhares de portugueses, vindos de todo o país e de muitas paragens europeias, que os apoiaram, e calando de uma vez por todas os catalães, não muitos, que estiveram em Lérída única e exclusivamente para assobiarem Luís Figo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 4).

No texto acima, por exemplo, podemos perceber um emaranhado de orações subordinadas que se interligam de maneira bastante complexa. As orações geralmente

exercem dupla função na frase. O tópico textual frequentemente é deslocado para dar lugar a alguma frase explicativa ou, então, é bruscamente interrompido por uma frase parentética que encerra um outro tópico textual. A construção estrutural do período vai, assim, se sobrepondo, de explicações sobre explicações, numa crescente forma espiralada. O sujeito das orações geralmente ficam distantes dos seus complementos e o entendimento se torna comprometido. Não raras vezes, o interlocutor se vê obrigado a suspender temporariamente a compreensão de um tópico, desviar a sua atenção para um outro que se inicia e depois retornar ao anterior novamente.

O uso de perífrases verbais na forma infinitiva

Em Portugal, é comum encontrar-se nos textos esportivos da imprensa jornalística escrita o uso de verbos na sua forma nominal *infinitiva*. Esses tipos de construções, por funcionarem como **predicadores**, estão sempre acompanhados de verbos auxiliares.

No Brasil, no entanto, esses mesmos tipos de construções são substituídos pelo emprego de verbos na forma nominal de *gerúndio*.

Curiosamente, a imprensa esportiva escrita portuguesa evita o uso do *gerúndio*, por considerar este tipo de construção, segundo Teyssier (1982: 313), “um registo um pouco arcaizante”. A imprensa jornalística esportiva brasileira, por sua vez, desconhece o uso da perífrase verbal na forma auxiliar mais *infinitivo*.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Vamos, certamente, alertar a nossa Associação para o que **está a passar**.” (A *Bola*, 19.12.1994, p. 2)

“**Estamos a ficar** fartos de árbitros de Braga...” (A *Bola*, 19.12.1994, p. 2)

“ [...] Jaime Salvador recebeu luz-verde para conversar com o jogador, o que já fez. E **ficou a saber** que César Brito vê com maus olhos a possibilidade de passar a ganhar menos.” (A *Bola*, 19.12.1994, p. 2)

Paulo Pereira ficou de analisar melhor as condições oferecidas e, a partir de ontem, só **ficou a faltar** o ‘sim’ do jogador para que o contrato seja celebrado.” (A *Bola*, 19.12.1994, p. 4)

“O futebol **está a mudar**, já se corre mais do que a bola, despreza-se o espectáculo e ele, Quinito, treinador que bebeu nos velhos mestres, não gosta da ideia.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 7)

“O avançado, produto da formação do Bonfim, sente-se satisfeito e **está a trabalhar** para estar a cem por cento quando o técnico Jorge Jesus o chamar.” (*A Bola*, 1.10.2001, p. 20)

“A Comissão técnica (CT) da UEFA esteve mais uma vez nas Antas e **ficou a saber** como vai funcionar o novo estádio no Europeu de 2004.” (*A Bola*, 2.10.2001, p. 16)

“Sabemos que o nosso adversário vai fazer tudo para vencer, porque a situação deles na classificação **está a começar** a ficar difícil, mas nós também temos uma palavra a dizer e vamos determinados a vencer a partida’, diz o jogador farense.” (Comentário sobre o jogador Carlos Costa). (*A Bola*, 21.10.2001, p. 28)

“Vocês sabem do que **estou a falar**... investiguem.” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 7)

O uso da inversão na ordem das frases

A *ordem direta*, conhecida também como *ordem analítica*, é o padrão sintático da língua portuguesa, isto é, na organização da frase, o sujeito vem geralmente *antes* do predicado, e os complementos, por sua vez, vêm *depois* destes.

Em Portugal, apesar de predominar o uso da ordem direta na construção das frases, a inversão é comum nos noticiários esportivos.

Notem-se os seguintes exemplos:

1. “Das Antas chegavam boas notícias ao Bessa [...]” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 4).
2. “O futebol português dele se orgulha.” (*A Bola*, 20.9.2001, p. 3).
3. “Porque as suas qualidades não lho permitem, não joga para a galeria, antes procura, acima de tudo, jogar útil e de primeira, não dando oportunidade a quem com ele procura dividir os lances.” (Comentário sobre o jogador de defesa Ibarra) (*A Bola*, 16.9.2001, p. 6).
4. “Três-zero ao motivado Sp. Braga tem que se lhe diga. O Benfica cumpriu sua obrigação.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 3).
5. “Foi o jogo das Antas o mais emocionante.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 3).

Segundo Bechara (1978: 22), “em nossa língua, a posição dos termos de uma oração é *livre*, mas não *indiferente*.” A subversão proposital dos termos na construção das frases

como estas, em detrimento das normas sintáticas usuais, põe em relevo o que se pretende destacar. Segundo Bechara (2001: 583), ainda, “sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico.”

O uso de mesóclises

Uma das maiores evidências do formalismo lingüístico encontrado na imprensa esportiva de Portugal ocorre na sintaxe de colocação: o uso da mesóclise. Trata-se de uma colocação típica da linguagem culta escrita e literária.

Em Portugal, a mesóclise é amplamente utilizada pela imprensa jornalística esportiva escrita, desde que não haja elementos gramaticais nas frases que forcem o deslocamento pronominal.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Se isso acontecer **dar-me-á**, obviamente, uma grande satisfação e, depois, poderei pensar mais a sério no meu futuro.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 2).

Os aveirenses disseram que ‘sim’ para a Federação, os tirsenses **tê-lo-ão** feito, verbalmente, aos responsáveis da Luz.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 2).

“Todavia, no último Verão as relações esfriaram, dizendo quem sabe que o búlgaro não apreciou muito o atraso do campeão do Mundo no regresso das suas férias no Brasil e **ter-lhe-á** dito isso mesmo.” (*A Bola*, 19.12.1994, p. 3).

“A experiência de homens como Steve Staunton, no comando da defesa, e de Roy Deane, o motor do M. United e da selecção irlandesa, **revelar-se-iam** suficientes para espremer a famosa laranja mecânica e impedi-la de chegar ao êxito.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 10).

“A decisão será sempre de Bölöni e o avançado **respeitá-la-á**, mas, se o treinador entender que ele está bem e que pode jogar, admite ‘jogar um pouco em Leiria.’” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 15).

“Quando tiver de defrontar o F. C. Porto **fá-lo-ei** como quando tiver de defrontar outra qualquer equipa.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 15).

“Portanto, creio que, no fundo, o Sporting **sentir-se-á** um bocadinho no seu habitat natural, mas, de qualquer forma, é diferente em Alvalade do que em Leiria.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 26).

“Não fosse a liberdade que concedeu a Freuchaut no lance do golo e a tarde **ter-lhe-ia** corrido muito bem.” (Comentário sobre o jogador Renato) (*A Bola*, 16.9.2001, p. 15).

“Quem hoje se deslocar ao Bonfim **deparar-se-á** com as bancadas bem mais coloridas aquando da entrada de ambas as equipas nas quatro linhas.” (*A Bola*, 16.9.2001, p. 24).

O uso do pretérito-mais-que-perfeito

A linguagem jornalística esportiva de Portugal se utiliza com muita frequência do pretérito-mais-que-perfeito simples.

Como se sabe, este tempo verbal exprime a idéia de um fato passado anterior ao passado imediato.

Em português, há duas maneiras possíveis de indicar esse tempo verbal: uma simples, indicada pela própria desinência verbal e outra, composta, formada com o auxílio dos verbos *ter* ou *haver*.

Segundo Teyssier (1989: 269), essas duas maneiras de expressar um fato passado anterior a outro “são exatamente equivalentes quanto ao sentido, mas não pertencem aos mesmos registos da língua.”

Para esse mesmo autor, o pretérito-mais-que-perfeito simples é a forma de expressão mais reservada à linguagem culta e literária da língua enquanto a composta é utilizada em construções cujas situações de comunicação sejam mais informais. O autor elucida este ponto com o seguinte gráfico:

<i>Mais-que-perfeito simples</i>	<i>Mais-que-perfeito composto</i>	
<i>cantara</i> <i>etc...</i>	<i>tinha cantado</i> <i>etc...</i>	<i>Havia cantado</i> <i>etc...</i>
Pertence à linguagem escrita literária	Única forma da linguagem falada e dos registos mais naturais da linguagem escrita.	Forma muito rara hoje. Pertence exclusivamente à linguagem escrita.

(Teyssier: 1989: 269)

A linguagem jornalística esportiva escrita brasileira, como veremos, se utiliza da forma composta para expressar esse tempo verbal.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Aparentemente, o árbitro escalabitano António Rola chegou ao fim do recente Benfica-Boavista em perfeitas condições físicas, mas o certo é que o fez com alguma dificuldade e sacrifício, pois logo nos primeiros minutos do encontro **sofrera** rotura no gémeo da perna esquerda, que até o forçou a ser assistido durante o intervalo.” (*A Bola*, 19 de dezembro de 1994, p. 5).

“O Belenenses, bem, cometeu a proeza de voltar a vencer nas Antas quase 27 anos depois (**ganhara** por 4-0, a 26 de Janeiro de 1975, com golos de Alfredo, Pincho Pietra e... do então portista Alinho, na própria baliza).” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 3).

“Vai daí, ele que já **rendera** um avançado pôr outro, fez depois entrar outro dianteiro (Duda) retirando um defesa (Rui Óscar), para alguns minutos depois trocar Silva pôr Márcio Santos.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 5).

“Os amargos de boca que o clube minhoto **causara** na temporada passada não se repetiram.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 9).

“Já nem a bola que Ricardo Fernandes **mandara**, de livre, à figura de Enke servia para evitar a derrota.” (*A Bola*, 21.10.2001, p. 19).

“Nunca alguém o **consequira**, em Portugal, em tão pouco tempo.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 3).

O uso dos advérbios de lugar

Embora sejam na sua essência praticamente os mesmos na língua portuguesa falada e escrita nos dois países, os *advérbios de lugar* assumem uma condição de *uso* ligeiramente diferenciada no Brasil em relação à Portugal.

Segundo Teyssier (1989: 323-6), os *advérbios de lugar* utilizados em Portugal formam um sistema que “continua no essencial o sistema da língua clássica” enquanto, no Brasil, esse mesmo sistema “está em evolução na linguagem viva do Brasil”.

Pela sua própria natureza, os *advérbios de lugar* buscam determinar o lugar do falante no momento do seu enunciado. Neste sentido, os advérbios de lugar geralmente têm uma função *dêitica* na composição da frase.

Evidentemente, o falante quando se posiciona em relação ao mundo que o cerca o faz de acordo com os conceitos de mundo que ele apreendeu, levando sempre em consideração os aspectos históricos que contribuíram para a sua formação e, naturalmente, para a composição de suas crenças.

Embora pertençam a uma classe de palavras *invariáveis*, os *advérbios de lugar* merecem destaque especial nos estudos da linguagem jornalística esportiva escrita primeiramente por exercerem funções *dêiticas* na composição da frase, conforme já nos referimos acima e, depois, por representarem quase toda a *espacialidade* das ações humanas circunscritas nos limites de um campo de futebol.

O cronista esportivo, por exemplo, é, antes de mais nada, um telespectador dos eventos esportivos e, como tal, descreve do seu ponto de vista, toda a trajetória da bola e toda a movimentação dos jogadores para poder alcançá-la. Toda a espacialidade do jogo de futebol se concentra nos limites do campo. O campo representa, assim, o nosso mundo, em toda a sua extensão, em todas as ações humanas, composto de uma comunidade social, representada pelos próprios jogadores, ondes estão presentes os objetivos individuais de cada um, os papéis sociais, as regras, as divisões de tarefas, os juízes, as punições e, também, uma linguagem especial comum.

Tradicionalmente, os *advérbios* são as palavras *invariáveis* do sistema lingüístico e pertencem ao *fundo comum* do léxico da *linguagem histórica*. Para Bechara (2001: 281), o *advérbio* “é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.”

Notem-se os seguintes exemplos:

“André Luiz foi **bem** no apoio, mas deixou espaços na defesa.” (*Lance*, 9.04.2001, p. 5).

“Fez um gol e se movimentou **bastante**.” (Comentário sobre o jogador Lúcio, da Portuguesa) (*Lance*, 9.04.2001, p. 5).

“Ewerthon invade a área e chuta forte para o gol. O goleiro Carlos Germano defende **mal** para cima e tem sorte de a trave desviar a bola.” (*Lance*, 9.04.2001, p. 5).

“No sábado ele marcou o gol da vitória do Santos **exatamente** no momento em que o time sofria uma grande pressão da Matonense.” (*Lance*, 9.04.2001, p. 12).

De modo geral, os **advérbios** se encarregam em “assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o ‘o estado de coisas’ designado na oração.” (Cf. Bechara, 2001: 288).

Os *advérbios de lugar* são todas aquelas palavras *invariáveis* de função *dêitica* que identificam a posição do falante no momento de sua fala, ou se se preferir, no momento do seu enunciado.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Saio, sim, muito triste porque criei muitos amigos nos vários anos em que **cá** estive.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 18).

“ – Não foi à toa que ele veio até **aqui** – ponderou o zagueiro.” (*Lance*, 14.04.2001, p. 9).

Os principais advérbios de lugar atualmente em uso em língua portuguesa, tanto em Portugal quanto no Brasil, são *aqui, aí, ali, cá e lá*.

Para Teyssier, o sistema de advérbios de lugar “é estreitamente solidário com o sistema dos demonstrativos.” Segundo este autor, ainda, os advérbios de lugar utilizados em língua portuguesa atualmente, tanto no Brasil quanto em Portugal, podem ser classificados da seguinte maneira:

<i>Demonstrativos</i>	este	esse	aquele	
<i>Advérbios</i>	aqui	aí	ali	
<i>de</i>	cá	lá	(acolá)	
<i>lugar</i>	(aquém)	além		

(*Teyssier, 1989: 323*)

O uso dos advérbios cá e aqui pela imprensa jornalística escrita portuguesa

O vocábulo ***cá*** é derivado do português medieval *aca* que, por sua vez, é uma antiga variação da expressão latina *eccum hac*. Literalmente, a expressão significa *eis aqui*.

Por sua vez, o vocábulo ***aqui*** é também derivado do português medieval *aco*, antiga variação da expressão latina *eccum hoc* que significa, literalmente, “ neste lugar”.

Os dois vocábulos têm hoje o mesmo valor semântico e igualmente servem para identificar o local onde o falante se encontra no momento do seu enunciado. Assim, tanto ***cá*** quanto ***aqui*** identificam o local onde *eu, falante, estou*.

Há entre eles, no entanto, uma ligeira diferença conceptual.

Cá, por exemplo, opõe-se a ***lá*** “em duas partes extensivas – duas partes opostas e separadas por um limite (Cf. Teyssier, 1989: 324).” Uma dessas partes identifica onde o falante está no momento do seu enunciado, enquanto a outra parte, igualmente oposta, identifica onde o falante **não** está. Assim, por exemplo, pode-se dizer ***cá fora, cá dentro, cá em baixo, cá em cima, cá em casa***, em oposição, respectivamente, a ***lá dentro, lá fora, lá em cima, lá em baixo, lá fora***. (Cf. Teyssier, 1989: 324).

O vocábulo ***aqui***, por sua vez, embora identifique onde o sujeito falante está, não delimita extensivamente onde o falante **não** está. Dessa maneira, o vocábulo designa apenas um ponto num espaço qualquer onde o falante se encontra.

As duas formas ***cá*** e ***aqui*** podem ser encontradas na linguagem jornalística esportiva escrita dos dois países. Percebe-se, porém, uma nítida preferência no uso da forma ***cá*** pela imprensa jornalística escrita portuguesa e uma nítida preferência no uso da forma ***aqui*** pela imprensa jornalística escrita brasileira, como veremos oportunamente.

A preferência por esta ou por aquela forma só pode ser explicada evidentemente por razões culturais existentes em cada país.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Não há ***cá*** macumba nenhuma.” (A Bola, 19.12.1994, p. 6).

Cá fora, longe do bulício dos relvados, o brasileiro transforma-se.” (*A Bola*, 2.9.2001, p. 21).

“É um jogador que deve ser atentamente seguido pelas maiores equipas **cá** do burgo...” (*A Bola*, 10.2001, p. 21).

“Saio, sim, muito triste porque criei muitos amigos nos vários anos em que **cá** estive.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 18).

A imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa também se utiliza da forma **aqui** nas suas crônicas esportivas. Observe-se, porém, que geralmente o advérbio não vem para indicar o local do falante, mas, sim, para indicar um local vago ou indefinido, ou, então, para funcionar como um advérbio de tempo.

Notem-se os seguintes exemplos:

“E quase sempre se dividiram nos espaços atacantes, também nas oportunidades de golo não aproveitadas, resultando dessa troca de galhardetes um embate bonito, **aqui** e ali dinâmico, às vezes emotivo.” (*A Bola*, 22.10.2001, p. 14).

“O supersónico Maciel, até **aqui** uma carta fora do baralho, está de regresso – poderá ser esta a surpresa. E o técnico do União pode utilizá-lo quer no flanco esquerdo, quer no flanco direito.” (*A Bola*, 4.9.2001, p. 21).

“Além de não juntar ao rol o jogo com o Alverca (um golo mal anulado a João Pinto e um penalty impune de Veríssimo, por saltar de braços ao alto e mãos estendidas para impedir a passagem da bola), **aqui** vos declaro, formalmente: os leões não mereceram ganhar em Leiria (mesmo empatar...) e, por isso, o melhor foi calarem-se.” (*A Bola*, 21.9.2001, p. 14).

Cumpramos registrar, ainda, que a imprensa jornalística esportiva escrita portuguesa não faz uso habitual das formas contractas *daqui* (preposição **de** + o advérbio **aqui**), *dali* (preposição **de** + o advérbio **ali**) e *daí* (preposição **de** + o advérbio **aí**). As formas contractas, no entanto, são bastante usadas pela imprensa jornalística escrita brasileira, como teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante.

Capítulo 6

A informalidade da linguagem esportiva jornalística escrita brasileira

Considerações iniciais

O presente capítulo visa a apresentar alguns aspectos referentes à informalidade da linguagem esportiva jornalística escrita brasileira.

Ao contrário do que se pretendeu demonstrar no capítulo anterior, a imprensa esportiva jornalística escrita brasileira se utiliza de uma linguagem comum mais próxima da oralidade do que a imprensa esportiva jornalística escrita europeia portuguesa. Ela mais se aproxima de um rápido diálogo diário com o seu público leitor, em oposição à imprensa esportiva escrita europeia portuguesa, conforme vimos no capítulo anterior, cuja linguagem se reveste de um caráter bem mais formal, tendente a um estilo narrativo mais próximo ao literário e presa a quase todos os dogmatismos de uma cultura escrita.

É bom que se esclareça, desde início, no entanto, que não há entre ambas, a norma portuguesa e a norma brasileira, nenhuma primazia. Ambas representam *estilos* diferentes de um mesmo sistema lingüístico e, como tal, cada uma delas cumpre com o seu papel social de interatividade com a sua respectiva comunidade lingüística.

Há que se entender que, se, por um lado, a língua é a mesma, as condições sócio-histórico-culturais que determinam os seus falantes não são.

O uso de termos e expressões informais

Ao contrário de Portugal, como já tivemos oportunidade de verificar no capítulo anterior, a imprensa jornalística esportiva escrita do Brasil se utiliza de termos e expressões mais informais que a congênere portuguesa.

A seleção dos termos e expressões utilizadas pela imprensa esportiva brasileira é, assim, mais próxima de uma linguagem comum, como as usadas nas conversas informais entre amigos ou na informalidade do convívio familiar.

Essa opção de escolha faz da linguagem jornalística esportiva escrita do Brasil uma realidade de comunicação mais próxima da oralidade e, portanto, menos formal que a congênere portuguesa.

Notem-se os seguintes exemplos:

“O gol **deu um refresco** às reclamações da torcida que estava **pegando no pé** de Lobo pois o jogador havia perdido quatro boas chances.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 13).

“Na etapa final, a torcida já começava a **chiar** quando Lopes fez o terceiro do **Verdão**.” (*Gazeta Esportiva*, 4.5.2001, p. 4).

“Numa **bobeira** da zaga corintiana, Mauro marcou.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 4).

“Aos 34 minutos, Richard aproveitou **bobeira** da zaga atleticana e tocou por cobertura para Lico, que chegava à área.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 17).

“Passaram-se 15 minutos e, num **frangaço** de Carlos germano, Ewerthon ampliava o placar para o **Timão**.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 4).

“O Corinthians goleou o Flamengo de Piauí, por 8 a 1, ontem à noite no estádio Albertão, e espantou de vez o **urubu** que teimou em aparecer em seu destino.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 3).

“Nós sofremos um gol logo no começo do jogo e perdemos um jogador expulso. **Aí não deu para segurar**. As outras duas derrotas foram normais.” (*Gazeta Esportiva*, 4.5.2001, p. 4).

“Sou contra. Pirmeiro ele faz o maior **auê** para sair e agora quer voltar só porque não encontrou um time. Isso é **palhaçada** – protestava.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 5).

O uso de parágrafos curtos e simples

No Brasil, ao contrário do que vimos no capítulo anterior, os textos dos jornais esportivos geralmente são compostos por frases curtas e com uma sintaxe simplificada. A disposição dos termos geralmente obedece ao esquema linear SVC (sujeito + verbo + complementos) e dificilmente há quebras sintáticas bruscas que cheguem a comprometer o entendimento do leitor.

Em geral, o vocabulário encontrado na imprensa esportiva do Brasil é informal e se aproxima da linguagem oral. As gírias são livremente usadas, como teremos oportunidade de ver mais detalhadamente um pouco mais adiante.

Os períodos mais longos dos textos esportivos da imprensa escrita brasileira comportam orações coordenadas ou subordinadas, mas de forma moderada, isto é, a construção sintática das orações não chega a comprometer a compreensão de quem os lê.

As sucessões de fatos e os seus desdobramentos dentro do mesmo período são evitadas. Da mesma forma, as sucessões de frases intercaladas, apositivas ou explicativas também são evitadas e freqüentemente acabam sendo desdobradas em novos períodos ou orações.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Para o técnico Celso Roth, a possibilidade de ter Ronaldinho é um sonho distante.” (*Lance*, 15.4.2001, p. 7).

“O gol deu um refresco às reclamações da torcida que estava pegando no pé de Lobo pois o jogador havia perdido quatro boas chances.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 13).

“O Leão pode ser o rei, mas quem cantou de galo ontem, em Limeira, foi a Macaca.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 13).

“Nada é mais desconfortável do que ver a Seleção cainda pelas tabelas e estar lá no topo.” (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 2).

“Para Cio, o gol de Renato não foi um gol qualquer, pois acabou livrando a cara da equipe.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 12).

O uso de perífrases verbais na forma nominal de gerúndio

Vimos no capítulo anterior que, em Portugal, o uso de perífrases verbais nas construções do tipo *auxiliar* mais verbo na forma nominal de *gerúndio* é estigmatizada e praticamente inexistente, por considerarem-na, segundo Teyssier (1982:313), “arcaizante”.

No Brasil, no entanto, ao contrário, esses tipos de construções são amplamente utilizadas e o uso da perífrase verbal na forma *auxiliar* mais *infinitivo* é que é praticamente desconhecido.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Eles já **estão criticando** o Verdão depois da derrota para o São Caetano, pela Libertadores.” (*Gazeta Esportiva*, 12.5.2001, p. 8).

“Os jogadores santistas **estão agradecendo** a ausência do atacante corintiano Muller na partida de hoje.” (*Gazeta Esportiva*, 13.5.2001, p. 4).

“O Corinthians **continua voando** baixo nos gramados.” (*Gazeta Esportiva*, 1.4.2001, p. 11).

“Apesar da vitória sobre a Caldense, Luiz Felipe **continua reclamando** dos erros de finalização do time.” (*Lance*, 30.4.2001, p. 19).

“O Paraná **continuou criando** oportunidades, mas pecava nas finalizações.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

“Torcida Organizada do São Paulo **está ameaçando** o atacante após os tumultos ocorridos na derrota para o União, em Santa Bárbara.” (*Lance*, 18.4.2001, p. 3).

O uso da ordem direta na construção das frases

No Brasil, a *ordem direta* (sujeito + verbo + complementos = SVC) é a forma usual de construção das frases, geralmente curtas e de pouca complexidade sintática.

Em Portugal, embora a ordem direta também prevaleça, o uso da inversão, como já vimos no capítulo anterior, é bastante comum.

As construções subvertidas, isto é, aquelas em que a ordem dos termos na frase não obedeça à forma SVC (sujeito + verbo + complementos) geralmente são reservadas, como já vimos, também, aos textos mais formais ou de cunho literário.

Notem-se os exemplos a seguir:

“O artilheiro atleticano enfrentou o Corinthians duas vezes nos dois últimos anos [...]” (*Lance*, 17.5.2001, p. 5)

“Os dois times só garantiram classificação para a final na sexta e última rodada da segunda fase.” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 12).

“O time brasileiro foi vaiado do início ao fim por sua implacável torcida [...]” (*Lance*, 27.4.2001, p. 15).

O uso da próclise

Nas construções de frases onde aparecem os tempos verbais do futuro do presente ou do futuro do pretérito, simples ou compostos, a imprensa jornalística esportiva portuguesa, como já vimos, usa invariavelmente a **mesóclise**, construção típica da linguagem culta escrita e literária.

No Brasil, no entanto, a imprensa esportiva escrita é mais informal e esses mesmos tipos de construções são invariavelmente elaboradas com o uso da **próclise**, construção típica da linguagem oral.

Notem-se os seguintes exemplos:

“Felipão **se dará** o luxo de poupar os principais jogadores do Cruzeiro no jogo contra o Emelec, amanhã, pela Libertadores da América.” (*Gazeta Esportiva*, 16.4.2001, p. 9).

“Ex-jogadores do Palmeiras **se encontrarão** amanhã, às 11 horas, no campo do Serra Morena, ao lado do estádio do Canindé.” (*Gazeta Esportiva*, 21.4.2001, p. 6).

“‘É o pior momento da minha carreira, ainda que esses meses de sofrimento **me farão** voltar mais forte do que antes’, afirmou Redondo.” (*Gazeta Esportiva*, 21.4.2001, p. 12).

O uso dos advérbios de lugar

Vimos no capítulo anterior, que a linguagem jornalística esportiva escrita portuguesa prefere usar a forma adverbial **cá** para indicar o local em que o enunciador está no momento de sua fala. Como vimos, também, esta forma de uso é considerada clássica.

No Brasil, a imprensa esportiva escrita prefere o uso do vocábulo **aqui** e praticamente desconhece o uso do vocábulo **cá**.

Notem-se os seguintes exemplos:

“**Aqui** em Ribeirão ele sempre joga bem. Mas o que mais me entristece é que de dez faltas que bate, ele acerta três, e para nossa infelicidade são todas no Santa Cruz’, afirmou.” (*A Gazeta Esportiva*, 22.5.2001, p. 5).

“Sempre acreditei que tinha meu espaço **aqui**. Mesmo quando estava por baixo – disse.” (Comentário do jogador Gilmar) (*Lance*, 1.04.2001, p. 10).

“- Fiquei tentando explicar que, **aqui**, em vez de computador, se ganha uma bola quando se é pequeno – ironizou Geninho.” (Comentário de Geninho sobre uma reportagem coreana sobre os jovens jogadores brasileiros) (*Lance*, 1.04.2001, p. 10).

“- Estou **aqui** há muito tempo e a Portuguesa cresce nas decisões. Estou voltando em uma hora boa e vou dar o meu máximo. Quero esquecer que tive uma contusão e entrar em todas as bolas – disse o zagueiro, que será o capitão da Lusa.” (*Lance*, 1.04.2001, p. 11).

“- Se tinha fogo **aqui** na Vila, apagamos o incêndio de vez com essa vitória. Ganhamos muito bem o clássico e provamos que a chegada do Rincón nos deu outro ânimo. Não tenho nada contra o Palmeiras, mas vencê-los hoje foi especial – falou Léo.” (*Lance*, 2.04.2001, p. 6).

“- Sou filho de português e **aqui** me sinto em casa – disse.” (*Lance*, 2.04.2001, p. 6).

Vimos, ainda, no capítulo anterior, que a linguagem jornalística esportiva escrita de Portugal não faz uso das formas adverbiais contractas do tipo **daqui** (preposição **de** + o advérbio **aqui**), **dali** (preposição **de** + o advérbio **ali**) e **daí** (preposição **de** + o advérbio **aí**). No Brasil, no entanto, o emprego destas formas é bastante comum.

Notem-se os seguintes exemplos:

“ – Temos que ter pegada **daqui** para frente. Essa é a hora de crescer no Paulistão – diz Jean.” (*Lance*, 14.4.2001, p. 9).

“Com um gol de Jardel, que mais uma vez confirmou a sua fama de artilheiro, os donos da casa garantiram o direito de jogar por um empate **daqui** a duas semanas na Espanha.” (*Lance*, 4.4.2001, p. 19).

O uso da gíria

A maior demonstração de informalidade na linguagem esportiva escrita brasileira, no entanto, fica por conta do uso livre das gírias. A gíria, como se sabe, é uma forma de expressão tipicamente oral.

Estigmatizada pela sua origem, a gíria é usada, ainda, com severas restrições pela imprensa esportiva escrita portuguesa, destacadas por sinais gráficos, tais como, itálicos ou negritos.

Este mesmo estigma prevalece ainda, também, em outros tipos mais conservadores de linguagem jornalística escrita do nosso país. Os “manuais de redação” jornalísticos, por exemplo, apresentam claras objeções ao seu uso.

Na imprensa jornalística esportiva brasileira, por sua vez, a utilização da gíria é livre e, na maioria das vezes, é a responsável pela expressividade da linguagem, evocando uma aproximação e um envolvimento maior com seus leitores justamente pela quebra do formalismo textual existente em outros tipos de gêneros.

Dada a importância da gíria na informalidade da linguagem esportiva escrita da imprensa brasileira, vale a pena retomar um pouco de sua história.

A gíria - um breve referencial teórico

Embora a gíria apareça ainda quase que exclusivamente na linguagem oral,¹ o seu emprego na linguagem escrita vem sendo hoje paulatinamente aceito nos mais prestigiados meios literários, jornalísticos e na linguagem escrita de um modo geral, pelo menos nos textos da imprensa livreira e jornalística brasileira.

A gíria pode ser entendida também como uma linguagem especial utilizada por indivíduos de grupos fechados das mais diversas naturezas sociais. O surgimento de uma linguagem criptológica, no entanto, está condicionado a certas condições especiais do grupo em relação à parte restante da sociedade como um todo. Normalmente o grupo se organiza numa postura de defesa em relação ao restante da sociedade, podendo, também,

¹ “A gíria constitui um vocabulário tipicamente oral. Sua presença na escrita reflete apenas um recurso lingüístico, com objetivos determinados, como, por exemplo, indica a fidelidade de uma transcrição; criar uma interação mais eficiente do escritor com o seu leitor, como ocorre em algumas matérias jornalísticas; dar uma realidade maior ao diálogo literário ou teatral; comprovar um uso em desacordo com o vocabulário de falantes cultos, caso em que é usual transcrevê-la entre aspas, como ocorre na *mídia* jornalística; etc.” (Prete, 2000:241).

freqüentemente, assumir uma postura agressiva em relação a ela.² Essa postura defensiva dos grupos é responsável pela constante necessidade de renovação do vocabulário, bem como de suas expressões mais significativas, sob pena de se tornarem entendidas por pessoas não autorizadas ou indesejáveis ao grupo.

Em decorrência dessa constante renovação lexical, é comum encontrarmos uma grande variedade de vocábulos para designar um mesmo assunto.³ Uma vez renovado, o antigo vocábulo ou cai no esquecimento e daí o caráter efêmero da gíria, ou é, então, lexicalizado e passa a pertencer ao domínio da língua comum.⁴

Cercada de preconceitos durante séculos, por ser sua origem vinculada a linguagens grupais próprias das camadas sociais marginalizadas e de menor prestígio, a gíria hoje se faz presente com certa regularidade na linguagem escrita, mesmo entre os mais conservadores amantes da chamada *boa* e requintada literatura.⁵

² “As gírias são [...] uma especialização da língua comum. Mas para que essa especialização se dê, é necessário que se verifiquem certas condições de carácter social. É preciso, antes de mais nada, que, dentro da sociedade geral, apareça constituído um grupo que tenha vida em comum: em suma, que se crie mais ou menos um meio isolado da restante sociedade. Como a língua comum tem tendência para se fragmentar, formando um certo número de linguagens com características à parte, podemos daí concluir que cada grupo possui a sua linguagem especial. [...] (Castro, 1947).

³ “Há dez palavras para exprimir a ação de comer e vinte palavras significam beber. Vinte palavras também designam cachaça. Quarenta palavras designam a bebedeira; bater se diz de vinte formas. O bobo, o pateta, o idiota têm vinte palavras que os nomeiam. Quinze palavras designam a morte; assassinar se diz de quatorze maneiras diferentes e roubar possui um número de sinónimos ainda maior. Quinze palavras significam fugir, doze, policial ou guarda. O dinheiro, objetivo de todos os pensamentos e ações, possui um vocabulário de sessenta palavras. Conta-se mais ou menos oitenta palavras para designar a prostituta ou a mulher de quem se fala mal. É uma verdadeira chuva de injúrias. Ao lado disso, não há uma só palavra para designar a mulher honesta e digna de estima, nenhuma para designar a honra e a virtude. O homem honesto é um *simples*, isto é bobo, e para a temperança, que é desconhecida nestas classes, é inútil procurar uma palavra para designá-la.” (Casciani, 1948).

⁴ “As gírias sentem necessidade de, a cada instante, criar termos novos, insuflar nova vida ao seu léxico. E a razão é muito simples: sabemos que, apesar das gírias serem intencionalmente secretas – mais ou menos, segundo os casos – o seu vocabulário vai, pouco a pouco, entrando no domínio comum, tornando-se compreensível para todos, em virtude do exagerado uso que dele se faz. Uma vez que tal suceda, já não seremos muito rigorosos se afirmarmos que esses tais vocábulos são dessa ou daquela gíria, pois perderam uma das características que nos permitiam enquadrá-las naquela. Alguns passarão, pois, a fazer parte do calão; outros irão enriquecer a linguagem popular. Daí a necessidade de renascimento constante que têm as gírias: perdem alguns termos, mas imediatamente procuram substituí-los.” (Castro, 1947).

⁵ “Somente uma visão histórica do problema poderia esclarecer-nos como se teria formado essa atitude preconceituosa em relação ao vocabulário gírio. E, quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas, os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas.” (Preti, 2000: 242).

Até bem pouco, o uso da gíria na linguagem escrita vinha sendo cuidadosamente registrada entre aspas ou itálico, tanto na norma brasileira quanto na norma lusitana. Hoje, a presença dela na modalidade escrita brasileira é praticamente livre, em todos os setores, tanto da imprensa escrita quanto do mercado livreiro, e já atingiu, sem qualquer constrangimento, até mesmo as páginas da literatura infantil.⁶ A norma portuguesa, no entanto, continua a restringir o seu uso e a mantém entre aspas ou qualquer outra forma de destaque. Notem-se os seguintes exemplos⁷:

"Praticamente todos os jogadores tiveram oportunidade de marcar golos, alguns deles de belo efeito, como um bonito *chapéu* de João Manuel Pinto." (*A Bola*, 2.9.2001, p. 21).

"Até nesse aspecto, e dos jogadores *amarelados*, António Oliveira está tranquilo." (*A Bola*, 3.9.2001, p. 4).

"Foi *dose* para *leão*, na linha do treino específico também ministrado a Niculae, quando o romeno se juntou ao plantel." (*A Bola*, 3.9.2001, p. 9).

Apesar desse crescente aumento, no entanto, o uso da gíria nos jornais brasileiros mais conservadores continuam, ainda, sendo totalmente desaconselhável pelos manuais jornalísticos de redação. O seu emprego é geralmente admitido pelas redações somente em casos considerados especialíssimos, limitado apenas para dar maior expressividade contextual ao discurso direto.⁸ Mas, em que pese ainda toda recomendação desses tipos de manuais, o que de fato se percebe é que a sua presença na linguagem escrita vem sendo irreversível e paulatinamente crescente.⁹

⁶ "Lygia Bojunga Nunes, autora de grande sucesso no gênero [infantil], detentora de numerosos prêmios, inclusive o internacional Hans Christian Andersen (que corresponde ao Nobel na literatura infantil), maneja com muita naturalidade expressões populares e de gíria, criando para suas personagens, dotadas de intensa sensibilidade, uma linguagem vibrante, graciosa, rica de teor afetivo. [...]" (Martins, 1997: 90).

⁷ Os destaques gráficos são do próprio jornal português.

⁸ "Embora fique clara nos manuais a proposta de uma linguagem culta, 'correta', simples, contida, em que os fatos recebam uma análise fria, um tratamento objetivo, o dia-a-dia do noticiário nos mostra que na abordagem de certos temas como a violência social, a crise econômica e política etc. é difícil administrar regras de moderação como a proposta pelo Manual [de redação] da FSP [Folha de São Paulo] [...]" (Dias, 1996: 41).

⁹ "As expressões gírias [...], o léxico popular da linguagem cotidiana [...], mesmo policiados pelos Manuais (de redação), aparecem no texto jornalístico com a natural espontaneidade com que se manifestam oralmente. Essas ocorrências, que despontam aleatoriamente nos jornais, tipo *FSP* (Folha de São Paulo),

Não se pode, portanto, nos dias de hoje, ignorar ou pretender desprezar a sua existência.

Se no passado a razão de ser da gíria se justificava apenas por uma questão de preservação e proteção do hermetismo grupal, hoje a sua importância vai muito mais além e assume características de reconhecido valor estilístico.

O aumento da demanda de uso da gíria na modalidade escrita parece, nos dias de hoje, estar vinculado a diversas transformações sociais que atingem os quatro cantos do nosso mundo moderno. Algumas delas, entretanto, merecem o nosso destaque.

A primeira está diretamente ligada ao surgimento histórico da gíria. Segundo alguns importantes historiadores, entre eles M. Veto, a gíria teria surgido a partir da Guerra dos Cem Anos.¹⁰ “Esta guerra contra os ingleses”, observa Casciani (1948), “durou 116 anos, arruinou completamente o país e desorganizou a sociedade”. “Os camponeses saqueados freqüentemente pelos soldados indisciplinados que, reduzidos à extrema miséria, sem pão, sem ajuda e sem proteção, se tornaram ladrões e malfeitores”, completa (idem). Essa vinculação inicial com o mundo marginal contribuiu para estigmatizar a linguagem gíria que perdurou pelo menos seiscentos longos anos.¹¹

Apesar deste sinistro estigma histórico, no entanto, a gíria também já teve momentos históricos de melhor reputação e chegou mesmo a atrair o interesse e a atenção de pessoas que nada tinham a ver com as questões ligadas à marginalidade. Na Itália medieval, por exemplo, a gíria, também conhecida como *astucioso* entre os italianos, foi amplamente utilizada, por volta de 1460 e 1472, “como divertimento culto e literário das

evidenciam a influência da língua falada pela comunidade sobre o discurso jornalístico e a relativa força unificadora prescritiva dos Manuais de Redação.” (Dias, 1996: 48).

¹⁰ A Guerra dos Cem Anos ocorreu nos séculos XIV e XV, envolvendo a França e a Inglaterra numa longa disputa pelo trono francês. O conflito ocorreu mais precisamente entre 1337 e 1453 e perdurou, portanto, por 116 longos anos.

¹¹ “Eles (os camponeses) se uniram aos soldados que pilhavam, aos desertores, aos criminosos refugiados de justiça, os operários preguiçosos ou sem trabalhos, aos charlatões, aos músicos ambulantes, aos saltimbancos, àqueles que não pertenciam a uma classe social, aos farsistas e aos religiosos expulsos da Universidade ou da Igreja, toda uma cambada, quadrilha, corja para resumir em uma palavra. Os bandos se organizaram. Vivendo fora da sociedade e continuamente me guerra contra ela, os homens que a compunham sentiram rapidamente a necessidade de criar leis, de organizar-se, de um chefe e de possuir uma linguagem própria a fim de poderem se comunicar sem serem compreendidos pelos demais.” (Casciani, 1948)

classes hegemônicas, que o arrancam dos verdadeiros falantes da gíria para esvaziar-lo interiormente e consumi-lo [...] como divertimento de salão.” (Cf. Ferrero, 1972).

O *astucioso*, como se vê, tem nesse período da história italiana uma conotação bem mais suave e livre de preconceitos e se aproximava muito mais a uma brincadeira descompromissada das classes sociais européias de melhor prestígio do que propriamente a qualquer espécie de linguagem vulgar utilizada por bandidos e marginais como se viu na Guerra dos Cem Anos (Idem, 1972).

Nesse período da história da gíria (ou, se se preferir, do *astucioso*), tudo era um simples jogo de palavras, motivos e temas de composições poéticas em que os seus usuários parasitas simplesmente buscavam na jocosidade de uma linguagem criptográfica subterfúgios para acobertar os seus inocentes segredos (talvez aqueles relacionados aos amores proibidos e que se escondiam nos interstícios das muralhas dos castelos medievais e nas entrelinhas de uma linguagem criptográfica).¹²

Temos que considerar, no entanto, que, se a utilização da gíria se dava, por um lado, apenas entre grupos marginais, hoje, a realidade é bem outra. Presente ainda entre esses grupos de caráter duvidoso, é verdade, a gíria é, também, encontrada em tantos outros incontáveis e significativos grupos sociais que nada têm a ver com essa marginalidade histórica inicial.¹³ Provavelmente, tenhamos hoje um maior número de grupos de prestígio social que se utilizam da gíria do que os próprios grupos marginais que historicamente foram os responsáveis pela sua criação. É comum, nos dias de hoje, por exemplo,

¹² "É também de 1531 o repertório de gíria que um jovem paduano, antonio Brocardo, prometia à impaciente cortesã veneziana Marietta Mirtilla, assim que lhe fosse possível 'mandar ordená-lo em ordem alfabética, para que a senhora possa aprende-lo todo, em duas horas". Trata-se, provavelmente, como demonstrou Franca Ageno, do celebrado Novo Modo de compreender a Língua Zerga que, tendo surgido anônimo (Brocardo desapareceu no mesmo ano), conheceu umas trinta edições, que se sucederam entre a segunda metade do século XVI e a primeira do XVII.

O livrete, cuja edição mais antiga parece ser a edição feita em Ferrara, em 1545, conservada no British Museum, consta de um glossário não muito amplo e de algumas composições em língua velhaquesca (do qual encontrará um ensaio no Apêndice). Um opúsculo confeccionado para o divertimento de todos os que desejavam exercitar-se na composição de poesias criptológicas e, certamente, não divulgado pelos falantes da gíria 'autênticos', pouco propensos a revelar os mistérios de sua maneira de falar." (Ferrero, 1972).

¹³ “[...] A gíria, pois, é o vocabulário de uma anti-sociedade, de um grupo marginal, em conflito com a comunidade. [...] Por outro lado, ela também pode apenas representar a linguagem de um grupo restrito de costumes insólitos que, por possuir hábitos diferentes da sociedade em que vive, gera uma atitude preconceituosa em relação a seu vocabulário. Neste segundo caso, a convivência com esses grupos (jovens, esportistas, freqüentadores da noite, estudantes etc.) é menos conflituosa, mais freqüente, do que decorre a maior interação entre esse vocabulário e o comum.” (Preti, 2000: 252).

percebermos a crescente utilização da gíria na linguagem oral de cada grupo profissional, muitos deles de grande prestígio social (médicos, estudantes, jornalistas, advogados, economistas etc.) e que, no mundo moderno, cada vez mais tendem a pulverizar-se pelas crescentes inovações tecnológicas.

Em segundo lugar, o grande desenvolvimento provocado pelo advento da imprensa jornalística e livresca, principalmente das últimas décadas para cá, tem concorrido para a divulgação e a difusão do vocabulário gírio em todas as regiões onde a linguagem escrita é capaz de penetrar.¹⁴

Em terceiro lugar, todo o aparato tecnológico que hoje o homem moderno dispõe como *interface* de um mundo globalizado concorre para uma interação midiática quase que face-a-face,¹⁵ possibilitando uma veiculação da linguagem numa velocidade que só é possível no exato momento do ato enunciativo da fala.

Finalmente, em quarto lugar, a linguagem gíria parece nos dar, às vezes, maior expressividade ao estilo e um colorido lingüístico que, em certos contextos, o uso da língua padrão nem de longe consegue atingir, conforme já nos antecipamos acima.

Certamente, por esta mesma razão estilística e expressiva, alguns importantes e influentes clássicos da literatura universal como Victor Hugo, E. Sue, Balzac, Zola, Richepin, Villon, Montaigne, isso só para citar a literatura francesa, corajosamente fizeram uso da linguagem gíria em algumas de suas mais importantes obras, vencendo os

¹⁴ “Sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na *norma lingüística da mídia*, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito. Pode-se dizer que foi, historicamente, um processo natural, decorrente da transformação de valores que marca as últimas décadas do século XX. [...]” (Preti, 2000: 248).

¹⁵ Para Thompson (2001: 78-79) há três tipos de situações interativas presentes nos meios de comunicação: a) a *interação face-a-face*, onde os “participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo”; b) a *interação mediada*, em que os participantes interagem por meio de “cartas, conversas telefônicas, etc” e que sempre “implicam o uso de um meio técnico (papel, fios elétricos, ondas magnéticas, etc.) que possibilitam a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos”; e, finalmente, c) a *interação quase-mediada*, ou seja, aquela em que as relações sociais são “estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc).” Segundo Thompson, ainda, as duas primeiras situações interativas são *dialógicas*, enquanto a última é *monológica*, isto é, “o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único. O leitor de um livro, por exemplo, é principalmente o receptor de uma forma simbólica cujo remetente não exige (e geralmente não recebe) uma resposta direta e imediata”.

preconceitos de sua contemporaneidade que sempre estiveram presentes nas questões que envolvem o uso da gíria.¹⁶

Análise dos exemplos

A linguagem esportiva é especial e tem as suas gírias próprias, oriundas muitas vezes de sua nomenclatura técnica que, na maioria das vezes, é composta por palavras e expressões estrangeiras. Mas, além dessas, por um processo de transferência, ela se vale da colaboração de muitas outras gírias de outros grupos sociais.

A gíria (talvez fosse melhor empregarmos os termos *as gírias*) empregada nos esportes de um modo geral, não tem como objetivo a preservação hermética do grupo como se concebe nas gírias marginais. Não, pelo menos, no sentido de proteção, salva-guarda, preservação grupal. Não há o que esconder no mundo dos esportes. Na verdade, a gíria esportiva, particularmente a gíria futebolística em nosso país, tem como objetivo maior atrair a atenção do público como um todo, seja ele leitor, ouvinte ou televisivo.¹⁷ Ao contrário da gíria marginal, que prima pelo hermetismo social, a linguagem esportiva procura ampliar a adesão grupal, atrair o restante da comunidade para a formação de um grande grupo social único, como as grandes torcidas futebolísticas, por exemplo. Nesse sentido, o vocabulário gírio do futebol (e outras modalidades esportivas, também) prima pelas expressões alegres e joviais, pela linguagem adesiva, agregativa, pelas expressões pitorescas, pela evocação do ócio dominical. Sua função é, de certo modo, terapêutica e se apresenta como elemento facilitador do alívio tensional das atribulações cotidianas das grandes multidões. A sua presença no texto escrito jornalístico se reveste de um alto grau semântico de informalidade, assim como se dá numa descompromissada conversa informal

¹⁶ Cf. Casciani, 1948.

¹⁷ “O linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir ao comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até à incessante luta pela conquista de maior audiência. Este fato leva, inclusive, à necessidade de atrair ouvintes através de auto-afirmação capaz de criar uma terminologia às vezes inédita, que caracterize a busca de marca pessoal de cada comunicador, recurso que outros colegas jamais ousam seguir, por considerarem falta de originalidade imitar alguém que atue na mesma região.” (Capinussú, 1988: 15).

entre amigos que compartilham uma certa intimidade. Observem-se os seguintes exemplos¹⁸:

“Para Marcos Senna, a equipe não pode **dar sopa para o azar.**” (*Lance*, 1.4.2001, p. 5).

“Fácil entender que Luxemburgo preferiu agir com cuidado para não **quebrar os cristais.**” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 7).

“O Real continua sendo seguido pelo La Coruña, que **não deu refresco**, ganhando do Villarreal por 4 a 2.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 19).

“‘O futebol é assim mesmo. Um dia você é **burro**, no outro você já é inteligente’, comenta o treinador.” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 7).

“Maurício, inspirado, **salvou a pátria.**” (*Lance*, 9.4.2001, p. 4).

“**Xô, urubu!**” (*Gazeta Esportiva*, 2.5.2001, p. 1).

“Para Cio, o gol de Renato não foi um gol qualquer, pois acabou **livrando a cara** da equipe.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 12).

“[...] o pessoal deveria **tomar uma dose de simancol e sumido de circulação** [...]” (*Gazeta Esportiva*, 2.5.2001, p. 4).

“O Leão pode ser o rei, mas quem **cantou de galo** ontem, em Limeira, foi a Macaca.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 13).

“Azulão **canta de galo**” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 3).

“Edu e Zé Elias adotam **‘Luxemburguês’**” (*Gazeta Esportiva*, 26.5.01, p. 3).

“O gol **deu um refresco** às reclamações da torcida que estava **pegando no pé** de Lobo pois o jogador havia perdido quatro boas chances.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 13).

“Lá, no treino de reconhecimento do estádio, seguramente ele falará e apontará as falhas, mas deverá ser paternal, **pegando de leve.**” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 7).

“Valdir encontrou uma via expressa para **se mandar** ao ataque.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 14).

“Na etapa final, a torcida já começava a **chiar** quando Lopes fez o terceiro do Verdão.” (*Gazeta Esportiva*, 4.5.01, p. 4).

“O tenista que fez **cair o queixo** do público brasileiro não faz questão de ser humilde.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 27).

¹⁸ Os destaques em negrito em todos os exemplos que se seguem são nossos e foram grafados para facilitar a explanação. Os jornais brasileiros normalmente usam esses termos e expressões gríias sem destacá-los.

Uma linguagem de ethos jocoso

Na gíria marginal, os vocábulos têm uma conotação pejorativa, os termos são carregados de uma expressividade ofensiva e, não raro, têm a intenção de agredir ou depreciar o lado social. Na linguagem esportiva, ao contrário, a expressividade dos termos gírios busca alcançar um *ethos* jocoso, de integração, parodial. Observem-se os seguintes exemplos:

“Numa **bobeira** da zaga corintiana, Mauro marcou.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 4).

“Pelé, um **pé frio** de carteirinha” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 5).

“Outro má fase que o zagueiro Edu Dracena quer ajudar o Bugre a resolver é a **‘furada’** defesa do clube.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 11).

“**Urubu** não, Gavião!” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 1).

“Aos 34 minutos, Richard aproveitou **bobeira** da zaga atleticana e tocou por cobertura para Lico, que chegava à área.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 17).

“Peixe **duro de engolir**” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p.1).

“**Os barbeiros** de Interlagos.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 22).

(Neste exemplo acima, numa clara e alusiva paródia à conhecidíssima Ópera *Os barbeiros de Sevilha*, de Rossini (1816), baseada em comédia de Pierre-Augustin de Beaumarchais).

“Ele marcava, com estilo, e a **galera** santista comemorava.” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p. 4)

“Agora, com o sucesso de Gustavo Kuerten, elas trocaram os campos pelas quadras: as famosas **marias-chuteira**, que assediavam apenas os craques dos gramados, se transformaram em **marias-raquetes!**” (*Lance*, 4.4.2001, p. 25).

“Na minha geração, todo mundo era santista. Não tinha como não torcer para aquele **timaço** de Pelé, Coutinho e Pepi’, lembra [...]” (*Gazeta Esportiva*, 6.5.2001, p. 7).

“Sucesso de Guga cria uma nova classe no Brasil: a das **‘maria-raquete’**” (*Lance*, 4.4.2001, p. 25).

A linguagem dos cruzamentos semânticos

A metáfora também é um recurso estilístico bastante usada na gíria da linguagem jornalística esportiva. Normalmente ela procura aproximar dois ou mais termos que apresentam algum campo semântico comum. De alguma forma os termos se relacionam entre si, criando uma nova esfera conceptual. Observem-se os seguintes exemplos:

“O clássico entre Botafogo e Flamengo promete **esquentar** o fim de semana dos cariocas.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 15).

(Observe-se a relação entre os termos *Botafogo*, *esquentar* e *cariocas*. Automaticamente eles nos remetem, por associação, à idéia de *Rio de Janeiro*, *verão*, *calor*).

“Aos poucos o Tricolor foi se acertando, mas a bola não chegava **redonda** à área.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 15).

(Da mesma forma que o exemplo anterior, observe-se a relação entre os termos *bola* e *redonda* que automaticamente nos remetem à idéia de *esféricas*).

“**Urubu** não, Gavião!” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 1).

(*Urubu* e *Gavião*: ambos os termos representam aves na linguagem comum).

Uma linguagem conotativa

Algumas metáforas gírias simplesmente alteram os significados usuais dos vocábulos para assumir uma conotação estilística especial e valorizar o enunciado:

“Galvão Bueno [...] teve de **engolir** uma frase exaltada.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 3).

“Para mim a Feiticeira já **rodou** e saiu da prova.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 27).

“Sacramento na **cola** do San Antonio.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 30).

“Pelé considerado autêntico **pé frio**, principalmente quando opina sobre previsões e resultados.” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 5).

“Na **cola** dos bandidos”. (*Gazeta Esportiva*, 17.5.2001, p. 7).

“De fato, o alemão **sobrou**.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 20).

“O Santos foi **enrolado** no Paulista” (*Gazeta Esportiva*, 23.5.2001, p. 10).

“Peixe **duro** de engolir” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p. 1).

A linguagem das metáforas

São comuns, também, na linguagem de futebol, as metáforas gírias que se relacionam com bichos:

“Rafter é um **gato**, mas não venho aqui só por causa dele.” (*Lance*, 4.4.2001, p. 25).

“Timão espanta a **zebra** em grande estilo e não dá a mínima chance para nova urucubaca: massacra o Flamengo do Piauí e chega com força total às semifinais do Campeonato Paulista” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 1).

“Passaram-se 15 minutos e, num **frangaço** de Carlos germano, Ewerthon ampliava o placar para o Timão.” (*Lance*, 9.4.2001, p. 4).

“Goleada espanta **urubu**” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 3).

“O Corinthians goleou o Flamengo de Piauí, por 8 a 1, ontem à noite, no estádio Albertão, e espantou de vez o **urubu** que teimou em aparecer em seu destino.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p.3).

“Botafogo aposta na **zebra**” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 7).

“O Botafogo não passa de um time de sorte, uma verdadeira **zebra**, para muitos especialistas do futebol.” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.2001, p. 7).

“**Zebra** espanhola em Hamburgo” (*Gazeta Esportiva*, 21.5.2001, p. 1).

Uma linguagem de estruturas repetidas

As estruturas repetidas também fazem parte da gíria da linguagem jornalística esportiva:

“**Oba-oba** em Limeira” (*Lance*, 1.4.2001, p. 12).

“Não gosto muito deste formato de **mata-mata**. [...]” (*Gazeta Esportiva*, 6.5.2001, p. 6).

“Na minha época de autorama, quando vinha um carinha e dava um **totó**, a gente aproveitava e dava umas cotoveladas no sujeito.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 25).

“**Babados** do GP” (*Lance*, 2.4.2001, p. 27)

“É a nossa única competição e entramos no **mata-mata**. Não podemos ficar sem jogar”, diz (Galeano)” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 8).

Uma linguagem de expressões reduzidas

Reduções de expressões gírias também são frequentemente encontradas na linguagem jornalística esportiva:

“**Pô**, Rubinho, em Ímola, vai no box de Williams e faz isso no Ralf.” (*Lance*, 2.4.01, p. 25).

“Além do mais, todo mundo viu que ele chorou **pacas**.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 25).

“**Pô**, é muita inocência dele”, ironizou Gil [...]” (*Gazeta Esportiva*, 1.5.2001, p. 6).

“Léo, o chamado ‘aluno **cdf**’, cumpriu a tarefa e ficou de olho nas artimanhas do adversário.” (*Gazeta Esportiva*, 4.5.2001, p. 4).

Uma linguagem de estruturas onomatopáicas

Estruturas gírias onomatopáicas também são encontradas na valorização estilística da linguagem jornalística esportiva:

“**Xô**, dia da mentira.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 6).

“**Xô**, urubu!” (*Gazeta Esportiva*, 2.5.2001, p. 1).

A linguagem das invencionices

As criações gírias também são bastante freqüentes para valorizar o estilo:

“Sou contra. Primeiro ele faz o maior **auê** para sair e agora quer voltar só porque não encontrou um time. Isso é palhaçada – protestava.” (*Lance*, 2.4.2001, p. 5).

“Mas antes de pensar no rival de São Januário, o Fluminense tinha ontem a dura missão de espantar o **bicho-papão** da Taça Rio.” (*Lance*, 1.4.2001, p. 15).

“Timão espanta a zebra em grande estilo e não dá a mínima chance para nova **urucubaca**: massacra o Flamengo do Piauí e chega com força total às semifinais do Campeonato Paulista” (*Gazeta Esportiva*, 3.5.01, p.1).

“O colombiano mostrou sua experiência e **catimbou** bastante a equipe adversária.” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p. 4).

“A fascinação com a abertura de mercado para motivar a nossa indústria trouxe não só os **cacarecos** valorizados pela classe média como também os ideais táticos do futebol europeu.” (*Gazeta Esportiva*, 20.5.2001, p. 2).

A linguagem dos nomes próprios alterados

É bastante comum, encontrarmos na linguagem popular (e na linguagem jornalística esportiva também), nomes próprios com sua estrutura morfológica alterada, geralmente reduzida “com intenção crítico-humorística ou, então, tentando reproduzir a intimidade que, na língua oral, os falantes têm com pessoas, políticos, instituições (clubes, por exemplo, na linguagem do futebol)” (Dias, 1996: 75):

“**Bota** arrisca tudo. Ponte come quieta.” (*Gazeta Esportiva*, 6.5.2001, p. 7).

“**Bota** reverte vantagem.” (*Gazeta Esportiva*, 7.5.2001, p. 6).

“**Fla** viaja, mas não sabe se joga” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 3).

“Retranca gaúcha pára o **Flu**” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.01, p. 9).

“**Fla** atropela mais um” (*Gazeta Esportiva*, 10.5.2001, p. 12).

“**Juve** tem decisão em Florença” (*Gazeta Esportiva*, 11.5.2001, p. 12).

“**Lusa** quer quatro reforços.” (*Gazeta Esportiva*, 25.5.2001, p. 8).

Considerações Finais

A proposta inicial do nosso trabalho foi a de fazer um estudo comparativo da linguagem jornalística esportiva, enquanto *gênero textual* escrito, utilizada pelos jornais especializados no ramo esportivo de Portugal e do Brasil.

Na execução da nossa proposta, procuramos demonstrar o comportamento lingüístico de cada uma dessas duas imprensas jornalísticas escritas e quais as estratégias de comunicação com que elas procuram estabelecer interação com o seu público-leitor.

O estudo comparativo nos possibilitou concluir que a imprensa jornalística escrita portuguesa mostra-se mais *formal* que a congênere brasileira, isto é, a sua estratégia comunicativa busca uma linguagem mais próxima da linguagem literária, onde são valorizadas as construções sintáticas mais elaboradas, o gosto pelas construções em conformidade à norma culta e a seleção de uma propriedade vocabular mais apurada.

A linguagem jornalística esportiva escrita do Brasil, por sua vez, mostrou-se mais *informal* que a congênere portuguesa, isto é, a sua estratégia de comunicação com o seu público-leitor procura, por meio do gênero textual escrito, resgatar o clima da conversa trivial entre amigos. Para conseguir este objetivo, a imprensa jornalística brasileira se utiliza de construções sintáticas menos complexas e de uma propriedade vocabular mais comum, isto é, mais próxima da oralidade. A gíria, como uma típica representante da oralidade, torna-se a principal estratégia utilizada por este tipo de imprensa escrita brasileira.

Finalmente, o estudo comparativo nos possibilitou, ainda, constatar a grande diversidade lingüística, principalmente a lexical, que se pode encontrar num mesmo tipo de gênero textual, no caso a linguagem esportiva jornalística, quando utilizada por comunidades de fala diferentes, embora participem do mesmo sistema lingüístico.

Referências Bibliográficas

- ALÉONG, S. (2001).** Normas lingüísticas, normas sociais, uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (2001) (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Edições Loyola.
- BECHARA, E. (1978).** *Lições de Português pela análise sintática*. 11 ed. ver. Rio de Janeiro: Grifo (Coleção Littera: v. 10).
- _____ (2001). *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BIDERMAN, M. T. C. (2001).** *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes (Coleção leitura e crítica).
- CAMARA JR. J. M. (2000).** *Estrutura da língua portuguesa*. 31 ed. Petrópolis: Vozes.
- CAPINUSSÚ, J. M. (1988).** *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: IBRASA (Biblioteca de Estudos Brasileiros; v. 18).
- CARVALHO, N. F. de (1996).** Estruturas semânticas no léxico do futebol. *Alfa: Revista de Lingüística (Universidade Estadual Paulista/UNESP)*, São Paulo, v. 40: 75-102, 1996.
- CASCIANI, C. (1948).** Histoire de l'argot. In: LA RUE, J. *Dictionnaire d'argot*. Paris: Flammarion.
- CASTRO, A. F. (1947).** *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra: Fac. de Letras.
- COUTINHO, I. L. (1969).** *Gramática histórica*. 6 ed. rev. - 2ª imp. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica (Coleção Biblioteca Brasileira de Filologia: v. 4).
- CUNHA, A. G. da (1982).** *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- DIAS, A. R. F. (1996).** *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular.* São Paulo: Educ e Cortez.
- ELIA, S. (1987).** *Sociolingüística: uma introdução.* Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED.
- FÁVERO, L.L. et alli (1999).** *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.* São Paulo: Cortez.
- FEIJÓ, L. C. S. (1994).** *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol.* Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro/UERJ.
- FERNÁNDEZ, M. C. L. O. (1974).** *Futebol – fenômeno lingüístico: análise lingüística da imprensa esportiva.* Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica/Editora Documentário.
- FERREIRA, M.B. et alli (1996).** Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, H. I. et alli (Org.) (1996). *Introdução à lingüística geral e portuguesa.* Portugal: Caminho (Coleção universitária, série Linguística).
- FERRERO, E. (1972).** *As gírias da vida marginal, de 1500 até hoje.* Verona: Mondadori.
- FIORIN, J. L. (2000).** *Política lingüística no Brasil.* Gragoatá, n. 9, p. 221-231, 2. sem.
- HORTON, P. B. & HUNT, C. L. (s/d).** *Sociologia.* São Paulo: Editora McGraw-Hill. Ltda.
- ILARI, R. (2002).** *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras.* São Paulo: Contexto.
- KATO, M. A. (1998).** *No mundo da escrita.* 6 Ed. São Paulo: Ática (Série Fundamentos).
- KUNCZIK, M. (2001).** *Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação.* 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Com-Arte).
- LEITE, Y. & CALLOU, D. (2002).** *Como falam os brasileiros.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Coleção Descobrimdo o Brasil).
- LOPES, E. (1981).** *Fundamentos da lingüística contemporânea.* 5 ed. São Paulo: Cultrix.
- MACHADO, J. P. (s.d.).** *Palavras a propósito de palavras – notas lexicais.* Portugal: Editorial Notícias (Coleção Lingüística).

- MARÇALO, M. J. (1994).** A dinâmica da língua – implicações num estudo sincrónico. In: VÁRIOS AUTORES (1994). *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*. Portugal: Associação Portuguesa de Lingüística/Edições Colibri.
- MARCUSCHI, L. A. (2001).** *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (2002).** Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et alli (ORG.) *Gêneros textuais & ensino*. RJ: Lucerna.
- MARTINS, N. S. (1997).** *Introdução à estilística*. 2 ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz (Biblioteca Universitária de Língua e Lingüística: v. 8).
- MELLO, H. A. B. de (1999).** *O falar bilíngüe*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás.
- NUNES, J. H. (2001).** Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da lexicografia no Brasil. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *História das idéias lingüísticas*. Mato Grosso: Pontes.
- ONG, W. (1998).** *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus.
- PAILLET, M. (1986).** *Jornalismo: o quarto poder*. São Paulo: Brasiliense.
- PENNA, L. (1998).** *Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PINTO, E. P. (1992).** *A língua escrita no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática (Série Fundamentos: 17).
- PRATA, M. (1999).** *Dicionário de português – Schifaizfavoire: crônicas lusitanas*. 19 ed. São Paulo: Globo.
- PRETI, D. (1989).** Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, A.T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ (1999). A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, D. (Org.). *O discurso oral culto*. 2 ed. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, v. 2).

PRETI, D. (2000). A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (Org.). (2000). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos – NURC/SP, v. 4).

RIESMAN, D. (1980). As tradições oral e escrita. In: CARPENTER, E. & McLUHAN, M. (Org.) *Revolução na comunicação*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SILVA, D. (2002). *A vida íntima das palavras – origens e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Ars.

SOUSA DA SILVEIRA, A. F. de (1972). *Lições de Português*. 8 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal (Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa).

TEYSSIER, P. (1989). *Manual de língua portuguesa*. Portugal: Coimbra Editora.

THOMPSON, J. B. (2001). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.